

CAROLINA
MARIA DE JESUS

Autora de Quarto de despejo

Diário de Bitita



EDITORA
FRONTEIRA

contra-capá

Pouco antes de morrer, Maria Carolina de Jesus — a autora de Quarto de despejo, que na década de 60 teve repercussão internacional de público e crítica — entregou a jornalistas franceses que vieram entrevistá-la os cadernos manuscritos que compõem este Diário de Bitita. Neles a autora escreveu sobre sua infância e sua luta contra a miséria e o preconceito racial. Dirigindo um olhar atento à realidade à sua volta e narrando com sensibilidade suas vivências pessoais, Carolina de Jesus criou um texto de força impressionante, que expressa a visão de mundo e também o papel histórico de uma imensa parcela oprimida da população brasileira. Escrito com inteligência e numa linguagem original, Diário de Bitita significa bem mais que um testemunho pessoal: é um exemplo espontâneo de contestação, onde a experiência vivida se torna mensagem literária.

EDITORA NOVA FRONTEIRA

Sempre um bom livro

Aba(s)

Diário de Bitita

Maria Carolina de Jesus é a autora de Quarto de despejo, livro que, publicado em 1960, teve repercussão internacional, figurando entre as obras mais expressivas da chamada “literatura documentária de contestação”. Mas a notoriedade e a fama, o assédio da imprensa, a atenção do público e do Governo logo terminaram, e Carolina de Jesus voltou à miséria quase absoluta, à mesma vida de favelada que retratara em seu livro. Pobre e esquecida, pouco antes de sua morte, em 1977, ela entregou a jornalistas que foram entrevistá-la os dois cadernos manuscritos que compõem o Diário de Bitita.

Esta narrativa tem força e autenticidade; é capaz de surpreender e comover com seu texto às vezes ingênuo, outras vezes quase bizarro, mas sempre perspicaz, onde ganha expressão o mundo interior de um ser humano cheio de sonhos, às voltas com a dureza e a indiferença da sociedade. Assim como a outra grande obra de Maria Carolina, este livro não é fruto de uma preocupação artística — são apontamentos escritos nas horas livres de uma trabalhadora, uma mulher negra, nascida no interior de Minas Gerais na primeira ou segunda década do século, criada na miséria, vítima constante do preconceito. Mesmo assim, ou por isso mesmo, sua inteligência e sensibilidade, a

consciência que tem de si própria e sua curiosidade frente ao mundo que a cerca fazem deste livro mais do que um testemunho. Pois, inseparável da história pessoal da autora, aparece aqui uma outra face da História, protagonizada por todos aqueles que a constroem sem que possam, contudo, escrevê-la.

Maria Carolina de Jesus conta sua infância e seu crescimento, sua peregrinação entre o campo e as pequenas cidades à procura de trabalho. Expressa também sua visão de mundo, suas experiências, suas opiniões — desde a singela lembrança da criança faminta que prova cocada em lata, até a reflexão sobre os governos e as revoluções. E o faz numa linguagem originalíssima, que junta vocabulário rico e extrema correção gramatical a construções inusitadas —

reflexo da dualidade entre a cultura oral e a instrução adquirida nos livros.

Alberto Moravia viu a criação de Maria Carolina de Jesus como superior a todos os outros romances de enredo inventado. Através do “simples” relato de episódios, evidencia-se o lado obscuro do país, a imensa distância entre o Brasil oficial e o real. Mais ainda, cria-se uma literatura, por assim dizer, “em estado bruto”, que não é a elaboração estética de um artista, mas sim o resultado vigoroso da ação concreta de viver.

Capa: Victor Burton; sobre Morro, óleo sobre tela de Di Cavalcanti (1930)

CAROLINA MARIA DE JESUS

DIÁRIO DE BITITA

EDITORA NOVA FRONTEIRA

© Éditions A.M. Métailié

Direitos de edição da obra em língua portuguesa

no Brasil adquiridos pela

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Rua Bambina, 25 — Botafogo — CEP 22.251 —

Tel.: 286-7822

Endereço telegráfico: NEOFRONT — Telex: 34695 ENFS BR Rio de Janeiro,
RJ

Revisão tipográfica

Andrea Corrêa Rodrigues / Edilson Chaves Cantalice / Uranga

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977.

J56d Diário de Bitita / Carolina Maria de Jesus. — Rio de Janeiro: Nova
Fronteira, 1986.

(Ficção Brasileira)

1. Literatura brasileira — Romance. I. Título. II. Série.

86-0802 CDD — 869.93

Digitalização, Formatação e correção: Chuncho (LAVRo)

SUMÁRIO

1. Infância
2. As madrinhas
3. A festa
4. Ser pobre
5. Um pouco de história
6. Os negros
7. A família
8. A cidade
9. Meu genro
10. A morte do avô
11. A escola
12. A fazenda
13. Retorno à cidade
14. Doméstica
15. A doença
16. A revolução
17. As leis da hospitalidade
18. A cultura
19. O cofre
20. Médiun
21. A patroa
22. Ser cozinheira

1

INFÂNCIA

Os pobres moravam num terreno da Câmara: “O Patrimônio”.

Não tinha água. Mesmo furando o poço eles tinham que andar para carregar água. Nós morávamos num terreno que o vovô comprou do mestre, um professor que tinha uma escola particular. O preço do terreno foi cinquenta mil-réis. O vovô dizia que não queria morrer e deixar os seus filhos ao relento.

A nossa casinha era recoberta de sapé. As paredes eram de adobe cobertas com capim. Todos os anos tinha que trocar o capim, porque apodrecia, e tinha que trocá-lo antes das chuvas. Minha mãe pagava dez mil-réis por uma carroça de capim. O chão não era soalhado, era de terra dura, condensada de tanto pisar.

Eu estava fazendo a *minha, avant-première* no mundo. E conhecia o pai do meu irmão e não conhecia o meu. Será que cada criança tem que ter um pai? O pai de minha mãe foi Benedito José da Silva. Sobrenome do Sinhô. Era um preto alto e calmo. Resignado com a sua condição de soldo da escravidão. Não sabia ler, mas era agradável no falar. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje.

Eu achava bonito ouvir a minha mãe dizer: — Papai! — E o vovô responder-lhe: — O que é, minha filha?

Eu invejava a minha mãe por ter conhecido pai e mãe.

Várias vezes pensei interrogá-la para saber quem era o meu pai. Mas faltou-me coragem. Achei que era atrevimento da minha parte. Para mim, as pessoas mais importantes eram a minha mãe e o meu avô.

Ouvia as velhas dizer que as crianças têm que obedecer aos pais e respeitá-los. Um dia, ouvi da minha mãe que o meu pai era de Araxá, e o seu nome era João Cândido Veloso. E o nome de minha avó era Joana Veloso. Que o meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele tinha só um terno de roupas.

Quando ela lavava a sua roupa, ele ficava deitado nu. Esperava a roupa enxugar para vesti-la e sair. Cheguei à conclusão que não necessitamos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer do tempo vamos tomando conhecimento de tudo.

Quando a minha mãe falava eu me aproximava para ouvi-la. Um dia, a minha mãe repreendeu-me e disse-me:

— Eu não gosto de você!

Respondi-lhe:

— Se estou no mundo é por intermédio da senhora. Se não tivesse dado confiança ao meu pai eu não estaria aqui.

Minha mãe sorriu e disse:

— Que menina inteligente. E está com quatro anos.

Minha tia Claudimira comentou:

— Ela é mal-educada.

Minha mãe defendia-me, dizendo que eu tinha dito a verdade.

— Ela precisa apanhar! Você não sabe criar filhos.

Elas iniciaram uma discussão. Pensei: “A minha mãe é quem foi ofendida e não ficou ressentida.” Percebi que a minha mãe era a mais inteligente.

— Bate, Cota! Bate nesta negrinha! Ela está com quatro anos, mas o cipó se torce enquanto é novo.

— O que tem de ser, já nasce — respondia a minha mãe.

Fiquei preocupada, pensando: “O que será quatro anos? Será doença? Será doce?”

Saí correndo quando ouvi a voz do meu irmão convidando-me para irmos catar gabiobas.

O que me preocupava era o dia de sábado. Que agitação! Homens e

mulheres preparando-se para irem ao baile. Será que o baile é indispensável na vida dos homens? Pedia a minha mãe para levar-me ao baile. Queria ver o que era baile, que deixava os negros ansiosos. Falavam no baile mais de cem vezes ao dia.

Baile... deve ser uma coisa muito boa, porque os que falavam no baile sorriam. Mas o baile era à noite, e à noite eu estava com sono.

Eu invejava as mulheres. E queria crescer para arranjar um namorado.

Um dia vi duas mulheres brigando por causa de um homem. Elas puxavam os cabelos e diziam: — Ele é meu, desgraçada! Cadela! Sem-vergonha! Se eu souber que você dormiu com ele, eu te mato!

Fiquei abismada. Será que o homem é tão bom assim? Por que as mulheres brigam por eles? Então o homem é melhor do que cocada, pé-de-moleque, batatas fritas com bife? Por que será que as mulheres querem casar-se?

Será que o homem é melhor do que banana frita com açúcar e canela? Será que o homem é mais gostoso do que arroz com feijão e frango? Será que quando eu ficar grande conseguirei um homem para mim? Quero um homem bem bonito!

As minhas idéias variavam de minuto a minuto iguais às nuvens no espaço que formam belíssimos cenários, porque se o céu fosse sempre azul não seria gracioso.

Um dia perguntei a minha mãe:

— Mamãe, eu sou gente ou bicho?

— Você é gente, minha filha!

— O que é ser gente?

A minha mãe não respondeu.

À noite eu olhava o céu. Mirava as estrelas e pensava: “Será que as estrelas falam? Será que elas dançam aos sábados? Sábado hei de olhar para ver se elas estão dançando. No céu deve ter estrela mulher e estrela homem. Será que as

estrelas mulheres brigam por causa dos homens? Será que o céu é só onde estou vendo?”

Quando eu ia buscar lenha com a minha mãe, avistava o céu no mesmo formato.

No mato eu vi um homem cortar uma árvore. Fiquei com inveja e decidi ser homem para ter forças. Fui procurar a minha mãe e supliquei-lhe:

— Mamãe... eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher! Vamos, mamãe! Faça eu virar homem!

Quando eu queria algo, era capaz de chorar horas e horas.

— Vai deitar-se. Amanhã, quando despertar, você já virou homem.

— Que bom! Que bom! — exclamei sorrindo.

Quando eu virar homem vou comprar um machado para derrubar uma árvore. Sorrindo e transbordando de alegria, pensei que precisava comprar uma navalha para fazer a barba, uma correia para amarrar as calças. Comprar um cavalo, arreios, chapéu de abas largas e um chicote. Pretendia ser um homem correto. Não ia beber pinga. Não ia roubar, porque não gosto de ladrão.

Deitei e adormeci. Quando despertei, fui procurar a minha mãe e lamentei:

— Eu não virei homem! A senhora me enganou.

E ergui o vestido para ela ver.

Seguia a minha mãe por todos recantos, chorando e pedindo:

— Eu quero virar homem! Eu quero virar homem. Eu quero virar homem.

Falava o dia todo.

As vizinhas ficavam impacientes e diziam:

— Dona Cota, espanca esta negrinha! Que menina cacete. Macaca.

Minha mãe tolerava e dizia:

— Quando você ver o arco-íris, você passa por debaixo dele que você vira homem.

— Eu não sei o que é arco-íris, mamãe!

— É o arco-da-velha.

— Ah! Sim...

E o meu olhar girou-se para o céu. Sendo assim, tenho que esperar quando chover. E o arco-íris aparecer. Por uns dias deixei de chorar.

Uma noite choveu. Levantei para ver se o arco-íris estava visível, Minha mãe acompanhou-me para ver o que eu estava fazendo. Vendo-me olhar o céu, perguntou-me:

— O que está procurando?

— O arco-íris, mamãe.

— O arco-íris não sai à noite.

Minha mãe falava pouco.

— Por que é que você quer virar homem?

— Quero ter a força que tem o homem. O homem pode cortar uma árvore com um machado. Quero ter a coragem que tem o homem. Ele anda nas matas e não tem medo de cobras. O homem que trabalha ganha mais dinheiro do que uma mulher e fica rico e pode comprar uma casa bonita para morar.

Minha mãe sorriu e levou-me para a cama. Mas quando se aborrecia com os meus interrogatórios espancava-me.

A minha madrinha de batismo é quem me defendia. Ela era branca. Quando comprava um vestido para ela, comprava outro para mim. Penteava meus cabelos e beijava-me. Eu pensava que era importante porque a minha madrinha era branca.

Eu pensava em comer só as coisas gostosas. Lembro que quando comi

bananas fritas com canela, disse:

— Que coisa gostosa! — E por vários dias eu fiquei pensando nas bananas fritas com canela. Se eu pudesse comer mais um pouquinho! Se eu pudesse comer novamente!

Comi cocada em lata. Oh, que coisa gostosa! E fiquei pensando na cocada em lata. A primeira vez que vi sardinha em lata e comi a sardinha com pão... pobre mamãe! Não mais teve sossego. Eu pedia a todos os instantes:

— Quero aquela coisa gostosa. Quero aquela coisa gostosa! — E seguia minha mãe por todos os recantos.

A tia Teresa perguntou:

— O que é que ela quer?

Ouvi minha mãe dizer:

— Quer sardinha com pão.

E assim fiquei sabendo que aquela coisa gostosa era sardinha.

Eu era insuportável. Quando queria alguma coisa era capaz de chorar dia e noite até conseguir. Eu era persistente em todos os caprichos. Pensava que o importante é conseguir o que desejamos.

E os meus desejos eram satisfeitos. O único meio de minha mãe conseguir paz era me contentar. A minha mãe era tolerante. Me olhava, sorria e dizia:

— Veja a cara dela!

Não me espancava.

As vizinhas me olhavam e diziam

— Que negrinha feia! Além de feia, antipática. Se ela fosse minha filha eu matava.

Minha mãe me olhava e dizia:

— Mãe não mata o filho. O que a mãe precisa ter é um estoque de paciência.

O senhor Eurípedes Barsanulfo disse-me que ela é poetisa!

AS MADRINHAS

Quando a minha mãe ia trabalhar, deixava-me aos cuidados de minha madrinha, a siá Maruca. Quando completei sete anos, a minha mãe convidou a dona Matilde para crismar-me. Ela comprou um vestido de chita para eu usar. Quando vesti o vestido, pensei que estava muito bonita. Olhava todos que passavam pelas ruas para ver se estavam me olhando por eu estar usando um vestido novo. Como é bom ser criança, época em que tudo que é novo tem imenso valor para nós! Eu estava descalça porque a minha mãe não pôde comprar um “pé de anjo” para mim.

Fui com a minha madrinha para a igreja. Ela alugou um carro de praça. O cocheiro do carro era o primo mulato de minha mãe, José Marcelino. Ele cobrou quinhentos réis por pessoa. A minha madrinha deu-lhe dez mil- réis. Eu pensei: “Puxa, ela tem muito dinheiro! Já sou importante, tenho uma madrinha rica.”

As pessoas adultas circulavam pelas ruas acompanhadas das crianças, segurando-as pelas mãos. A igreja estava superlotada. Os altares enfeitados com flores cor-de-rosa.

A minha madrinha fez a genuflexão. Perguntei:

— Por que é que a senhora se ajoelhou?

— Quando estamos na igreja, temos que ajoelhar para saudar o Santíssimo Sacramento no altar.

As mulheres da roça estavam na cidade para crismar as crianças. Usavam vestidos compridos e estampados. Os cabelos eram penteados em coques, ou cachos, ou então tranças com fitas. O bispo era de Uberaba. A minha madrinha me explicava que o padre batiza e o bispo crisma.

As velas estavam acesas. Os que entravam na igreja levavam flores. E a

fusão das cores alegrava o templo santo. O perfume do incenso e das flores mesclava-se. Aquilo para mim era um deslumbramento.

Depois que minha madrinha crismou-me, voltamos a pé. Eu achei um lenço e a minha madrinha disse que eu poderia usá-lo depois que o lavasse.

Pensei: agora tenho que obedecer à minha madrinha rica que tem dez mil-réis. Fiquei pensando: “Tenho três madrinhas, qual é a melhor? Uma preta, uma mulata e a outra branca.” A branca era tão boazinha que eu a alcunhei de madrinha doce. A siá Maruca era preta. Mas era carinhosa, penteava e trançava os meus cabelos. A madrinha Matilde que me crismou era mulata. A madrinha Mariinha era a branca.

Minha mãe dizia:

— Quando a mãe morre, a madrinha é obrigada a criar o afilhado. A madrinha é a segunda mãe. Você não pode xingar as suas madrinhas, você tem que respeitá-las.

Eu era magrinha e o vestido era folgado, eu parecia um palito dentro do vestido. Eu ia observando tudo. Que alegria quando chegamos na casa de minha madrinha! Almoçamos sentadas na mesa. Arroz, feijão, torresmo, carne de porco e quiabo. A sobremesa: arroz-doce com canela. Oh, que coisa gostosa! Exclamei:

— Se eu pudesse comer outra vez!

Fiquei com vergonha. Minha mãe havia-me recomendado: eu deveria ser bem-educada com as minhas madrinhas. Se a mãe mandar o filho ir para o inferno, só a madrinha é quem vai retirar a criança quando é o seu afilhado.

Para mim o mundo consistia em comer, crescer e brincar. Eu pensava: o mundo é gostoso para viver nele. Eu nunca hei de morrer para não deixar o mundo. O mundo há de ser sempre meu. Se eu morrer, não vou ver o sol, não vou ver a lua, nem as estrelas. Se eu me encontrasse com Deus ia pedir-lhe: “Deus, dá o mundo para mim?”

Passei o dia com a minha madrinha. Às oito e meia da noite eu fui para minha casa. Mas o meu desejo era morar definitivamente com a minha madrinha. Não comentei o dia feliz que passei. Mas pensei constantemente na minha madrinha.

Deitei e adormeci logo. Quando os pássaros iniciaram a sinfonia matinal, eu deixei o leito, abluí-me e fui correndo para a casa de minha madrinha. Quando ela abriu a porta eu pulei para dentro e disse-lhe:

— A bênção, madrinha!

Ela assustou e respondeu:

— Deus... te... a-ben-çoe.

Passei o dia com a minha madrinha. Ela deu-me bananas fritas com canela.

— Hum, que coisa gostosa!

Eu estava supersatisfeita com aquela madrinha que me dava coisas gostosas para eu comer. Puxa, como é bom ter uma madrinha!

No outro dia levantei e fui correndo para a sua casa. Assim que ela abriu eu disse:

— A bênção, madrinha!

Ela respondeu dividindo as palavras:

— Deus... te... a-ben-çoe.

Passei o dia com a minha madrinha mas não comi doces. A tarde fui para casa descontente. Mas mesmo assim, quando o dia despontou, lá fui eu correndo. Quando ela abriu a porta, estava eu:

— A bênção, madrinha.

Ela não me respondeu, mas fez assim:

— Hum... hum... hum...

Olhou-me e disse:

— Se eu soubesse não crismava esta menina.

Fiquei magoadíssima. Fui para casa tristonha. E jurei: “Nunca mais hei de ir

na casa de minha madrinha!”

No início ela não se preocupou. Passaram-se meses e anos. De vez em quando ela mandava um prato de carne picadinha lá em casa. Só o cheiro despertava o apetite. Nós comíamos. Eu comia a maior parte, porque era para mim que ela enviava. O meu irmão me invejava:

— Você sim é que tem madrinha boa.

Minha mãe mandava eu levar os pratos. Eu não ia para não quebrar o juramento. O meu irmão levava-os.

Ela criava uma menina que fazia o serviço rudimentar sair de manhã para procurar cortagem para os porcos.

Minha madrinha adoeceu, eu não fui visitá-la. Ela morreu, eu não fui no enterro. Não fui vê-la pela última vez. Tinha opinião e dizia que quando me desligo de alguém há de ser para sempre. Rezaram o terço. Eu não compareci.

O meu padrinho Cassiano e a menina ficaram cuidando da casa. De manhã, lá ia a menina retirar as cortagens do hotel. Cortava os pedaços de carne que encontrava na cortagem e guardava. Depois fervia água e despejava na cortagem.

O meu padrinho estava em casa. Deixou o trabalho até normalizar a sua vida novamente. Observava a menina trabalhar para ver se ela sabia cuidar da casa. Ela pegava uma marmita, retirava a gordura coagulada da cortagem e dizia:

— Olha, tio Cassiano, esta cortagem o senhor pode dar aos porcos porque eu já recolhi a gordura.

Perguntou o meu padrinho preocupado:

— O que é que você faz com esta gordura?

— Com esta gordura eu vou fazer a comida. A madrinha fazia assim.

— E aquela carne que você retirou da cortagem?

— Aquela carne a madrinha cortava, depois picava e refogava com cheiro-

verde e tomate e fazia angu.

— E aquele pão duro que você guardou?

— Aquele pão duro, a madrinha amolecia no leite de cabra e deixava no forno. Nós comíamos com café e ficava gostoso.

— E o dinheiro que eu dava para ela fazer as compras?

— Ela guardava dentro de uma lata.

— Onde está a lata?

A menina conduziu o meu padrinho para o quarto, puxou um caixote que estava debaixo da cama, retirou um saco que estava dentro do caixote e dentro do saco estava uma lata com o dinheiro.

— O meu padrinho ficou admirado com a quantidade de moedas de dois mil-réis, de notas de cinco, dez, cinquenta, cem e duzentos. Passaram a tarde contando o dinheiro: treze contos. Ele ficou abismado pensando com que finalidade ela juntava aquele dinheiro. Perguntou. Ela dizia que era para construir uma casa com alpendre para ela andar pra lá e pra cá.

O meu padrinho exaltou-se:

— Cadela! Ordinária! Me dava cortagem para eu comer só para juntar dinheiro. Ela devia ser louca!

— E ela comia?

— Comia, padrinho.

O meu padrinho deu um longo suspiro, comentando:

— Infelizmente o homem não conhece a sua esposa profundamente, não sabe com quem se casa. Há quanto tempo será que estou comendo este tipo de comida? Que sacrifício tremendo para conseguir uma casa com alpendre somente para andar pra lá e pra cá.

Quando a minha mãe soube, cuspiu e disse:

— Ela me convidava para eu ir almoçar o picadinho com angu. Eu estava sempre prometendo que ia, mas não tinha tempo.

O meu irmão comentou:

— O que não mata, engorda.

Com os treze contos o meu padrinho comprou terras para plantar lavoura. Quinze alqueires de terra. Era o seu sonho concretizado. Mas ele saboreava em silêncio. Dizia que o dinheiro mais bem-empregado era o dinheiro que se gasta comprando terras. Os que compram terras não estão empobrecendo, estão enriquecendo.

Contraíu novas núpcias. Ouvi dizer que ficou rico.

Como se vê, todos têm um ideal que é o combustível da alma. A minha madrinha poderia ter construído a sua casa com alpendre para andar pra lá e pra cá...

Quando a minha madrinha Matilde não tinha nada em casa para comer, ela pegava um prato vazio e um garfo e ficava de pé na porta principal de sua casa, fingindo que estava comendo e dizendo:

Faço isto para os meus vizinhos verem que eu não passo fome, porque sempre existe um vizinho de língua grande.

3

A FESTA

Eu ficava horrorizada quando via as mulheres abraçando os homens. Pensava:

“Por que será que as mulheres abraçam os homens, e os homens ficam contentes com os carinhos das mulheres?”

O que preocupava a minha mãe era a minha mentalidade. Se alguém lhe perguntava:

— A tua filha é louca?

Ela respondia:

— A aparência é de louca. Mas não é.

Recordo quando a minha mãe teve uma menina. Nasceu morta e podre, com as carnes desligando-se dos ossos. As pessoas que iam visitá-la, saíam vomitando e comentando:

— Eu nunca vi ninguém nascer assim.

Eles diziam que era sífilis. Ficava pensando: “O que será sífilis? Quando será que hei de aprender tudo que há no mundo?” Minha mãe dizia que trabalhou demasiadamente, lavando as colchas de algodão, mistas com lã tecidas no tear. Quando molhadas pesavam setenta quilos.

Às vezes eu notava as agitações do povo comprando tecidos para confeccionar vestidos para usar no dia do ano-novo. Por que será que todos falam e sorriem neste dia? E estes dias eram comemorados com bailes. Quem será que inventou o baile? Mas eu notava que o dia do ano-novo era um dia igual aos outros com as suas misérias e angústias.

Depois do ano-novo era o carnaval. Então o mundo é sempre assim? Todos os anos é a mesma coisa? Minha mãe disse que não.

O único mês que eu sabia que existia era o mês de maio. E os negros iam pedir esmolas. Saíam com uma bandeira com o retrato de São Benedito. Quando chegavam nas casas dos ricos, as madamas introduziam a bandeira dentro dos quartos e salas suplicando ao santo que lhes auxiliasse. Embora elas tivessem casas para morar e alugar, roupas bonitas, comida em abundância, automóvel, banheiros com água quente para tomar banho todos os dias. Vivendo com conforto, ainda pediam o auxílio dos santos. Puxa! Será que os ricos não se contentam, com o que têm? Para que esses desatinos para ficar rico, se quando morre deixa tudo! Elas davam a esmola, mas faziam inúmeros pedidos.

No dia da festa, o Américo de Sousa, filho de rico, era alegre e jocoso. Para assustar os negros que dançavam a congada pelas ruas, ele levantava às três da manhã e fazia três cruzes de cinzas no meio da ponte que ia para o largo do Rosário. Quando os negros que dançavam a congada iam atravessar a ponte e viam as cruzes, ficavam com medo pensando que era feitiço. O Ameriquinho, reunido com os outros brancos, dava risadas.

Mas o José Santana, que era o galã da festa e tinha um terno de congada, pulava por cima das cruzes de cinzas e era aclamado herói pelo povo. Depois que o Santana havia pulado por cima das cruzes, o feitiço deveria ir para ele.

O que eu notava é que nas festas dos negros os brancos não iam. Um dia apareceu um senhor que não tinha as pernas. Distribuiu uns convites convidando o povo para ir ouvi-lo tocar violão no cine Recreio. Tocou a valsa *Saudades do Matão*. A valsa já era por demais conhecida. Não foi um sucesso. Creio que estava aprendendo, porque não sabia ajustar a melodia tocando e a música cantando. Ou era mentiroso.

Vaiaram o pobre homem!

— Fora! Vai tocar lá na China!

Que gargalhada. Todos sorriam, menos eu.

Porque a tristeza que notei no rosto do artista revelava que deveria existir qualquer coisa funesta na sua vida. Seria o complexo por não ter as pernas?

Tinha hora que eu tinha um medo do mundo! Era quando ouvia os homens falarem nas dificuldades que há para um homem encontrar trabalho. O mundo não é um paraíso para o homem. A guerra do Paraguai foi trágica, os homens matavam-se com canhões e bombas dinamites.

Quando eu estava com os adultos, ouvia eles falarem coisas que eu não compreendia. Quando estava com as crianças, brincávamos de roda, contávamos as estórias de fadas. E da princesa que ia dançar no inferno, porque era namorada do diabo.

O povo já estava afoito para festas juninas. E todos falavam em santo Antônio, são João Batista e são Pedro.

Uma mulher havia mandado um rei cortar a cabeça de são João Batista! Pensei: “As mulheres também mandam no mundo! Ah! então eu também vou mandar, só que não vou consentir que cortem as cabeças dos homens. As mulheres brigam por causa dos homens, gostam de beijá-los, choram porque querem os homens e depois mandam cortar a cabeça de um homem.”

Como odiei a mulher que mandou cortar a cabeça de são João Batista. Não dormi, pensando na dor que ele havia sentido. Foi o rei Herodes quem mandou cortá-la.

Puxa! Então os reis são poderosos. Fiquei com medo dos reis, graças a Deus aqui no-Brasil não temos rei. Um rei não deve ser mau. Ele deve ser bom.

Ouvia falar que haviam crucificado Jesus Cristo. Que Jesus Cristo também era um rei mas mais poderoso do que os outros reis.

As crianças estavam alegres porque na festa de são João iam comer batata-doce e beber quentão. Os homens cortavam a lenha para fazer as fogueiras, e preparavam o toldo para o baile.

Os dias de são João e santo Antônio eram designados ao casamento. As mulheres diziam:

— Eu me casei no dia de santo Antônio para ele me proteger.

Mas eu ouvia dizer que é o homem quem deve proteger a mulher depois que se casam. Como era linda a mentalidade infantil!

Eu achava o mundo feio e triste, quando estava com fome. Depois que almoçava achava o mundo belo.

Perguntei a minha mãe:

— O mundo é tão bom! Ele é sempre assim?

Não respondeu-me. Dirigiu-me um olhar tão triste, um olhar que preocupou-me. Mas insisti.

— Mamãe! Mamãe... fala-me do mundo. O que quer dizer mundo?

Ela me deu dois tapas, saí correndo e chorando.

Minha tia Claudimira disse:

— Você precisa dar um jeito nesta negrinha. Ela vai te deixar louca.

4

SER POBRE

Minha mãe me espancava todos os dias. Quando eu não apanhava sentia falta. Então compreendi que o vovô era o meu defensor.

O meu irmão era o predileto.

Quando a mamãe me batia eu ia para a casa do meu avô. Era uma choça quatro águas coberta com capim. Semelhante às ocas dos índios que eu via nos livros. A casa do vovô era tão pobre!

Ele catou quatro forquilhas e enterrou-as no chão. Pôs dois travessões e as tábuas. Era a cama com um colchão de saco de estopa cheio de palha. Uma coberta tecida no tear, um pilão', uma roda de fiar o algodão, uma gamela para lavar os pés e duas panelas de ferro. Não tinham pratos, comiam na cuia.

Siá Maruca, a mulher do meu avô, era boazinha. Não reclamava da vida. Era risonha. Não sei se aquele sorriso era um riso de resignação.

Todas as tardes o vovô rezava um terço. Nós ajoelhávamos diante do crucifixo. Eu ficava horrorizada vendo os pregos nas mãos de Cristo. Que dor que ele deve ter sentido!

O homem devia ser superperverso para ter a coragem de pregar aqueles cravos nas mãos de Jesus Cristo. Não há mérito para os que matam o seu semelhante. Eles não vão receber troféus.

O vovô já estava queixando-se que estava sentindo dores nos rins mas mesmo assim foi ouvir o senhor Manoel Nogueira. Ele nos dizia que os fazendeiros estavam desesperados, os italianos abandonavam as fazendas. Quando eles viram os colonos brancos desinteressarem-se das labutas rudes dos campos, iam nas cidades à procura de colonos. Não faziam questão de cor. Não selecionavam. Quantas promessas! Diziam aos negros:

— Vocês podem ir para a minha fazenda. Eu mandei construir um salão de baile para vocês. Eu mando buscar o sanfoneiro Juritão Marangoni, para tocar para vocês dançarem. E, no fim do ano, eu trago o *Jazz-Band* Bico Doce, de Ribeirão Preto para tocar para vocês.

Mas os negros não iam porque na cidade também havia serviço, conseguiam muito pouco.

E o senhor Nogueira dizia:

— Eles tiraram o são Benedito da lavoura e colocaram o são Genário. E a mania do brasileiro, tem o remédio no país, mas preferem importar da Europa.

E as lavouras de café foram enfraquecendo-se. O último recurso foi os fazendeiros deixarem suas terras e estabelecerem-se nas cidades. Muitos deixavam suas terras chorando.

— É o início do fim do Brasil, porque agora nós vamos para a cidade e vamos ser consumidores, será uma minoria que irá produzir para uma maioria consumir.

Eles prometiam aos negros:

— Voltem para a lavoura que nós vamos tratá-los bem. Aceitamos as suas reivindicações.

A maioria dos negros eram analfabetos. Já haviam perdido a fé nos predominares e em si próprios.

O tráfico de negros iniciou-se no ano de 1515. Terminou no ano de 1888. Os negros foram escravizados durante quase 400 anos.

Quando o negro envelhecia ia pedir esmola. Pedia esmola no campo. Os que podiam pedir esmolas na cidade eram só os mendigos oficializados. A Câmara dava uma chapa de metal com um número, depois de examinado pelo médico e ficar comprovada a sua invalidez. E o mendigo não podia emprestar dinheiro a juro. Eram fiscalizados.

Minha mãe lavava roupa por dia e ganhava cinco mil-réis. Levava-me com

ela. Eu ficava sentada debaixo dos arvoredos. O meu olhar ficava circulando através das vidraças olhando os patrões comer na mesa. E com inveja dos pretos que podiam trabalhar dentro das casas dos ricos.

Um dia a minha mãe estava lavando roupa. Pretendia lavá-la depressa para arranjar dinheiro e comprar comida para nós. Os policiais prenderam-na.

Fiquei nervosa. Mas não podia dizer nada. Se reclamasse o soldado me batia com um chicote de borracha.

E a notícia circulou.

— A Cota foi presa.

— Por quê?

Quando o meu irmão soube que a mamãe estava presa começou a chorar. Rodávamos ao redor da cadeia chorando. A meia-noite resolveram soltá-la. Ficamos alegres. Ela nos agradeceu depois chorou.

Eu pensava: “É só as pretas que vão presas.”

Quando o senhor Manoel Nogueira soube ficou penalizado:

— Coitada da Cota. Não faz mal a ninguém.

Para prender alguém é preciso existir motivos. O que eu não posso compreender é como é que eles podem aceitar um tipo analfabeto para ser policial. De duzentos homens, apenas dez sabiam ler. O último recurso era aceitar o policial analfabeto. Quando eles recebiam faziam uma cruz, para provar que haviam recebido o soldo.

Um dia, eu andava pelas ruas, ia contente. Ganhei uma lima ia oferecer à minha mãe quando apareceu o Humbertinho e me tomou a lima. Chorei. Ele era branco. Tinha servido no exército. As vezes ele vestia a farda. Parecia o Rodolfo Valentino, era mais bonito. Quando eu encontrava-o, xingava:

— Me dá a minha lima! Me dá a minha lima.

Todos temiam-no, ele era filho do juiz. E o juiz manda prender. Ele dava

vazão ao seu instinto satânico.

Uma tarde quando eu passava na frente de sua casa, ele abordou-me e me jogou várias limas no rosto, nas pernas. Que dor! Então eu xinguei:

— Cachorro ordinário, ninguém aqui gosta de você!

Vai embora, você é um sujo. "

Foram contar ao doutor Brand que foi ver a nossa discussão. Ele não compreendia por que aquelas limas estavam no chão espalhadas. Eu xingava:

— Este ordinário vive pegando no seio das meninas pobres, aperta e deixa elas chorando mas em mim você não vai encostar as suas mãos.

O doutor Brand interferiu:

— Você não tem educação?

— Eu tenho. O teu filho é que não tem.

— Cala a boca. Eu posso te internar.

— Para o seu filho fazer porcaria em mim, como faz com as meninas que o senhor recolhe? É melhor ir para o inferno do que ir para a sua casa. Doutor Brand, aqui todos falam do senhor, mas ninguém tem coragem de falar para o senhor. Os grandes não têm coragem de chegar e falar! O seu filho entra nos quintais dos pobres e rouba as frutas.

Foram avisar a minha mãe que eu estava brigando com o doutor Brand. Foram avisar os soldados. O povo corria para ver a briga. Quando o doutor Brand caminhou na minha direção, não corri e ele não me bateu.

Minha mãe puxou-me:

— Cala a boca cadela!

Gritei:

— Deixa, isto aqui é uma briga de homem com homem.

Falei:

— Olha doutor Brand, o seu filho me roubou uma lima. Todos têm medo dele, eu não tenho! Ele não recebe convite para ir nas festas dos ricos porque os ricos não querem misturar-se com ele.

— Cala a boca negrinha atrevida.

— Atrevido é o seu filho porque é filho de juiz, não respeita ninguém.

Quando ele ia me bater, eu disse-lhe:

— O Rui Barbosa falou que os brancos não devem roubar, não devem matar. Não devem prevalecer porque é o branco quem predomina. A chave do mundo está nas mãos dos brancos, o branco tem que ser superior para dar o exemplo. O branco tem que ser semelhante ao maestro na orquestra. O branco tem que andar na linha.

O doutor Brand, disse:

— Vamos parar, eu vou deixar a sua cidade.

Minha mãe pegou a minha mão e levou-me para casa. O povo pedia.

— Não bate nela.

Nem os soldados não mexeram comigo. Minha mãe não deixava eu sair de casa. Três dias depois o doutor Brand deixou a cidade. Disse que ia para o Rio de Janeiro.

Que dó que eu tive do doutor Brand. Chorei com dó da dona Sinhá, a esposa do juiz. Que mulher boazinha!

Quando me viam nas ruas, as pessoas sorriam para mim dizendo:

— Que menina inteligente, nos defendeu! Limpou a cidade.

Todos me davam presentes. Ganhei vestidos novos e usados. As filhas do farmacêutico José Neto me deram dois vestidos de lese e me perguntavam:

— Você já sabe ler?

— Não senhora.

— Puxa, quando souber então! Você promete, menina.

Diziam que foram as palavras de Rui Barbosa, que mencionei, que fizeram o juiz retroceder. Que eu falava por intermédio de um espírito. É que eu ouvia o senhor Nogueira ler *O Estado de São Paulo*.

A nossa vida melhorou um pouquinho quando a minha mãe foi trabalhar para a dona Mariquinha, esposa do senhor José Saturnino. Que família boa! Povo culto. Eram espíritas. O quintal era amplo, com várias árvores frutíferas.

Eu acompanhava o filho do patrão que ia matar os passarinhos. Os pássaros já nos conheciam. Voavam quando nos viam. Eu e o Ebantho ficamos amigos. Uma amizade gostosa, só para brincarmos juntos.

Na pensão do senhor José Saturnino residia um cego, o senhor Epifânio Rodrigues, que pedia esmola.

Quando os meninos conduziam-no pelas ruas, roubavam-lhe o dinheiro. Que coragem de roubar um cego! O ladrão não pode ir para o céu. Quando eu o conduzia, lhe entregava todo o dinheiro.

Ele dizia:

— Oh! Bitita! Você é tão correta que deveria ter nascido homem. O homem honesto e correto é sol terrestre.

Eu pensava que deveria passar por debaixo do arco-íris, para virar o homem correto para auxiliar os homens. E chorava quando ele comentava:

— Como é triste ser cego. Oh! Deus! por que me deste esta provação! Que mal eu fiz para receber tremendo castigo. As maldades que os maus praticam me causam náuseas mentais. Há os que, quando têm vista, utilizam-na para praticar o mal. Há os que passam a noite estudando, esforçando para inventar uma arma poderosa para aniquilar a humanidade.

Ficava com dó. Se eu pudesse dar-lhe um dos meus olhos! Mas, eu não posso! Revoltava-me pensando que todas as pessoas deveriam ser iguais. Repetia mentalmente as palavras do senhor Epifânio: “Que mal eu fiz a Deus

para receber tão tremendo castigo!”

Então o Deus que o negro diz que é o nosso pai pode castigar um homem de forma tão impiedosa assim! Que castigo rude! Que devo fazer para não receber os castigos de Deus?

Ouvi falar de santa Luzia que era a protetora dos cegos. Supliquei-lhe para dar novos olhos aos três cegos de minha cidade. Eram o senhor Epifânio, o João cego, que era preto, e o senhor José cego. Ele era benzedor. Benzia as crianças que estavam com quebranto, e as mulheres que estavam com dor de cabeça. Ele benzia assim:

“Assim como Deus foi, Deus é.

Deus faz tudo que ele quer.

Meu bom Jesus de Nazaré

Nosso Senhor benzeu seu filho para chorar.

Eu benzo a Maria para sarar.

Estrela formosa, donzela

preciosa, retirai as mazelas

do corpo desta cristã. Amém!”

O meu cérebro anotava tudo que eu ouvia, sem esforço.

Ele morreu intoxicado. Foi o cadáver mais bonito que já vi. Que pena. Um homem tão bom. O mundo para o cego deve ser horroroso. Ouvi uma mulher dizer que o corpo é o envelope da alma.

O João cego tocava violão e cantava. As pretinhas iam procurá-lo para levá-lo aos bailes. Ele era um semi-sultão naquele núcleo, ouvindo o seu nome ser pronunciado por vários tons de vozes: João! João! João.

Mas, quando quis casar-se, não encontrou mulher. Ficou triste e adoeceu. Não procurou médico. Morreu com vinte e três anos.

Eis o motivo de sua cegueira. Ele estava com quatro anos. Sua mãe, dona Joaquina, deu-lhe um prato com sopa. bem quente. Em seguida deu-lhe um banho na água fria. Deu-lhe uma congestão atingindo os olhos. Se o João tivesse encontrado uma mulher talvez teria forças para suportar a sua odisséia e lutar na vida.

As mulheres pobres não tinham tempo disponível para cuidar dos seus lares. Às seis da manhã, elas deviam estar nas casas das patroas para acender o fogo e preparar a refeição matinal. Que coisa horrível! As que tinham mães deixavam com elas seus filhos e seus lares.

As empregadas eram obrigadas a cozinhar, lavar e passar. As refeições deveriam ser preparadas com artifícios: cestinhas de tomates, recheadas com maionese, cestinhas de batatas, recheadas com presunto moído, azeitonas etc. As refeições eram servidas assim: primeiro uma sopa; após a sopa, servia-se arroz, feijão, carne, salada. Quando serviam peixes, usavam-se outros pratos e outros talheres, Por fim, a sobremesa e o café.

Quantas louça e talheres e panelas para serem lavadas! E tinha que arear os talheres. Lavar os ladrilhos, enxugá-los com panos. Deixavam o trabalho às onze da noite. Trabalhavam exclusivamente na cozinha. Era comum ouvir as pretas dizerem:

— Meu Deus! Estou tão cansada!

A comida que sobrava elas podiam levar para as suas casas. E nas suas casas, os seus filhos, que elas chamavam os negrinhos, ficavam acordados esperando a mamãe chegar com a comida gostosa das casas ricas. No jantar as cozinheiras faziam mais comida, para sobrar. A comida que os patrões comiam no almoço, não comiam no jantar.

Uma boa cozinheira ganhava trinta mil-réis por mês. Quando vencia o mês e a cozinheira recebia, ela tinha a impressão de ser uma heroína. Enaltecia a si mesma dizendo:

— Eu sou forte! Não é qualquer uma que agüenta cozinhar para o doutor Souza.

Que orgulho, que vaidade, ser a cozinheira do doutor José da Cunha ou do presidente Franklin Vieira e José Afonso. Era comum ouvir os ricos dizerem:

Sabe com quem você está falando? Eu sou o manda-chuva!

E as pretas pernósticas às vezes diziam:

— Sabe com quem cê tá falando? Eu sou a cozinheira do presidente.

Aos sábados, as cozinheiras iam aos bailes. Que suplício cozinhar aos domingos, com sono. Mas depois do almoço elas podiam sair, passear até as quatro horas, e voltar para preparar o jantar. E elas não se saciavam.

No sábado seguinte iam dançar novamente até seis da manhã. Aos domingos elas deviam ir para o trabalho às sete horas, porque as patroas queriam dormir até as sete horas.

Quando as cozinheiras sentiam sono, iam lavar o rosto na água fria para despertá-lo. O único medo era o de salgar a comida e a patroa dar a conta. Eram muitas pessoas para trabalhar e pouquíssimos os locais para trabalhar. A patroa era tratada como se fosse uma santa no altar. Se as patroas estivessem nervosas, as empregadas deveriam dizer:

— Sim senhora!

Se estivessem amáveis tinham que dizer:

— Sim senhora.

O homem pobre deveria gerar, nascer, crescer e viver sempre com paciência para suportar as filáucias dos donos do mundo. Porque só os homens ricos é que podiam dizer “Sabe com quem você está falando?” para mostrar a sua superioridade.

Se o filho do patrão espancasse o filho da cozinheira, ela não podia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha! O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira, e outros porqueiras que vieram do além-mar.

No fim de nove meses a negrinha era mãe de um mulato, ou pardo. E o povo ficava atribuindo paternidade: — Deve ser filho de Fulano! Deve ser filho

de Sicrano. Mas a mãe, negra, inciente e sem cultura, não podia revelar que o seu filho era neto do doutor X, ou Y. Porque a mãe ia perder o emprego. Que luta para aquela mãe criar aquele filho! Quantas mães solteiras se suicidavam, outras morriam tísicas de tanto chorar.

O pai negro era afônico; se pretendia reclamar, o patrão impunha:

— Cale a boca negro vadio! Vagabundo!

O único recurso, era entregar-se para Deus, que é o advogado dos pobres. E se o doutor Oliveira que estudou em Coimbra dissesse:

— Negro ladrão... — aquilo ia transferindo-se de boca em boca. E aquele negro, sem nunca ter roubado, era um ladrão. Porque o doutor que estudou em Coimbra disse! E não se reabilitava jamais. E o preto era regional, não tinha coragem de deixar o seu torrão natal. Ficava por ali mesmo e transformava-se em chacota da molecada.

E o filho do senhor Oliveira, depois de farto da sedução de mocinhas pobres, decidia casar-se com a filha do senhor Moreira, ela era rica. Ele namorava-a com todo respeito. Quando os negros reuniam-se falavam:

— Tem um baiano, o doutor Rui Barbosa, que quer que o negro vá à escola, mas os brancos falam que já deram a liberdade para os negros e chega.

Mas o Rui falava que a liberdade sem cultura e sem instrução não ia beneficiá-los. O negro inculto será nômade, indolente, e imiscível. Não será um braço para impulsionar a Nação. Será sempre uma boca. O analfabeto não tem forças para evoluir na vida. Ele será sempre um músico de ouvido.

E os negros gostavam do Rui, e da princesa Isabel. O meu avô contava que, após a libertação dos escravos, quando nascia uma negrinha, ao batizá-la, o padre já dizia sem perguntar o nome: Isabel.

O Rui dizia que o negro deveria ser conservado na lavoura. Que num país é necessário ter uma classe telúrica. Ele ficaria no trabalho até às três da tarde e estudaria à noite. Mas os doutores de Coimbra diziam que quem deveria estudar eram os filhos da classe predominadora, e não os que deveriam ser predominados, que o amo e o servo não poderiam ter sapiência igual. O Rui dizia que a sapiência é nata. O estudo é para esclarecer. Ele faleceu no ano de

1923- Que perda para o país! Nas exclamações dos amigos e inimigos eles diziam:

— Será que vamos ter um governo que preparará um Brasil para os brasileiros?

UM POUCO DE HISTÓRIA

No ano de 1924, surgiu a revolta do general Isidoro Dias Lopes. Ninguém soube o porquê daquela revolução. Oposição contra o presidente Artur Bernardes?

Promoveram uma campanha “Doe ouro para o bem do Brasil”. E até em Sacramento, minha terra natal, apareceram angariadores de ouro. Em cada casa que eles chegavam recebiam qualquer objeto de ouro. Porque as donas daquela residência não queriam ficar desprestigiadas. Davam o ouro, e recebiam uma aliança de chumbo e cobre, com uma inscrição: “Dei ouro para o bem do Brasil”. E as madamas usavam aquelas alianças com ênfase.

Propagou-se que se arrecadaram noventa quilos de ouro. E o Brasil continuou com o seu povo analfabeto e aguardando outro sucessor de Rui Barbosa. Era o político marca registrada daquela época. Mesmo extinto, ainda predominava.

E eu pensava: “Por que é que estes bons homens, que gostam de auxiliar o povo, morrem? Quem deveria morrer e deve morrer, é só os imprestáveis.” O povo falando da revolução disse que houve muitos roubos nas grandes cidades, que as famílias amedrontadas deixava mas suas casas, e os ladrões aproveitavam a ausência dos donos.

A revolução empobreceu uns e enriqueceu outros. E aquela revolução deixou o Brasil em desordem. E na Bandeira está escrito: *Ordem e progresso*.

Os soldados usavam um distintivo no formato do mapa do Brasil. Verde com uma inscrição: “Esta terra tem dono!” Para nós que morávamos lá no interior chegavam apenas os comentários, bem adulterados.

A revolução não afetou o governo do presidente Artur Bernardes. Que

dizia:

— Eu sou o chefe da Nação. Entrei aqui para governar. Não vou incluir-me com os que falam muito. Com os tipos de idéias livres demais, esses tipos falantes e frustrados. Tenho compromisso moral com o meu povo. Que reconhece a minha boa vontade de servi-lo. Me considero um funcionário público.

E a revolução foi semelhante a uma tempestade.

O povo dizia que o senhor Artur Bernardes, antes de nascer, havia feito um curso diplomático, no ventre de sua mãe. Ele venceu os seus opositores com a sua arma poderosíssima: a educação. Podiam brigar com ele, mas ele não brigava com ninguém. Era um homem que cresceu e tornou-se um homem. Não era desses tipos que são apenas homens na estatura. Mas continuam molecotes, infantis.

No ano de 1925, as escolas admitiam as alunas negras. Mas, quando as alunas negras voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos.

As professoras aceitavam os alunos pretos por imposição. Mas se o negro não passava de ano, as mães iam procurar as professoras e diziam:

— A senhora não deixou meu filho entrar no segundo ano porque ele é negro, mas ele já sabe ler e escrever o a-b-c. Os filhos de Júlio Barges passaram de ano, as netas de José Afonso também. Se eu pudesse com mau-olhado estragar a vida de uma professora como a senhora!

As professoras não respondiam. Compreendiam que havia mentalidades opostas. Uma pessoa culta e uma pessoa inculta não chegavam a uma concórdia. Elas diziam que toda profissão tem seu lado negativo. Depois exclamavam:

— Os abolicionistas, vejam o que fizeram! Essa gente agora pensa que pode falar de igual para igual. Eu, na época da abolição, tinha mandado toda essa gente repugnante de volta para a África.

E os doutores de Coimbra insultavam D. Pedro II:

— Cão! Ele devia perder a nacionalidade portu-guesa, estas terras deveriam

permanecer colônia portuguesa.

Naquela época, os dois únicos negros importantes eram Patrício Teixeira, um cantor, e o doutor Azevedo Costa de Uberaba. E os negros comentavam:

— Graças a Deus agora nós temos negros ilustres, temos um negro que canta nos discos e outro que dá receitas. As farmácias vendem os remédios que ele receita, O doutor Azevedo Costa tem um hospital que ele construiu:

Eu era pequena e ficava ouvindo os velhos falar e pensava: “Eu não hei de morrer sem conhecer o doutor Azevedo Costa. Como será que ele virou médico? Oh! se me fosse possível virar doutora... eu ia ser doutora Bitita.”

Na cidade, o homem humano que estava no centro era o senhor Manoel Nogueira. Era mulato. E o mulato é o meio-termo da sociedade. Convive com os brancos e com os pretos. E com o nome de Nogueira, deveria ser filho de algum doutor de Coimbra. O senhor Manoel Nogueira passava o dia com os brancos porque era oficial de Justiça. E no entardecer ele sentava na porta de sua casa, e lia o jornal *O Estado de São Paulo* para nós ouvirmos trechos que foram ditos pelo Rui Barbosa; por exemplo, que cada estado deveria ceder terras para os negros cultivar. Mas este projeto não foi aprovado na Câmara.

O Brasil abria imigração para a Itália. Íamos receber seis mil italianos, dois mil iam para São Paulo, dois mil para o Rio Grande do Sul, um mil para o Rio de Janeiro, e um mil para o Estado de Minas.

Eles vinham para ser colonos, iam arrendar as terras dos fazendeiros, para plantações. E os brasileiros tinham que respeitá-los. Quando os italianos chegaram, viram que o único braço ao seu alcance para auxiliá-lo era o braço negro.

Os italianos que vieram foram selecionados. Sadios, bons dentes e sabiam ler. Uma família de oito pessoas tratava de quinze mil pés de café. Eles comiam carne, polenta, queijo e sopas. O pão era feito em casa. O pão era enorme, eles cortavam as fatias. Elas eram fartas.

Que alívio para os negros! Trabalhando para os italianos, eles ganhariam um mil-réis por dia. No fim da semana, que dinheirão! Seis mil-réis, e os negros compravam-sapatos e até o famoso terno de casimira. Para os italianos não faltavam os camaradas, porque eles eram educados e carinhosos com os negros.

Quando os italianos faziam bailes aos sábados, deixavam suas filhas dançar com os negros, que ficavam envaidecidos. E no domingo eles reuniam-se nas esquinas para comentar:

— Eu dancei com a Concheta. Eu dancei com a Pina.

Na segunda-feira, o negro que dançou com a Concheta, e o negro que dançou com a Pina trabalhariam como se fossem quatro homens. Empolgados porque os italianos não eram orgulhosos.

Eles plantavam todos os cereais, criavam porcos, galinhas e vacas. Não encontravam oposições dos fazendeiros. E o Brasil agrícola era o Brasil rico. Era o Brasil famoso. As colheitas eram fartas.

Nos dias da semana, os trabalhadores desapareciam. Voltavam aos sábados para a cidade. Suas esposas trabalhavam para as famílias ricas. Um doutor ganhava quinhentos mil-réis por mês, e residia num palacete. Os seus criados eram: cozinheira, copeira, lavadeira, chofer e costureira. Todos comiam na casa do doutor. E andavam bem vestidos. O carro do doutor era o Buick. Elas trabalhavam o ano todo, e no fim do ano, se fossem dar um balanço nos seus ganhos, não tinham nada.

Era a lei quem mandava. Um soldado era autoridade. E havia ordem na cidade. Aos domingos, os camaradas eram os donos da cidade. Tinham permissão para cantar, beber e até brigar. Mas, na segunda-feira, se os policiais encontrassem um camarada nas ruas, ele tinha que justificar-se por que e que estava vadiando no dia que era destinado ao trabalho. Ele dizia:

— A minha mulher teve um filho.

Se não havia dito a verdade, ia preso.

O café do Brasil era famoso na Europa. E os fazendeiros que vendiam tanto café eram tipos incultos, que quando enriqueciam nos obrigavam a tratá-los de “coronel”. E era coronel por todos os recantos.

Os italianos, de colonos; foram transformando-se em fazendeiros, compravam áreas nas grandes cidades. Construía casas para alugá-las, vilas. E mandavam nas cidades e viviam com os rendimentos dos aluguéis.

No alto das casas moravam os donos. Nos porões, moravam os pretos. Quando os negros bebiam, e faziam barulho nos porões, os italianos batiam os pés no assoalho. Era o aviso pedindo silêncio! E o vozerio cessava.

Os italianos construía­m padarias, lojas, e não faltava trabalho. Só que os trabalhadores, sem instrução, não sabiam ler. Não sabiam aplicar o dinheiro que ganhavam. O dinheiro era para comprar roupas para usarem aos domingos, para passearem nos jardins, e ser admirados nos bailes. Eles não gostavam de ser denominados de pouca roupa.

De madrugada eles deixavam a cidade. Tinham medo de irem presos com um soldado ao lado. Que vergonha, todos olhando! Se era época do frio, o negro transpirava. Quando era posto em liberdade, desaparecia para sempre. Mas os brancos não iam presos.

E estas prerrogativas, estas imunidades, estas concessões deixavam os predominadores mais auto-ritários. O filho do pobre, quando nascia, já estava destinado a trabalhar na enxada. Os filhos dos ricos eram criados nos colégios internos. Era uma época em que apenas a minoria é que recebia instruções. A minoria alfabetizada desaparecia.

O pior em tudo isto era quando um médico receitava um remédio para um leigo, eles erravam porque não sabiam olhar no relógio. Uma máquina complicada com números e os pontinhos e aquele tique-taque. E não sabiam ler as indicações.

O doutor José da Cunha era o nosso médico, ele receitava um purgante para o senhor José Cego, e um remédio para tomar depois do purgante. A dona Ambrosina, esposa do senhor José Cego, errou. Deu o remédio de uma vez, e o purgante depois. O velho morreu. Autópsia; envenenamento.

Tinha uma negrinha Isolina que sabia ler. Era solicitada para ler as receitas. Eu tinha uma inveja da Lina! E pensava: “Ah! Eu também vou aprender a ler se Deus quiser! Se ela é preta e aprendeu, por que é que eu não hei de aprender?”

Ficava duvidando das minhas possibilidades porque os doutores de Coimbra diziam que os negros não tinham capacidade. Seria aquilo perseguição? Qual era o mal que os negros haviam feito aos portugueses? Por que é que eles nos odiavam, se os negros eram pobres e não podiam competir com eles em nada? Aquelas críticas eram complexos na mente do negro.

Mas havia o senhor Manoel Nogueira que encorajava os negros. Dizia:

— Senhor Benedito, manda os seus filhos à escola. É bom saber ler. Vocês devem obedecer ao Rui Barbosa. Ele foi amigo de vocês. Como José do Patrocínio, como Castro Alves. Escreveu um livro pedindo clemência para vocês que foram arrebatados do seu berço que é a África.

O vovô chegava do trabalho, já estava e ia ouvir o senhor Manoel Nogueira ler os fatos que ocorriam no mundo. A Europa estava esfacelada com a guerra de 1914.

Eu pensava: “Se a guerra não traz benefícios para os homens, então por que é que eles fazem as guerras? Será que os homens não gostam deles? Não devem gostar, porque eles exterminam-se mutuamente. E a época em que a mente do homem metamorfoseia-se. Ele deixa de ser humano para transformar-se em animal. Será que eles não se comovem com o sangue dos seus semelhantes? E os que ficam aleijados? E os homens dizem que são os donos do mundo. Que são superiores. Vivem endeusando-se! E os homens consideram-se civilizados. O único homem que condena e reprova a guerra é o Papa. E ele, não é casado. Não tem filhos para irem guerrear.”

O meu desejo era perguntar, ao senhor Manoel Nogueira, quem é que sabia tudo aquilo que estava no jornal. Ele havia explicado que o jornal era impresso em São Paulo. O tio Cirineu perguntou:

— Onde fica São Paulo?

O preto Fidêncio disse:

— E outro país. E só atravessar o Rio Grande você entra em Rifama, já está em São Paulo.

O senhor Manoel Nogueira coçou a cabeça e disse:

— É ... o Rui estava certo. É preciso alfabetizar este povo.

O que me impressionava era a fé que o povo depositava no homem que governava o Brasil. Era o doutor Artur Bernardes daqui, doutor Artur Bernardes dali. Que teve um governo confuso, com as garantias constitucionais suspensas. Mas, ele agia com sapiência.

Já que os poderosos o desprezavam, ele dedicou-se aos pobres que são bem mais fáceis de contentar. A primeira coisa que ele fez foi distribuir uniformes para as crianças pobres, calçados e livros. As crianças que estavam calçado sapatos pela primeira vez sorriam e diziam:

— Foi o Artur que me deu.

E foi instituída a caixa escolar. O Brasil inteiro comoveu-se com este gesto. Era a primeira vez que o povo recebia algo de um governo. E quantos padrenosso e ave-maria, o povo miúdo rezou para que Deus protegesse o presidente!

E ó zé-povinho ignorante dizia que o presidente Artur Bernardes tinha sido aluno de São Vicente de Paula e de Santo Antônio de Pádua. O senhor Manoel Nogueira dava risada, porque era o único que conhecia história. E explicava que não era verdade. São Vicente de Paula era francês, e nasceu no ano de 1581 e morreu no ano de 1660. Mas o disse-disse já estava de boca em boca. E o presidente ficou sendo o aluno de São Vicente.

— Ah! Então é por isso que ninguém derruba ele.

O senhor Manoel Nogueira dizia:

— Este povo necessita de um estudo intenso para falar com conhecimento e não falar pernosticamente. Quem fala com conhecimento está ensinando. O nosso território é imenso, todos devem estudar para defender o Brasil e desbravar as nossas terras.

Um lavrador ganhava três mil-réis por dia. Para atrair os homens para o campo, o doutor Artur Bernardes mandou os fazendeiros pagarem nove mil-réis por dia. Pronto! Quem é que não queria ser camponês? A cidade ficou limpa.

Os homens que trabalhavam na cidade tinham inveja dos camponeses que recebiam todos os sábados cinquenta e quatro mil-réis. E eles tinham dinheiro para gastar com a família, e com as meretrizes. E os homens ficavam contentes porque podiam ter duas mulheres.

Na segunda-feira eles deixariam a cidade de madrugada para chegar na roça às seis da manhã. Os homens deveriam levantar-se antes do sol aparecer no espaço. Se levantassem depois, eram criticados pelos amigos:

— Ele é almofadinha, não gosta de levantar cedo.

Cada um pegava sua enxada. Trabalhavam comentando:

— Eu dormi com uma mulher branca.

O outro dizia:

— Eu dormi com uma pretinha, e dei cinco mil-réis pra ela.

— Eu dei dez para a branca. Que tal é a mulher branca?

— Que tal é a mulher negra?

E cada um dava a sua opinião.

— Eu sempre falei que não haveria de morrer sem conhecer uma mulher branca.

— Você vê como é que o mundo já está melhorando, nós os negros já podemos dormir com as mulheres brancas. É a igualdade que já está chegando.

O outro falava do baile. Que dançou com a Quirina, e apertou-a nos seus braços, que a mulher gorda é macia.

Começou a correr um boato que um soldado estava ganhando cento e oitenta mil-réis por mês. E não era necessário saber ler. Os homens começaram a conjecturar se deveriam ir ser soldados ou continuarem nas lavouras.

Os soldados militares eram fascinantes. Podiam entrar nos circos e não pagar. Dormir com as mundanas e não pagá-las. Viajar nos trens de ferro, e não pagar e o governo ainda daria as roupas, alojamentos e comida. E alguns foram ser soldados. Viajavam para Uberaba.

O presidente soube que ia eclodir outra revolução. Quando o Isidoro fez a revolução, o povo já adorava e venerava o presidente Artur Bernardes. E o povo dizia:

— O presidente não entrou na política apenas para deixar o seu nome na história, vai deixar realizações.

Ele prometeu ao povo que ia criar as leis trabalhistas. Dizem que chegou a escrevê-las. Não as divulgou por causa da oposição da imprensa. Dizem que a lei que ele idealizou é diferente da atual. O melhor salário seria do homem do campo. O seu objetivo era desconglomerar as grandes cidades.

O Brasil tinha fama de ser o país da fartura. E a Itália comprou arroz do Brasil e faltou arroz para o povo. E a venda do arroz foi o calcanhar de Aquiles para o presidente Artur Bernardes, porque a minoria predominadora pretendia depô-lo.

Mas o povo devia obrigações ao presidente. Em todos os lares pobres existia uma criança que adorava o presidente. Ele foi o primeiro presidente filantrópico do Brasil. Ele explicou que não mais haveria de exportar produtos nacionais sem consultar o ministro da Agricultura, e pediu desculpas ao povo,

O arroz custava quatrocentos réis, quinhentos réis e seiscentos réis o quilo. E com a exportação passou a custar oitocentos réis. E o povo dizia governo que permite elevação dos preços dos gêneros de primeira necessidade não é amigo do seu povo. Ai meu Deus! Nós íamos morrer de fome. As profecias do Nietzsche já estão vigorando. No ano de 1870, o filósofo alemão disse: “Daqui a noventa anos vai haver uma transformação caótica no mundo. Porque o comércio vai acrescentando centavos nos seus produtos. No ano de 1970, o pão estará custando cem-mil-réis cada um. No ano de 1990, pobre o homem deste ano.”

Na época do Frederico Nietzsche, cem mil-réis era o ordenado de quatro homens da alta sociedade. Ele foi criticado. O povo dizia que ele era louco. Ninguém acreditava nesta filosofia de botequim. Nietzsche respondeu: “Alguém do ano de 1980 há de ver que tive razões e hão de aplaudir-me.”

Os literatos da época diziam que o homem de 1970 a 1990 ia ser super-homem. Ia predominar o amor, não ia existir ladrões. Os homens já estariam supercivilizados. Seriam mais fortes no físico e no espírito. Não ia haver guerras, nem preconceitos raciais, o homem não ia matar o homem. Porque, todas as pessoas que morrem fazem falta para alguém. Eles não iam deixar os preços subjugá-los, iam se entender com assembléias e não com as armas. Já estariam avançados na medicina. Todos teriam profissões. A mendicância já estará extinta.

Ninguém queria ler as obras de Nietzsche, dizendo que ele era débil mental. A imprensa dizia que o escritor alemão estava imitando o doutor Miguel Nostradamus, o profeta francês, nascido no ano de 1503. Mas Frederico Nietzsche dizia: “Alguém do ano de 1980 há de felicitar-me e reabilitar a minha memória. Eu disse isto com a intenção de advertir os infaustos desta época.”

Os velhos diziam:

— Estas previsões vão realizar-se no ano de 1980 a 1990. Até lá nós já estaremos mortos. O nosso compromisso é com este povinho miúdo. Fundar várias escolas para ilustrá-los. E Deus queira que eles tenham forças para preparar um Brasil para os brasileiros.

Porque o Rui disse que este Brasil grandioso que ele imaginava virá quando não mais existirem analfabetos no nosso torrão. Que o combustível moveu os motores e o saber locomove o homem.

Para tranqüilizar o povo, o presidente disse que o custo de vida deveria ser sempre ficção, e não realidade e ser ao alcance de todos.

Depois da colheita, o arroz voltou ao seu antigo preço.

No final do governo do senhor Artur Bernardes, várias crianças estavam alfabetizadas. Os pobres completavam o quarto ano e recebiam o diploma. As crianças ricas prosseguiram os estudos. Os pobres não tinham possibilidades de estudar nem o curso ginasial. E quantos meninos pobres choravam porque queriam estudar! E quantos meninos ricos choravam porque não queriam estudar. E eles diziam:

— Deus dá nozes aos que não têm dentes.

E aqueles meninos não tinham meios de aprender um ofício. Se iam trabalhar com o Fiúta, aprendiam o ofício de marceneiro. Outros iam trabalhar na lavoura. Outros iam para a Marinha. Outros iam para o Exército. Para mim o mundo era semelhante a uma prateleira cheia de garrafas onde é difícil arranjar um lugar para colocar outras.

O senhor Artur Bernardes foi a muleta de ouro da classe pobre. E o povo, sabendo ler, já podia acompanhar as datas nas folhinhas e saber a data do ano em curso. O único ano que o povo não esquecia era o de 1914 por causa da guerra.

Depois que o presidente Artur Bernardes deixou o governo o povo falava que o seu governo foi uma época das vacas gordas. O que eu notava é que, se os ordenados eram elevados, os pobres continuavam sempre pobres.

Os italianos e os sírios que haviam chegado ao Brasil abandonaram as lavouras e foram estabelecer-se no comércio. Os sírios não trabalharam na lavoura do Brasil. Quando os fazendeiros viram os seus cafezais abandonados, ficaram apavorados. Não havia braços para as lavouras. Começaram a implorar ao negro para ser colono.

O negro foi, mas o fazendeiro não consentia que plantasse arroz nas cabeceiras dos cafezais. Não podia plantar feijão no meio dos cafezais não podia criar porcos, nem galinhas; só cuidar exclusivamente do café. O fazendeiro dava uma ordem de cento e cinquenta mil-réis para o colono ir comprar os gêneros alimentícios num empório. O colono comprava feijão, farinha, toucinho, açúcar, querosene, fósforo, fumo, sabão, e carne-seca. Não comprava arroz porque o dinheiro não dava. O que comprava não dava para oito dias.

E se fosse pedir outra ordem para o fazendeiro, tinha que ouvir isto:

— Vocês trabalham pouco e comem muito.

No fim do ano, o fazendeiro ia acertar as contas com o negro, o negro estava lhe devendo quinhentos mil-réis...

Só os italianos tiveram permissão para plantar no meio do cafezal, e vendiam o excesso de suas produções. E o fazendeiro pagava-os para cuidar dos cafezais.

O negro foi desinteressando-se da vida de colono, fugia das fazendas levando apenas uma trouxa de roupas! Os seus pertences ficavam na fazenda. Voltava à cidade. Ia trabalhar em qualquer coisa e morava nos porões italianos, ou nos barracões.

Eu ouvia apenas os rumores que os portugueses haviam lutado desesperadamente para ser os donos destas terras. Mas eu não via portugueses na lavoura. Deram valor ao Brasil só enquanto o braço africano trabalhava gratuitamente para enriquecê-los. Quando eles foram obrigados a pagar os serviços prestados pelos negros desinteressaram-se do Brasil. Eles não iam para a lavoura E eles xingavam os negros:

— Negros preguiçosos, se ainda existisse a escravidão com os braços para trabalhar gratuitamente, o Brasil ainda seria colônia lusa.

Más José Bonifácio, José do Patrocínio, Castro Alves, Luiz Gama, barão do Rio Branco não acatavam a escravidão.

Em 1922, o Brasil já havia sido descoberto há 422 anos. E o povo dizia:

— País atrasado.

Não era o país, eram seus habitantes que não tinham condições para instruírem-se.

— Perguntei à minha mãe:

— Por que é que o mundo é tão confuso?

Respondeu-me.

— O mundo é uma casa que pertence a diversos donos, se um varre, vem o outro e suja-a.

Mas é assim mesmo. O homem só dá valor ao homem depois que morre. Se os homens governam o mundo, ele nunca está bom para o povo viver, por que não deixar as mulheres governarem? As mulheres não fariam guerras porque elas são as mães dos homens. Mas os homens são os pais dos homens, *fazem* guerras, e matam-se.

Minha mãe disse que não ia deixar eu ir ouvir as leituras do senhor Manoel Nogueira, que eu estava ficando louca. Aconselhou-me a ir brincar com as bonecas. Fui brincar. Não senti atração. Não me emocionei. Não poderia viver tranqüila neste mundo, que é semelhante a uma casa em desordem. Oh! se me fosse possível lutar para deixá-lo em ordem!

Eu via as pessoas morrerem e pensava: “Que vantagem tem o homem de nascer se quando ele aprende viver no mundo, já está velho e morre?”

Eu observava as ações dos homens. Os pretos bebiam pinga à vontade. Quando nascia uma criança, eles bebiam porque estavam contentes. Mas aquela criança que nascia ia viver igual a eles quando crescesse. Quando eles estavam

tristes, bebiam pinga. Mas o resultado de beber pinga era ficarem embriagados, brigarem, matarem uns aos outros, depois irem presos e apanhar dos soldados. Eu pensava: “Eu nunca hei de beber pinga. E todas as promessas que eu fizer a mim mesma, hei de cumpri-las.”

Observava as conseqüências de todos os atos que praticamos. Quando os negros bebiam, eu pensava: “Por que é só os pretos que bebem?” Mas os brancos bebiam dentro de suas casas. Se um branco cambaleava nas ruas diziam que era indisposição, mal-estar. Se um branco bebia nos bares era repreendido: — Você está imitando os negros? Arranjou um negro para ser o seu professor? A única coisa que está ao alcance do negro para ele nos ensinar, é beber pinga. Na pinga eles são catedráticos.

Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto.

O senhor Manoel Nogueira dizia:

— Que injustiça. Mas eu não tenho forças para interferir. Eu estou no meio-termo da raça humana. O meu pai é branco. Minha mãe é preta. Necessito defender os irmãos de minha mãe. Eles têm o direito de viver e serem felizes, estas hostilidades por questão de cor é mediocridade. E primitivismo dos predominadores.

Ele disse que para o Rui quando os negros aprenderem a ler eles hão de saber defender-se. Não vão aceitar a coleira com humildade. Até o cão sabe defender-se. Sabe rosnar para impor respeito. Não vão aceitar as imposições. O Rui dizia que no Brasil ainda vai haver negros doutores, médicos, advogados, engenheiros e até professores. O Brasil não vai ficar assim. Os homens do futuro vão ser mais cultos. Esta canalha de prepotentes vai morrer. Os negros devem estudar e não guardar ressentimentos. A herança de ódio não deve transferir-se de pai para o filho.

— Eu não vou viver para ver estes fatos que o Rui profetizou. Mas vocês, quando forem admitidos como empregados, não devem roubar os patrões. O empregado vai conviver com os familiares do patrão. Tem que obedecer e respeitá-lo. Tem homem que luta para arranjar um emprego. Quando é admitido, relaxa. O preto não deve matar o branco. O branco não deve matar o preto. Os

pretos e os brancos têm que dançar uma quadrilha. Fiquem *vis-à-vis* ao redor do Brasil.

Eu já estava enjoada de ouvir: preto e branco. Achava que os homens deveriam falar menos e trabalhar mais. Imitar os japoneses que vieram do Japão. Eles falam pouco e trabalham muito.

OS NEGROS

— Se eu pudesse comprar isto! Se eu pudesse comprar aquilo!

Vestia um vestido de minha mãe, amarrava um barbante na cintura e pulava o muro da vizinha, trepava nas árvores, colhia as frutas, ia introduzindo-as dentro do seio, depois descia e ia saboreá-las.

Mas não sentia tranqüilidade interior. O meu subconsciente me advertia que havia praticado um ato indigno. Eu não tenho coragem de roubar. Devo e deverei lutar para conseguir tudo com honestidade. Tinha a impressão que alguém sussurrava nos meus ouvidos — seja honesta, seja honesta, seja honesta — como se fosse um tique-taque de um relógio. Parece que eu tinha um preceptor dirigindo-me. Quando eu ganhava uma fruta, ou comprava, não ficava atemorizada, todos têm o bom senso. Se o homem rouba, é porque ele é canalha.

Passados uns dias, resolvi entrar no quintal da vizinha. Quando fui pegar uma manga, a cobra foi pondo a boca. Assustei, perdi o equilíbrio e a noção. Fui desprendendo-me de cima para baixo, batendo nos troncos e caí no solo semi-inconsciente. Esqueci que estava furtando as mangas. Comecei a gemer, os cães, ouvindo-me gemer, ladraram e as galinhas cacarejaram. A dona Faustina foi averiguar o que havia. Encontrou-me com o seio recheado de mangas. Dirigiu-me um olhar que amedrontou-me. Percebi que ela era avarenta.

Repreendeu-me!

— Então é você quem rouba as minhas frutas. Negrinha vagabunda. Negro não presta.

Respondi:

— Os brancos também são ladrões porque roubaram os negros da África.

Ela olhou-me com nojo.

— Imagina só se eu ia até a África para trazer vocês... Eu não gosto de macacos.

Eu pensava que a África era a mãe dos pretos. Coitadinha da África que, chegando em casa, não encontrou os seus filhos. Deve ter chorado muito.

Estava deitada no chão e dizia:

— Olha a cobra! Olha a cobra! — desfaleci.

Foram avisar à minha mãe que eu estava roubando as mangas de dona Faustina. Minha mãe pegou um chicote e deu-me duas chicotadas. Despertei, e saí correndo como se as minhas pernas fossem movidas a motor.

Minha mãe ficou furiosa porque havia vestido o seu vestido novo. Era um vestido de fustão estampado. Que suplício quando eu passava pelas ruas e os meninos gritavam:

— Ladrona de manga! Ladrona de manga.

Mas isto eram cenas que passavam. E as crianças esquecem logo o que presenciavam e os dias iam decorrendo-se.

Eu notava que os brancos eram mais tranqüilos porque já tinham seus meios de vida. E os negros, por não ter instrução, a vida era-lhes mais difícil. Quando conseguiam algum trabalho, era exaustivo. O meu avô com setenta e três anos arrancava pedras para os pedreiros fazerem os alicerces das casas. Os pretos, quando recebiam aquele dinheirinho, não sabiam gastar em coisas úteis. Gastavam comprando pinga. Os pretos tinham pavor dos policiais, que os perseguiam. Para mim aquelas cenas eram semelhantes aos gatos correndo dos cães.

Os brancos, que eram os donos do Brasil, não defendiam os negros. Apenas sorriam achando graça de ver os negros correndo de um lado para outro. Procurando um refúgio, para não serem atingidos por uma bala.

A minha bisavó Maria Abadia dizia:

— Os brancos de agora já estão ficando melhor para os pretos. Agora, eles atiram para amedrontá-lo, antigamente atiravam para matá-los.

E os pretos sorriam dizendo.

— O Benedito virou lebre, quando viu os policiais.

Quando os pretos falavam: — Nós agora, estamos em liberdade — eu pensava: “Mas que liberdade é esta se eles têm que correr das autoridades como se fossem culpados de crimes? Então o mundo já foi pior para os negros? Então o mundo é negro para o negro, e branco para o branco!”

Eu notava que, com as mulheres pretas, eles não mexiam muito. Não faziam elas correrem. Mas falavam palavrões para elas e mostravam o pênis, e eu fui dizer para a minha mãe:

— Sabe mamãe, eu vi o homem mostrando, a vela para a Vitalina, e falou umas coisas que eu não compreendi. A filha da Vitalina chorou e disse que vai contar ao noivo dela.

Quando não chovia, as mulheres reuniam-se, iam fazer romarias, rezar aos pés dos cruzeiros e molhavam as cruzes e pediam a Deus para mandar chuvas, acendiam velas. O meu avô rezava o terço. Quem sabia rezar, era tratado com deferência especial. Ele recebia convites para ir rezar nos locais distantes. Depois do terço, nós bebíamos licor de abacaxi, e os comestíveis eram variados. Broa de fubá, biscoito de polvilho. Eu ficava vaidosa por ser a neta de um homem que sabia rezar o terço, convencida que éramos importantes. Eu preferia o arroz-doce preparado com leite puro.

Os oito filhos do meu avô não sabiam ler. Trabalhavam nos labores rudimentares. O meu avô tinha desgosto porque os seus filhos não aprenderam a ler, e dizia:

— Não foi por relaxo de minha parte. E que na época que os seus filhos deveriam estudar não eram franqueadas as escolas para os negros. Quando vocês entrarem nas escolas, estudem com devoção e esforcem-se para aprender.

E nós, os netos, recebíamos as palavras do vovô como se fossem um selo e um carinho.

O meu avô era um vulto que saía da senzala alquebrado e desiludido, reconhecendo que havia trabalhado para enriquecer o seu sinhô português. Porque os que haviam nascido aqui no Brasil tinham nojo de viver explorando o negro.

O vovô dizia que os brasileiros eram os bons homens, de mentalidades puras, iguais às nuvens no espaço.

— Deus que ajude os homens do Brasil — e chorava, dizendo: — O homem que nasce escravo, nasce chorando, vive chorando e morre chorando. Quando eles nos expulsaram das fazendas, nós não tínhamos um teto decente, se encostávamos num canto, aquele local tinha dono e os meirinhos nos enxotavam. Quando alguém nos amparava, nós já sabíamos que aquela alma era brasileira. E nós tínhamos fé: os homens que lutaram para nos libertar hão de nos acomodar, o que nos favorece é que vamos morrer um dia e do outro lado não existe a cor como divisa, lá predominarão as boas obras que praticamos aqui.

No mês de agosto, quando as noites eram mais quentes, nos agrupávamos ao redor do vovô para ouvi-lo contar os horrores da escravidão. Falava dos Palmares, o famoso quilombo onde os negros procuravam refúgio. O chefe era um negro corajoso de nome Zumbi. Que pretendia libertar os pretos. Houve um decreto: quem matasse o Zumbi ganharia duzentos mil-réis e um título nobre de barão. Mas onde é que já se viu um homem que mata assalariado receber um título de nobreza! Um nobre para ter valor tem que ter cultura, linhagem.

Mas com tantas celeumas em torno do negro, o negro foi ficando importante, o negro e o ouro eram coisas de grande valor. E com os debates, liberta não liberta, o português foi ficando amável com o negro. Mas não conseguia reconquistá-lo, e já estava enfraquecendo-se. Se era severo com os negros, era criticado, perdendo sua autoridade.

Os abolicionistas instigavam os negros a não obedecer aos sinhôs. Mesmo que eles quisessem fazer um levante estariam sós, não poderiam contar com a cooperação dos seus escravos. Começaram a dar presentes aos escravos. Furavam as orelhas das negrinhas, ofereciam-lhes brincos de ouro com a pretensão de reconquistá-los. Mas já eram quase 400 anos de sofrimento.

Havia os pretos que morriam com vinte e cinco anos: de tristeza, porque ficaram com nojo de serem vendidos. Hoje estavam aqui, amanhã ali, como se

fossem folhas espalhadas pelo vento. Eles tinham inveja das árvores que nasciam, cresciam e morriam no mesmo lugar. Os negros não são imigrantes, são acomodados. Não sonham com outras plagas. Às vezes o homem era vendido e separado de sua esposa. Os sinhôs haviam espalhado que eles eram amaldiçoados pelo profeta Cam. Que eles haviam de ter a pele negra, e ser escravo dos brancos. A escravidão era como cicatriz na alma do negro.

Quando um negro dizia: — Eu sou livre!, ninguém acreditava e zombavam dele.

— É que uma cobra ia morder o meu sinhô, eu vi, e matei-a e o sinhô disse que eu salvei a sua vida e libertou-me. Agora eu sou a menina dos olhos do sinhô. Almoço na mesma mesa ao lado do sinhô e não durmo na senzala.

Após a libertação, os portugueses ficaram apavorados com medo dos negros. Era o reverso da medalha para eles que foram os leões e eram obrigados a transformar-se em ovelhas. Milhares deixaram o país e o Brasil ficou à deriva.

— Já que vocês são livres, saiam das minhas terras! Vamos ver se vocês conseguem encher a barriga com a liberdade. Imagina só, ter que dar dinheiro aos negros! E um pecado.

O povo era revoltado porque o seu sonho era aprender a ler para ler o livro de Castro Alves. Os negros adoravam o Tiradentes em silêncio. Se um negro mencionasse o nome de Tiradentes, era chicoteado, ia para o palanque para servir de exemplo. Para os portugueses o Tiradentes era o secretário do diabo. Para os negros, ele era o ministro de Deus.

O vovô nos olhava com carinho. “Deus os protegeu auxiliando-os a não nascer na época da escravidão.” Os negros libertos não podiam ficar no mesmo local. Deveriam sair de suas cidades. Uns iam para o Estado do Rio, outros para o Estado de Minas, de Goiás, para ficar livres dos xingatórios dos ex-sinhôs, e repetiam as palavras de Castro Alves: “O negro é livre quando morre.”

Eu estava com cinco anos, achava esquisito aquelas cenas antagônicas, a minha mentalidade embrionária não me auxiliava a compenetrar aquelas divergências. Se o negro passava cabisbaixo, o branco xingava!

— Negro, vagabundo! Eu não gosto desta raça! Eu tinha esta raça para o comércio.

Eu pensava: “Meu Deus! quem foi que começou esta questão, foi o preto ou foi o branco? Quem procurou o preto? Se foi o branco quem procurou o preto, ele não tem o direito de reclamar. O negro não invadiu suas terras, foram eles que invadiram as terras dos negros.” Ninguém para me explicar. A minha mãe já estava saturada com as minhas perguntas.

Mas o mundo é tão grande! Tem tanto espaço, todos podem viver bem aqui dentro! Por que estas brigas? O meu avô dizia:

— Os que brigam são os animais que não sabem pensar.

Então o homem é um animal porque ele briga mais do que os animais. Oh! meu Deus! Se o mundo é assim, não vale a pena nascer! Se não predominar a educação entre os homens, eles jamais serão felizes. Há mais ódio no mundo do que amizade.

Eu já sabia que as raças que eram hostilizadas no mundo eram: os negros, por causa da cor; os ciganos, por serem nômades, ladrões trapaceiros e não terem pátria, e os semíticos porque brigaram com o Cristo. Mas se o Cristo, que foi o ofendido e martirizado, perdoou-lhes, então por que é que os homens hão de guardar ressentimentos? Se os homens depois da morte de Cristo tivessem deixado de matar compreendendo a inutilidade do homem matar o próprio homem! Mas o homem continuou com a sua tara. Ele não respeita os dez mandamentos do livre arbítrio. Quando um mata o outro, fica jactancioso, arrogante.

Minha tia Claudimira trabalhava para os sírios que vinham como imigrantes para o Brasil. E aqui conseguiam até empregadas. Ganhava trinta mil-réis por mês, para lavar a roupa, passá-la, cuidar das crianças, da casa e da cozinha.

Pensava; “Por que será que eles deixam a sua pátria e vêm para o Brasil?” E dizem que o nosso país é um pedacinho do céu. Não havia motivos para odiá-los. Porque gostavam do país, e não perturbavam. Pensei; “Será que o Brasil vai ser sempre bom como dizem eles? Por que será que o estrangeiro chega pobre aqui e fica rico? E nós, os naturais, aqui nascemos, aqui nós vivemos e morremos pobres?”

Ouvia dizer que os estrangeiros que já estão há mais tempo no Brasil auxiliavam os patrícios pobres. Que os brasileiros ricos não auxiliam o brasileiro pobre. Que não confiam. Os estrangeiros não vinham pobres. Eles não eram

analfabetos e dominavam o comércio. E o brasileiro analfabeto não tinha condição de progredir.

Minha tia levava o quibe para nós comermos e dizia que os sírios socavam a carne no pilão. E nós dávamos risada. O brasileiro não conhecia a lentilha e dizia que era o feijão dos turcos.

Se perguntasse:

— O senhor é turco?

— Non, eu sírio! Turco não presta!

Pensava: “Que mundo é este? Um mundo que para viver-se nele é necessário ter um estoque de paciência.”

O japonês diz: “Chinês não presta.”

O chinês diz: “Japonês non presta.”

O branco diz: “Amarelo não presta.”

O branco diz: “Negro não presta.”

O negro diz: “Amarelo não presta, o branco também não presta.”

O branco criou a alta sociedade, lá não entra o negro. Só a terra é que não tem orgulho. No mundo a humanidade nasce e morre. Quando o homem está vivo, vive com os cereais que saem da terra. E quando morre vai para o seio da terra. Ela não fala, mas é sábia. E a melhor obra de Deus.

Eu gostava de frutas, mas era difícil conseguir dinheiro para comprá-las. Eu já estava notando que o pobre vive mais com as pretensões.

Um dia ouvi a minha mãe contando que o meu tio Joaquim estava tomando água numa torneira pública — o chafariz — quando o filho do Juca Barão chegou e disse-lhe:

— Sai daí negro sujo! Quem deve beber água primeiro sou eu, que sou branco —, e empurrou o meu tio, que ficou nervoso e retirou uma faquinha de

arco de barril que ele fez, e deu um golpe na nuca do filho do Jucá Barão, que caiu no solo sem vida.

O meu tio não foi preso por ser menor.

O juiz de direito era o doutor Brand. Os brancos reuniram-se e foram xingar o vovô:

— Agora que os negros são livres, vão matar os brancos e já são protegidos pela lei.

Estas cenas eram motivo para os portugueses ufanarem:

— Estes atos selvagens são a consequência da liberdade. E vocês vão ver coisas piores, pois o Rui chegou a dizer que, se o negro estudar, poderá ser governador, presidente, deputado, senador e até diplomata.

Os negros que ouviam não respondiam, porque os portugueses eram ricos. Eles eram livres, mas pobres. Na questão do negro com o branco, ninguém procura saber com quem é que esta a razão. E o negro é quem acaba sendo o bode expiatório.

A FAMÍLIA

O meu avô foi pai de oito filhos. Quatro homens e quatro mulheres.

Os homens eram: José Benedito, Antônio, Joaquim, João Benedito.

O João teve meningite em criança, ficou com o cérebro atrofiado. O Joaquim era o campeão da família. Nós o tratávamos de Tróhem.

As mulheres: Maria Carolina, Maria Verônica, Ana e Claudimira.

A tia Ana, “a Donda”, seu apelido, casou-se com um mulato, Cândido Nunes. Deixou um filho, Adão Nunes.

A tia Ana morreu com barriga-d’água. Quem descobriu a enfermidade foi o doutor Vicente Cândido dos Santos. E operou-a. Quando a água caía na bacia, eu ficava olhando aquela água verde, sem compreender as deficiências do corpo humano. E o doutor Vicente ficou famoso.

A minha tia foi infeliz no casamento. E o que eu ouvia dizer, que o esposo era inimigo do trabalho. Quando alguém lhe aconselhava para arranjar trabalho, ele coçava a cabeça como se neste gesto estivesse procurando uma solução para os seus problemas. O que lhe agradava era sentar-se e falar. Contava estórias maravilhosas. Se soubesse ler poderia ser um grande escritor. Não era pornográfico.

A minha tia Claudimira foi bonita quando jovem. Por onde passava ouvia isto:

— Que beleza! Que mulher bonita.

Ficou vaidosa. Apareceram-lhe vários pretendentes. Mas nenhum servia. Em todos ela encontrava defeitos. E os tempos foram passando.

Minha tia inciente pensava que a mocidade e a beleza são uma dupla diuturna. A mulher deve casar-se quando é jovem. Foi envelhecendo e estacionou na idade de dezoito anos. Iniciou-se assim o calvário de minha tia, que não queria morrer sem conhecer as carícias masculinas.

Quando as mulheres reuniam-se para falar dos prazeres que os homens proporcionam a uma mulher, ela ficava ouvindo. Reprovando a sua tolice. Ela, que teve a oportunidade de casar-se, ter um lar e não casou-se. E a sua presença velhusca já não perturbava os homens. Crianças que ela viu nascer e crescer ultrapassaram os dezoito anos e a minha tia ficou condicionada nos dezoito. Como se fosse uma montanha irremovível.

Eu olhava o rosto do meu tio Joaquim. Um rosto triste como uma noite sem lua. Ele não sorria, nunca vi os seus dentes. Ele era analfabeto. Se soubesse ler, poderia nos revelar as suas qualidades intelectuais.

Já o meu tio Antônio era um tipo mais alegre. Lembro-me que ele foi tirar uma fotografia no fotógrafo João Bianchi. O retrato saiu preto. Só se distinguia o terno branco. Meu tio xingou:

— Eu não sou tão preto assim. Tudo que vocês fazem para os negros, é com pouco caso. Mas se o branco paga, o negro também paga. E eu não vou pagar.

Iniciou-se uma discussão. “Paga, não paga!” O João Bianchi dizia:

— Dio mio. Se tu es preto non es possibile que el retrato sea branco.

O meu tio pagou, xingando.

A mulher que vivia com o meu avô era a Siá Maruca. Uma preta calma. Era um casal elegante. Quando falavam, se o vovô a repreendia ela chorava e curvava a cabeça e pedia desculpas. Quando o vovô se ausentava eu dizia:

— Siá Maruca, por que é que a senhora não reage quando o vovô a repreende?

— Não minha filha! A mulher deve obedecer ao homem.

Eu ficava furiosa. E chorava porque queria virar homem para as mulheres obedecerem-me.

O meu tio Manoel nós o chamávamos de Manoel Grosso por causa de sua voz abaritonada. Os filhos, conhecidos assim: os Grossos, eram oito, quatro homens e quatro mulheres.

A Rosa ficou louca quando foi seduzida por um homem que recusou-se a casar com ela. O meu tio Manoel tinha uma azagaia. Uma arma que tem o formato de uma folha. Era presente do seu avô, que ganhou-a na guerra com o Paraguai. Corta dos dois lados.

A tia Jerônima, tia de minha mãe, era tão pobre que dava dó, tinha só uma panela. Ela acordava às três horas da manhã, e punha o feijão no fogo. Quando o feijão cozinhava, ela temperava-o e despejava numa gamela. Fazia o arroz e despejava em outra gamela. Cozinhava a carne, ou frango, e despejava-o noutra gamela, por fim fazia a verdura e comia nas gamelinas. As colheres para comer também eram de pau.

A minha tia rezava pedindo a Deus para ajudar-lhe a conservar aquela panela. E se aquela panela quebrasse, o que seria deles? Que dó que eu tinha da tia Jerônima! Se eu pudesse dar-lhe umas panelas, mas também era pobre. Ela não tinha o que vestir. As camas eram forquilhas enterradas no solo. O colchão era de saco de estopa e as cobertas também. Dava a impressão de ser a reprise do presépio de Belém.

A tia Ana Marcelina, irmã de minha avó materna, era mulata clara. A mulata cabedal. Não gostava de preto. Dava mais atenção aos brancos. Quando olhava os pretos, era com os olhos semicerrados e desviava o olhar. Apesar da tia Ana não gostar dos pretos, tinha um filho preto. O Mindu. O nome do Mindu era Octaviano. Que preto bonito! Era marceneiro.

Tenho pouca coisa que dizer desta tia, porque ela era mulata. E havia, como divisa das famílias, o preconceito de cor. Minha tia vestia roupas finas iguais às dos brancos. Esforçava-se para viver igual aos ricos. Residia numa casa confortável. Em todas as portas e janelas tinha cortinas. Tinha tapetes. As camas tinham cortinados. Comiam na mesa.

As filhas gostavam de dançar. Nos bailes dos brancos elas não iam porque não eram convidadas. Nos bailes dos negros elas não queriam ir. Quando nós, os sobrinhos pretos, íamos visitá-la, não tínhamos o direito de entrar. Casa de mulato, o negro não entra.

Minha mãe nasceu na roça. Nas margens do rio das Velhas. Quando atingiu a maioridade, foram residir na cidade. Minha mãe casou-se com o senhor Osório Pereira. Minha mãe e o seu esposo separaram-se. Ela lamentava:

— O Osório casou-se comigo, para sair da tutela.

Foi seu tutor o senhor Miguel Alvim. Uma das famílias ricas, das que criavam os enjeitados para tratar dos porcos, galinhas, varrer a casa, arrumar, fazer a cozinha e fazer compras. Era proibido ter escravos, então eles pegavam uns negrinhos para criá-los. Um infeliz que ia crescer sem instrução.

Quando o senhor Osório Pereira casou-se com a minha mãe, o tutor deu-lhe só quinhentos mil-réis. Não deu-lhe um lote de terra para ele construir a sua casinha. Deu-lhe umas calças usadas. E uns pares de sapatos tão grandes que o esposo de minha mãe deveria cortar os sapatos ao meio ou duplicar os seus pés. As calças eram largas, porque o senhor Alvim era obeso.

Minha mãe disse-me que o senhor Osório parecia uma minhoca dentro das calças. Queixava-se que o seu casamento não foi realizado pela interferência do amor. Foi negócio. Ele queria ficar livre da tutela, já estava saturado daquela vida reclusa que levava.

O senhor Osório Pereira ficou gastando o dinheiro, pensando que os quinhentos mil-réis eram inextinguíveis. Era a primeira vez que ele tinha dinheiro para gastar, poderia ter comprado uma casa. Quando o dinheiro acabou-se, ele ficou furioso. Não tinha comprado nada para comer e não sabia em que havia gasto o dinheiro. Era preciso procurar trabalho. Arrependeu-se de ter-se casado. Na casa do senhor Miguel Alvim, ele tinha o que comer e um quarto para dormir.

Um dia, como não tinham nada para comer, ele disse:

— Maria! Me dê um saco que eu vou comprar uma costela de vaca para você fazer uma sopa.

Minha mãe acendeu o fogo e pôs água para ferver. Ficou alegre quando avistou o seu esposo: “Graças a Deus, vou ter um esposo que me ajudará a suportar o peso de minha vida.” O seu esposo chegou, e despejou o saco. Eram cocos de macaúba e disse-lhe:

— O açougueiro não quis me vender os ossos fiado e ainda me chamou de Osório Cigarra. Não sei o que ele quis dizer com isto. Vamos comer o coco até eu arranjar serviço.

A minha mãe foi queixar-se para o vovô, e ele lhe emprestou dois mil-réis:

— Onde já se viu sustentar um lar com cocos.

Eles foram desinteressando-se.

A minha mãe era semilivre. Se uma mulher trabalhava para auxiliar o esposo, o povo falava:

— Credo. Onde é que já se viu, uma mulher casada trabalhar! Ela deverá trabalhar somente no seu lar.

Mesmo com os disse-disse, minha mãe foi trabalhar. Com ampla liberdade, a minha mãe dançava e passava as noites com os amigos, e foi ficando inebriada com as carícias dos seus amigos de bangulê.

Foi nestes bailes insetos que ela conheceu o meu pai. Dizem que era um preto bonito. Tocava violão e compunha versos de improviso. Era conhecido como o poeta boêmio. Nos bailes ele dançava só com a minha mãe. Ela teve só um filho com seu esposo, o Jerônimo Pereira. O sobrenome Pereira, do esposo de minha mãe, deve ter sido herdado de algum português, porque o esposo de minha mãe era mulato. Quando minha mãe ficou gestante, surgiram os disse-disse tão comuns nas cidades do interior.

As línguas das pessoas do interior, nas pequenas cidades, são afiadas, são maiores do que o mar e mais velozes do que o pensamento. Línguas destruidoras, que têm desmoronado vários ideais, línguas que às vezes acertam o alvo, e às vezes falham.

Diziam que a criança que ia nascer era filha do poeta boêmio. Quando eu nasci, comprovaram-se os boatos, e as más línguas sentiram-se meio proféticas. A minha semelhança com o poeta serviu de pretexto para o esposo de minha mãe abandoná-la.

Ele era o tipo de homem irresponsável, que não mantém o lar e exige fidelidade. Não tinha idade para ser chefe de família. O que ele queria era casar-

se para conseguir a sua liberdade. Não teve consciência de minha mãe cuidando, zelando a sua felicidade. Disse:

— Casei com uma negra só para sair da tutela.

E foi morar com uma mulher branca. Uma velha com cinqüenta e dois anos, poderia ser sua avó. Mas era branca. E ele dizia que mulher branca não tem idade.

— E sempre jovem.

Minha mãe ficou com dois filhos para manter. Minha mãe disse que bebeu inúmeros remédios para abortar-me, e não conseguiu. Por fim desistiu, e resolveu criar-me. Não fiquei triste, nem revoltada, talvez seria melhor não existir. Porque eu já estava compreendendo que o mundo não é a pétala da rosa. Há sempre algo a escravizá-lo.

Quando ela saía para o trabalho, deixava-me aos cuidados da siá Maruca. Dizem que eu chorava dia e noite. E o meu choro ininterrupto aborrecia a siá Maruca e os vizinhos, que diziam:

— Será que ela não cansa de chorar? Será que ela pensa que está agradando? Ela tem o fôlego de gato.

A siá Maruca ficava revoltada porque eu lhe impedia de cuidar dos seus afazeres, que era lavar roupa a trezentos réis a dúzia. .Oh! Aquele choro diário. Já estava deixando-a com tontura mental. Ela era muito tímida e boa, e não tinha coragem de reclamar para a minha mãe para não desgostar o vovô. Que dizia:

— Missão de um homem é aceitar os netos legítimos, ou ilegítimos, e tolerar as falhas dos filhos.

— Um dia, ela deu-me pinga para beber. Adormeci e não chorei. Siá Maruca sorriu comentando: Acertei o remédio para você. Você quer é pinga, cachorrinha!

Quando a minha mãe chegou do trabalho, não me ouvindo chorar, foi averiguar. Eu estava inconsciente. Minha mãe pegou-me e levou-me ao médico espírita, o senhor Eurípedes Barsanulfo. Ele olhou-me, sorriu e disse-lhe:

— Ela está embriagada, deram-lhe álcool para beber e adormecer.

Minha mãe queixou-se que eu chorava o dia e noite. Ele disse-lhe que o meu crânio não tinha espaço suficiente para alojar os miolos, que ficavam comprimidos, e eu sentia dor de cabeça. Explicou-lhe que, até aos vinte e um anos, eu ia viver como se estivesse sonhando, que a minha vida ia ser atabalhoada. Ela vai adorar tudo que é belo! A tua filha é poetisa; pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa. E sorriu. Deu-me uns remédios para vomitar o álcool e disse com voz enérgica:

— Você... nunca há de beber. O álcool é péssimo promotor. Porque hei de auxiliá-la sempre.

Recordo quando adoeci com caxumba. O tumor furou. Minha mãe comprimia-o, para retirar o pus. Eu chorava. Nós estávamos num velório. Eu estava no colo de minha mãe, tão contente com aquela demonstração afetiva.

Era um casal que morrerá por não poder amar-se livremente, por imposição da família. A mulher que morreu era a filha da tia Ana, a mulata que não gostava de preto. Era prima de minha mãe. Ninguém da família notaria a indiferença que a tia Ana nos votava. Mas eu notava. E odiava aquelas intriguinhas preparadas pelas pessoas, pigmeus na mentalidade, e pensava: “Por que será que os mulatos e os brancos negavam os negros?” O branco ainda é aceitável! Mas, o mulato? Está no meio-termo. É filho de negro e filho de branco. As raças que se unem para produzir o mulato. Contra o branco o mulato não pode investir. Porque o branco já é branco. Então ele se volta contra o negro. Mas o branco não aceita o mulato como branco. Houve até um projeto dizendo que se o mulato tivesse o cabelo liso era considerado branco, se o cabelo fosse crespo então o mulato era considerado negro.

Os comentários no velório eram desabonadores para a tia Ana, que impediu a sua filha de casar-se com um preto. Dizendo que queria que a sua filha casasse com um branco para purificar a raça. E que ela não sabia que o negro é uma raça pura na sua origem. E o branco também.

A Mariinha casou-se com um branco, o João Miguel, e a única coisa que este homem ofereceu à sua esposa foi uma vida cheia de sofrimento. Era alcoólatra. E a esposa não bebia. O lar era a matriz da miséria. Quem o sustentava era um preto. Era horrroso ver o esposo da Mariinha pedir dinheiro

ao preto para beber pinga e dizer:

— Eu te odeio, e odeio também a minha esposa, porque ela te ama.

Que ignorância da minha tia aceitar aquele homem sem qualidade, tipo inadmissível mesmo num núcleo mais sórdido, só por causa da cor da pele!

Quando o preto encontrava com a Mariinha, chorava dizendo-lhe:

— Se você fosse minha! A minha vida haveria de ser mais alegre.

A Mariinha chorava, dizendo:

— Eu tenho nojo do João Miguel. Como é horrorosa a presença de um homem quando não lhe temos amor. Eu não deveria ter nascido. Porque não nasci livre, fui escrava da vaidade de mamãe.

Aquela filha branca era o orgulho da tia Ana. Era a predileta.

Eu pensava: “O negro não deve produzir o mulato porque se volta contra ele. Aquele que recebe as cutículas é que pode avaliar a dor. E é o negro que está apto para revelar as filáucias e as jactâncias dos mulatos. Os negros não perseguem o mulato porque é mulato, nem o branco porque é branco. Então o negro é o superior.”

A Mariinha vivia dizendo:

— Eu vou morrer!

Foi mãe de dois filhos, o Adálio e o Olímpio. Foram os primeiros netos da tia Ana. Os seus netos de pele branca.

O preto dizia:

— Não fale que vai morrer, porque no dia que você morrer eu também morrerei. Não suportarei viver neste mundo sem você. Espero, que o teu sofrimento sirva de lição para a tua mãe, que pensa que as pessoas de pele branca são meio Deus! Não é só você quem está morrendo — eu também.

Quando o preto soube que a Mariinha havia morrido, saiu correndo e

dizendo:

— Não! Não pode ser! Ela não vai me deixar sozinho aqui neste mundo que foi amargo para nós. Mas o céu vai ser doce para nós. Eles estão brincando comigo! E isto é uma brincadeira! Se ela morreu, eu vou dormir no cemitério ao lado da sua sepultura.

Era o mês de novembro. Estava chovendo. Ele corria na lama que salpicava a sua roupa. Quando viu o corpo da mulher que ele soube amar profundamente estendido inerte, ajoelhou-se e chorou.

— Te amei, com todo respeito. Com todo carinho, querida Maria.

Sentou-se numa cadeira e chorava.

O esposo branco estava na venda do Nicolau bebendo pinga.

As pessoas que estavam presentes no velório rezavam, e falavam da vida infausta que a extinta passou, comentando que Deus fez bem em levá-la.

A tia Ana estava triste. Havia perdido a sua filha-talismã e com vergonha: das conseqüências do seu orgulho. Eu já estava habituando-me com a morte, porque a mortalidade no estado de Minas Gerais é assustadora.

Pensava que era a enfermidade que tinha o nome de amor. Então esta doença mata... Será que esta doença pega? Quando eu ouvia alguém falando no amor, eu dizia;

— Vai ao médico, que esta doença mata.

— Oh! negrinha idiota! Negrinha antipática.

Quando alguém ia me xingar era:

— Negrinha! Negrinha!

Que confusão quando o preto caiu morto. Que correria! Foram procurar o médico para examinar o cadáver. O povo dizia:

— Puxa, ele teve palavra, prometeu-lhe que, se ela morresse, ele também

morreria, e morreu mesmo.

Minha tia deixou de ser racista por uns tempos. Quando o seu filho João quis casar-se com a filha da siá Maruca, ela não consentiu. E a morte da Mariinha foi motivo para o povo falar por vários meses. Por fim, a tia Ana foi-se resignando, e não mais interferiu nos amores de suas filhas.

Pobre Mariinha, tinha desgosto de ter a pele branca que foi a causadora da sua morte. Não desprezava os pretos. Se a minha tia fosse inteligente, compreenderia que o valor das pessoas não está na cor, está nas ações. A Mariinha dizia:

— Eu queria ter a pele preta e os cabelos crespos. Como é bonito um rosto preto, com os dentes nítidos.

Foi a noite mais agitada que eu já vi. Ouvi uma mulher perguntar para a minha mãe:

— O que é que a menina tem?

— Está com caxumba.

— Que idade tem ela?

— Quatro anos.

Pensei em perguntar o que era quatro anos. Mas a minha mãe havia recomendado que as crianças não podem fazer perguntas nos velórios. Como é horrível ser criança. Não têm permissão para fazer isto ou aquilo. Que mundo é este, temos que aceitar as imposições; sendo assim, o homem não é livre.

Mas os grandes falavam, brigavam, bebiam e até roubavam. Quer dizer que os adultos também deveriam e devem ser repreendidos, os atos dos adultos têm conseqüências trágicas, como se eles não tivessem fé em Deus e nem consciência. Era como se tivessem nascido nus e crescessem nus. Não vestiram os seus sentimentos com bondade. Adoravam o homem Jesus Cristo, mas não acatavam os seus ensinamentos.

Oh! quem me dera não crescer! Tinha hora que eu ia contra os grandes. Mas tinha hora que eu adorava-os. Quando eles me davam doces, carne com pão,

leite, queijo e as pratinhas de dois mil-réis. Como eu gostava daquelas pratinhas. Que dinheiro bonitinho!

Na classe dos homens, eu gostava dos padres porque eles não falavam em guerras. Eram amáveis quando falavam com as crianças que iam ao catecismo. Diziam que nós deveríamos orar para Deus nos auxiliar. Os padres eram o padre Pedro e o padre Julião. Era gostoso ficar dentro da igreja.

Quando um homem preto avistava um soldado, entrava dentro da igreja e ajoelhava aos pés do altar. Permanecia vários minutos orando. Na igreja ele estava protegido. O soldado não ia admoestá-lo, não ia interpelá-lo.

Se os homens reuniam-se era para falar da tia Ana. Elogiavam a extinta.

— Vamos nos reunir e mandar rezar uma missa para ela.

Minha mãe dizia que devemos respeitar os mortos, que eles iam para o céu, que é Deus quem nos leva, e eles não mais voltavam na terra. Eu erguia os olhos para o céu para ver se via a residência dos mortos.

— Será que os mortos brigam, será que o salão de baile lá do céu é grande, ou está toldo? Será que as mulheres lá do céu dormem com os homens? Será que os policiais lá do céu batem nos pretos? Será que os mulatos lá do céu não gostam dos negros?

E a minha mãe se revoltava:

— Cala a boca cadela! Você quer me deixar louca! Eu não conheço o céu, eu nunca estive lá. Só depois que eu morrer, é que eu vou para o céu. Mas deve ser ruim morrer!

Minha tia Claudimira, dizia:

— Se eu fosse você, internava esta negrinha num hospício.

— Ela é minha filha! A missão da mulher é ter paciência com os filhos seja ele um Caim ou um Abel.

Fiquei pensando: “Quem será que foi Caim? O que será que ele fez? E o Abel?”

A siá Maruca deu-me um lombrigueiro. Todas as crianças eram obrigadas a tomá-lo. Fiquei horrorizada quando vi a quantidade de vermes que expeli.

— Na barriga da gente tem estes bichos?

— Tem.

— O que é que eles comem?

— A comida que você come.

E a siá Maruca foi saindo para ficar livre dos meus interrogatórios.

O povo xingava a tia Ana. Mas ela não sabia. Minha mãe dizia que saíra às dez horas do velório porque eu estava com caxumba. Depois que ela deitou-se, ouvia a voz da Mariinha chamando: — Cota! Cota, Cota. À meia-noite, a voz desapareceu.

Toda semana morria alguém.

Era difícil morrer um rico, porque assim que eles adoeciam procuravam o médico. Quando o pobre arranjava dinheiro para ir ao médico, já era tarde demais.

O médico que tratava dos doentes era o doutor Cunha, esposo da dona Leozínia, a mulher mais bonita de Sacramento. Eu não queria que a minha mãe morresse, porque as crianças que ficavam sem as mães iam residir com outras famílias e perdiam a liberdade;

Como os negros amavam com alucinação a liberdade! Eles não tinham assistência mas eram felizes.

Graças a Deus a mamãe não vai morrer porque eu não quero ir morar com ninguém, porque teria que trabalhar, apanhar, e não poderia brincar. Fiquei sabendo que as crianças que não tinham mães eram órfãos. E eu fiquei com medo da palavra órfão.

Todos os sábados havia um casamento na cidade. Que corre-corre. As mulheres faziam doces, biscoitos, matavam galinhas, patos e perus. Pediam pratos, garfos, facas, copos e cadeiras emprestados aos vizinhos. Assavam

biscoitos nas formas de letras com os nomes dos noivos.

Quando a Jerônima, filha da siá Dona, casou-se com o Jovino, eu fui ver o casamento. A Jerônima era loira, os olhos azuis, os cabelos claros. O Jovino era mulato. Eu olhava o rosto do Jovino. Um rosto de homem sério, que ia saber respeitar aquele compromisso. O casamento foi feito em casa. Porque a noiva era branca, e tinha vergonha de atravessar as ruas para ir ao cartório casar-se com um mulato. Estes boatos circulavam, mas não chegaram aos ouvidos do Jovino. A noiva estava bonita! E a sua mãe satisfeita, dizendo:

— Eu já estou velha, e graças a Deus casei a minha filha! Se eu morrer ela olhará a Claudimira. Que era a sua irmã mais nova.

O padrasto da noiva estava alegre. Até eu estava alegre.

O escrivão era o senhor José Neto, que dizia:

— Você teve sorte! Casou-se com uma jovem branca e bonita.

Após o casamento, os jovens viajaram. Foram para a roça. E nós ficamos dançando.

Eu ficava pensando: “Por que será que finalizam as festas com bailes, o baile não é necessário.” Eu não gosto de dançar. Mas aprendi porque pensava que era obrigatório. Pensava que éramos obrigados a aprender tudo que rege o mundo. Mas beber pinga, isto eu não queria aprender. O roubo eu já sabia que era proibido. Quem matava um ladrão não ia preso. Mas ocorria muitas injustiças. As vezes um homem matava o outro, e dizia que a vítima era ladrão para livrar-se da prisão.

Os tempos foram passando. Quatro anos depois a Jerônima fugiu com um homem branco. Porque tinha nojo de ter uma sogra preta. Ela não teve filhos. Não quis, o Jovino ficou sozinho.

Ele tinha vacas, porcos, arroz plantado, e vários sacos de arroz beneficiado, e arroz com casca. Feijão de várias qualidades. E oito porcos gordos e um cavalo arreado para a Jerônima cavalgar.

Tempos depois vi o Jovino andando pelas ruas de Sacramento, e mais uma vez olhei aquele rosto sério de um homem bom. Não foi possível ver o seu sonho

concretizado — queria filhos. Deus foi o juiz naquela união.

As minhas primas convidavam-me para brincar. Eu não gostava porque o meu cabelo não crescia e elas diziam:

— Cabeça pelada! Cabeça pelada, cabeça de homem! Você não vai casar... porque os homens não se casam com as mulheres que não têm cabelos.

Eu pedia a minha mãe para trançar os meus cabelos. Que dor!

Um dia, a minha mãe mostrou-me um pente de ferro dizendo que os sinhôs obrigavam os escravos a pentear os cabelos com aqueles pentes. Porque o cabelo do negro é rústico. Que pente horrível. Arrancava todo o cabelo.

Eu vi vários pretos que haviam sido agraciados com a Lei Áurea e com a liberdade. Faziam ranchinhos na beira das estradas, porque a beira das estradas públicas pertence ao governo e ninguém falava nada. Eles contavam os horrores da escravidão. Suas mágoas eram contra os portugueses.

Eu não podia compreender como é que as mulheres pretas choravam e diziam que foram os portugueses que as arrancaram do seio da África para vendê-las e ainda dormiam com eles. Existiam as pretas que viviam maritalmente com eles. E tinham vários filhos, e eram obrigadas a trabalhar como empregadas domésticas, e o dinheiro que recebiam eram obrigadas a dar-lhes. Enfim, eram suas concubinas e escravas indiretas.

Para mim, a vida dos homens era semelhante às teias de aranha. Eu não sei onde é que elas arranjam estes fios para fazer suas teias. E não sei onde é que os homens conseguem tantas confusões para dificultarem suas vidas.

Eu não queria ficar grande, a vida dos grandes é antipática. Ficava nervosa quando a mamãe dizia que eu estava crescendo.

Eu já estava conformada: os negros não tinham possibilidades de morar nas casas bonitas com vidraças e jardins. Minha mãe me dizia:

— Minha filha, é tolice ambicionar o que não podemos conseguir, poderemos ser felizes morando dentro de uma casca de ovo.

Que vontade de morar numa rua calçada e com luz elétrica. Mas as ruas que

eram calçadas, iluminadas, eram para os ricos. A luz dos pobres eram as lamparinas a querosene e o ferro a carvão.

Os meus parentes bebiam pinga e ficavam embriagados. Brigavam, quebravam os móveis. Que suplício para quem não bebe permanecer no meio dos ébrios! Eu chorava porque queria ficar livre daquele ambiente.

A siá Maruca não trabalhava. O vovô não permitia. Dizia:

— A mulher depois que se casa deve cuidar apenas dos afazeres domésticos. Compete ao homem ser o chefe da casa. Estou ganhando quinze mil-réis por semana.

Que fortuna! Ele comprava os gêneros em sacos. Eu estava farta, não suportava a carne de galinha.

Siá Maruca gritava:

— Minhas filhas! — e as galinhas vinham correndo comer o milho.

Eu disse:

— Que sossego!—estava contente.

Um dia a siá Maruca lavou roupa para fora e ganhou um mil-réis. Quando o vovô veio almoçar, não tinha farinha. Ele não comia sem farinha, porque na época da escravidão os pretos eram obrigados a comer o angu, e a farinha. À tarde quando foi jantar encontrou farinha. Perguntou a siá Maruca:

— Onde e como conseguiste dinheiro para comprar esta farinha?

Os seus olhos voaram para o rosto da siá Maruca, que havia mordido os lábios. Por fim ela resolveu responder:

— Eu lavei as roupas da dona Faustina, ela pagou e eu comprei cinco quilos de farinha, lavei duas dúzias por um mil-réis. O quilo de farinha custou duzentos réis.

O meu avô retirou a cinta da cintura e espancou-a. Dizia:

— E a última vez que a senhora vai fazer compras sem o meu consentimento. Quando quiser sair, peça-me permissão. Quem manda na senhora, sou eu! Se a senhora não sabe obedecer — vai embora!

A siá Maruca chorou.

E eu fiquei pensando: “É melhor ser meretriz, ela canta, vai aos bailes, viaja, sorri. Pode beijar os homens. Veste vestidos de seda, pode cortar os cabelos, pintar o rosto, andar nos carros de praça e não precisa obedecer a ninguém.”

O vovô nos contava que os pretos que moravam nas cidades grandes já sabiam ler e tinham até dinheiro nos bancos. Ele não sabia ler, mas procurava saber se os negros já estavam subindo na esfera social. “Oh!”, exclamávamos admirados.

Não sei se era ciúme, mas eu notava diferenças nos modos da mamãe nos tratar. O meu irmão era o predileto. Eu pensava: “Ela trata-o com todo carinho, porque ele é mulato. E eu sou negrinha.”

A minha mãe sorria, dizendo que as mães gostam de todos os filhos. Que uma mãe luta por cem filhos e os filhos não lutam pelas mães.

Ela trabalhava nas casas familiares, e nas casas das meretrizes, e levava-me. Eu presenciava aquelas cenas pornográficas das mulheres com os homens. Os ósculos e os amplexos. Depois, eles entravam nos quartos e eu ouvia aqueles ruídos das camas de arames. Pensava: “Se eu pudesse ver o que eles estão fazendo!”

— Eu gosto de você! Eu gosto de você!

— Não me deixe meu querido!

Eram as únicas coisas que chegavam aos meus ouvidos. Mas não me satisfazia. Porque eu queria era ver.

A única coisa gostosa que existe é arroz-doce, o doce de leite, o pé-de-moleque. O pão de queijo. Será que o homem é mais gostoso do que o doce? Para dormir com o homem é necessário ser mulher grande, e eu sou pequena.

A Emerenciana já estava dormindo com os homens e vestindo vestidos de seda, e tinha posto um dente de ouro na boca e trocado o nome. Era Vilma. Comprou vestido de seda para a mãe dela, que estava contente porque a sua filha estava ganhando um dinheirão, cem-mil-réis por semana. Ganhava mais que um doutor. Já conhecia Uberaba, Araxá e Uberabinha.

E os homens, vencidos, comentavam:

— Quem me dera ter nascido mulher!

Comigo os homens nunca vão dormir. Porque eu não vou crescer. A minha mãe dizia que as crianças não compreendiam aquelas cenas de beijos e abraços. Oh! santa ingenuidade. Algumas coisinhas as crianças entendem. Todas as meninas tinham namorados. Nos bailes, eles dançavam. Eu ficava sozinha. Os meninos não dançavam comigo, diziam que eu era muito feia, muito magra. Que, dançando comigo, eles tinham a impressão de estar dançando com um bambu. O único que dançava comigo era o Domingos. Um pretinho de quinze anos. Ele tinha só um braço. Fui ficando revoltada e o complexo apossando-se da minha mentalidade.

O meu irmão brigava comigo, quem apanhava era eu. E me queixava para a minha mãe:

— A senhora protege o Jerônimo porque ele é filho legítimo. E eu, sou bastarda.

Eu não sabia o que era bastarda. Mas achei bonita a palavra. Minha mãe também desconhecia. Nós ouvimos nos circos. Inconscientemente eu acertava.

O que eu reprovava eram as brigas dos adultos alcoolizados. Um adulto tem que ter classe. Dar bons exemplos, ser o professor da decência. E não o professor da anarquia.

O meu tio Joaquim era o mais bravo da família. Era o penúltimo filho, e obrigava os irmãos mais velhos a obedecer-lhe. Até a minha mãe, que criou-o após a morte de minha avó, era obrigada a pedir-lhe a bênção. Ele não sabia ler. Empregava a violência. E batia com tanta energia que as pessoas que ele espancava ou lhe obedeciam ou desapareciam da cidade.

Ele era amasiado com a minha madrinha de batismo. Ela era branca.. E o

povo murmurava:

— Onde é que já se viu, preto com branca.

Os homens brancos xingavam:

— E o açúcar com o café. É o café com leite. E o mosquito no leite. Eu não aprovo esta união. Cré com cré, lê com lê.

As mulheres pretas, quando viam o meu tio passeando de braço dado com a minha madrinha, diziam:

— Olha o mosquito no leite! Olha o mosquito no leite.

O meu tio dizia que os homens ignorantes é que eram racistas.

Um domingo, a minha mãe pintou o rosto, pó-de-arroz, carmim, e crayon. E foi passear. Encontrou com o meu tio que obrigou-a voltar para casa e lavar o rosto.

— Não estamos na época do carnaval.

Ela obedeceu-lhe em silêncio.

Quando ele ausentou-se, ela xingou:

— Arrependi-me de ter criado este cachorro!

Ele respeitava só o vovô. Quando pedia a bênção, tirava o chapéu e beijava-lhe as mãos. Era o único que não bebia álcool, não vagava. A polícia não o conhecia. Era carroceiro, obrigava o meu irmão a guiar os bois. Mas ele não gostava de levantar-se às cinco horas da manhã. Ele ia despertá-lo com a sua voz estentórea. O meu irmão suplicava:

— Mamãe! fala pra ele que eu estou com dor de ouvido. A cama está tão quentinha.

— Ele não pode ir. Está com dor de ouvido.

Ele quebrava a porta. Entrava com o chicote na mão e nos dava chicotadas, gritando furiosamente:

— Você está doente? Toma o remédio! Não gosto de homem preguiçoso, cachorro! Ou você aprende trabalhar, ou eu te mato! O Brasil não deve ser um país de ociosos. As nossas terras precisam de braços. O homem é assim mesmo, ao convidá-lo para trabalhar ele arranja estas doenças: bronquite, sinusite e preguicite.

Dava umas chicotadas no meu irmão. Na terceira chicotada, o meu irmão pulava a janela, arrastando as cobertas e chorando.

Minha mãe reclamava:

— Você não é meu pai, nem meu marido.

Ele dava-lhe uma chicotada, ela silenciava definitivamente. Eu dava risada. Ele me dava uma chicotada dizendo:

— Isto, é para você me respeitar. Eu não sou palhaço para você rir-se de mim.

Quando ele se distanciava, minha mãe se levantava, abria a porta, rodeava a casa para ver se ele estava oculto nos ouvindo. Certificando a sua ausência, xingava-o:

— Aquele cachorro! Eu limpei o r... dele.

E o meu irmão decidia levantar-se quando ouvia os passos do meu tio. Aos sábados, ele pagava-o. Trocava o dinheiro em moedas e enchia as mãos do meu irmão, e dizia:

— Ele é muito preguiçoso. Eu pago-o com dinheiro trocado para estimulá-lo ao trabalho. Quem sabe se o dinheiro tem mais força do que as minhas palavras e as minhas chicotadas.

Meu irmão colocava as moedas nos bolsos e sorria dizendo:

— Estou rico! Estou rico!

Eu ficava com inveja e pensava: “Por que é que eu não nasci homem para ficar rico, e ganhar muito dinheiro?”

O meu tio dizia:

— O homem para ganhar muito dinheiro é preciso ser trabalhador e ganhar o dinheiro com honestidade.

Eu repetia mentalmente: “Honestidade.”

O meu tio comprava gêneros alimentícios, toucinho, carne e cachaça, e dizia para a minha madrinha:

— Você prepara o almoço, depois pode beber a sua pinga.

Ela bebia a pinga. Embriagava-se, e deixava os cães comerem a carne e o toucinho. Não preparava as refeições. As mulheres pretas diziam:

— Bem feito! Arranja mulher branca! Mulher branca, não presta.

O meu tio espancava a minha madrinha que estava superalcoolizada, estendida no solo. Dava a impressão que ele estava espancando um cadáver. Mas quem é que ousava interferir? Quando ela normalizava, estava com o braço quebrado. Começava a gemer, e chorar.

E eu pensava: “Tem mulher que diz que o homem é bom. Que bondade pode ter o homem, se ele mata e espanca, cruelmente? Quando eu crescer eu não quero homem. Prefiro viver sozinha.”

Ela ajeitava o braço ferido. Depois continuava beijando o meu tio.

Aquelas cenas, para mim, eram um enigma. E dizia comigo mesma: “Credo. Eles não têm vergonha.” Eu era inciente, desconhecia a atração sexual, que é a advogada dos casais. Mas a minha idade não me auxiliava a compreender que o meu tio estava com a razão.

Os que ficavam condoídos iam relatar aos policiais que o meu tio havia espancado a minha madrinha. Quando os policiais chegavam, ela defendia-o:

— Ele é um santo! E o melhor homem que existe no mundo. Ele não vai preso. Eu já tenho lugar apropriado para prendê-lo.

O meu tio dizia:

— Eu saio de manhã para trabalhar, quando volto do trabalho encontro-a bêbada, caída por cima do braço. Se o braço está quebrado, não sou eu o responsável.

O meu tio exibia suas mãos calejadas, que eram o único documento de um homem. Os policiais pediam desculpas ao meu tio e retiravam-se. Eles fechavam a porta e iam deitar-se.

O meu tio comprava móveis, ela queimava-os para fazer as refeições. Nunca vi a minha madrinha lavar roupas. Sabia fazer crochê muito bem, quis ensinar-me, não aprendi a trançar as linhas, desisti.

Ela foi casada com um preto de nome Alcides. Abandonou-a. Não teve filhos, por não ter menstruações normais, tinha as menstruações duas vezes ao ano. Era uma mulher amarela. Uma cor indefinida. Quando sorria, tinha aparência de um esqueleto.

Eu ouvia e via estas confusões que ficavam condicionadas na minha mente como se fossem roupas dobradas dentro de um armário. Todos os dias havia coisas para entrar dentro da minha cabeça. O corpo humano deve ser assim mesmo, pensava.

Mas o meu tio cansou-se de viver com a minha madrinha, que era abstrata com relação à vida, tão diferente de minha mãe, que imitava as abelhas e as formigas, que se locomovem de um lado para outro.

Percebi que ele desejava reajustar a família. Notando a dificuldade, desapareceu de Sacramento, que é uma cidade que não oferece um futuro promissor aos seus filhos.

O meu irmão rejubilou-se. Dizia:

— Eu não preciso trabalhar! Eu não preciso levantar cedo!

E levantava às onze horas, ia aquecer-se ao sol.

Eu pensava: “Meu Deus, os pretos precisam ser dinâmicos, mais esforçados, para fazer casas de tijolos. E não se acomodarem dentro destes quatinhos, recobertos com capim.” Apesar do meu tio ser rude, eu senti saudades dele. Era um homem honesto.

A CIDADE

Isto ocorria aos sábados e aos domingos. A cidade superlotava de homens, circulando à procura das meretrizes. Elas ficavam agitadas, iguais às aleluias nos dias de chuva. Diziam que o sábado era o dia de ganhar muito dinheiro. Tomavam banho e perfumavam-se e saíam pelas ruas procurando os homens com dinheiro.

Que disputa tremenda! Todas queriam conseguir homens. Não selecionavam. Davam a impressão de ser animais na cópula. Uma mulher limpinha dormia com um homem sujo e beijava aquela boca com os dentes podres. Se o homem exibisse o dinheiro: pronto. E ele ouvia isto:

— Meu querido! Meu amor! Meu benzinho! Meu santinho.

Em troca destas palavras, os homens davam-lhes somas fabulosas. E elas davam o dinheiro para as donas das pensões onde moravam.

Ai delas, quando não arranjavam dinheiro! Que confusão! A dona da pensão xingando-a:

— Meretriz, infausta! Você já está velha. Ninguém te quer! Vai pedir esmola! Você deverá me arranjar o dinheiro, ou então deixa o quarto.

Eu pensava; “Será que o dinheiro é tão importante assim? Mas o vovô diz que a coisa mais importante que existe é Deus!”

Eu achava esquisito era ver as meretrizes usando roupas coloridas e exagerando na pintura e nos adornos para atrair os homens. Para mim elas deveriam fazer uma assepsia na boca para não terem mau hálito. Penso que quem comercializa o corpo deve ter uma assepsia rigorosa.

Aos sábados, os policiais apertavam-se. Ele colocavam um cinturão por

cima da túnica. Era a prova de absoluta autoridade. Os pretos ficavam apavorados. As mulheres pretas saíam, iam nas vendas retirarem os seus filhos e seus esposos. Como é horrroso suportar uma autoridade inciente, imbecil, arbitrária, ignorante, indecente e, pior ainda, analfabeta. Não conheciam as regras da lei, só sabiam prender. Quando não conseguiam o afeto das meretrizes, prendiam as infaustas. Elas recusavam os soldados, aludindo que eles não tinham dinheiro. E assim fiquei sabendo que o homem que não tem dinheiro não tem valor para as mulheres.

As meretrizes eram as que usavam os casacos de astracã e os vestidos de seda. Cortavam os cabelos, pintavam os lábios de vermelho. As mulheres casadas e as moças virgens não tinham permissão para usar o batom, passar o carmim e cortar os cabelos. Mas quando as meretrizes passavam com suas roupas sensacionais, os homens ficavam extasiados como se estivessem apreciando algo sobrenatural. E as meninas ficavam com inveja e queriam crescer para serem meretrizes, e dormir com o José Merendengo. Que homem bonito! Era o Rodolfo Valentino de Sacramento.

As meretrizes sentiam imensos prazeres quando os homens se indispunham disputando-as. Estas querelas eram o bastante para avivar-lhes a vaidade, convencendo-as que eram bonitas. Que pavor que tinham de ficarem velhas! Compravam cosméticos rugol, e não saíam da frente do espelho. Como se fossem a madrasta da Gata Borralheira. O que não estava certo era a interferência dos policiais com aquelas infelizes. Queriam ser os prediletos.

A mulher livre mais bonita era a Abadia. Um dia apareceu morta com um jovem de nome Octávio.

O Octávio matou-a e suicidou-se. Não investigaram. Eu descobri quem matou Abadia e o Octávio. Mas não podia dizer quem era. Se eu dissesse ele poderia matar-me e matar a minha mãe. Eu estava com cinco anos e já compreendia a infantilidade dos adultos, que às vezes são crianças nos seus atos.

Entrava em qualquer lugar. E presenciava cada cena... Pensava: “Os grandes não respeitam os pequenos.” Não podia penetrar minuciosamente naquelas confusões.

As meretrizes não sabiam ler. Pagavam alguém para escrever as cartas para

elas enviarem aos seus parentes.

A meretriz viajante era a deusa naquele núcleo, relatando para as amigas os lugares que conhecia. Elas estavam sempre com dinheiro. Enviavam para os familiares. Pediam às mães que tomassem conta de suas irmãs, que era horrível ser mulher à toa, que obrigassem a irmã a casar-se, que é muito melhor ser de um homem do que ser dos homens. Que elas tinham muitos homens, mas não tinham um homem. Aos sábados, elas saíam pelas ruas procurando um homem. Quando não conseguiam, diziam que eram infelizes. Será que os grandes são loucos? Será que eu vou ser igual aos grandes quando eu crescer? Já estava aborrecida de viver neste mundo. Fui pedir à minha mãe:

— Sabe, mamãe, eu não estou gostando deste mundo. A senhora quer me pôr onde eu estava?

Ela explicou que para sair deste mundo era preciso morrer.

— Ah! de morrer eu tenho medo.

Quando alguém roubava, os soldados saíam com o preso pelas ruas da cidade. Era obrigado a carregar o que havia roubado: galinha, cavalos. E a criançada saía atrás, batendo lata, frigideira, tambor, quem sabia tocar sanfona, viola, violão, cavaquinho, gaita saía atrás do preso:

Um dia era um preto. E nós gritávamos:

— Olha Zé coberta! Ele roubou coberta! Olha o Zé coberta, é ladrão de coberta.

Era o mês de junho. Que frio. Mas o negro estava transpirando, como se tivesse tomado um banho.

O povo saía pelas ruas para ver o ladrão. Era como se estivesse acompanhando uma procissão. Quando o delegado soltava o preto, ele desaparecia e nunca mais voltava para Sacramento. Era um castigo moral que tinha o seu efeito benéfico. E ninguém queria ser ladrão. Eu adorava estas festinhas. E os comentários:

— O homem que rouba deveria ser marcado com um L no rosto. O ladrão não tem valor. E um abutre que tem preguiça de trabalhar, o ladrão dura pouco.

Até as crianças renegavam o ladrão, quando elas se reuniam e comentavam sorrindo:

— Você viu Como o Zé coberta transpirava? — e davam risadas.

O homem que roubava galinha perdia o seu verdadeiro nome ia ser reconhecido por todos com o nome de Zé galinha.

E os anos foram passando. O que preocupava era a infelicidade dos pretos. Quando ocorria um crime ou um roubo, os pretos era os suspeitos. Os policiais prendiam. Quantas vezes eu ouvia os maiores dizendo:

— Negros ladrões, negros ordinários.

Eles diziam:

— Não fomos nós.

Notava os seus olhares tristes.

Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. Quando brigavam comigo, diziam:

— Negrinha! Negrinha fedida!

A avó de minha mãe dizia:

— Eles são como os espinhos, nascem com as plantas.

Não compreendi, más achei tudo isto tão confuso! Por causa dos meninos brancos criticarem o nosso cabelo:

— Cabelo pixaim! Cabelo duro!

Eu lutava para fazer os meus cabelos crescerem. Era uma luta inútil. O negro é filho de macaco. Que vontade de jogar pedras.

O meu prazer era ver uma menina branca suplicar-me:

— Bitita, atira uma pedra naquela manga para mim.

Eu tinha alvo, era só jogar, e acertar. Pensava: “Mesmo sendo preta, tenho alguma utilidade.”

Com os pretos velhos os meninos não mexiam, porque eles diziam que conheciam um homem que virava lobisomem e mula-sem-cabeça. Foi o único meio que os pretos velhos arranjaram para ter sossego.

A nossa casa já estava com o capim podre. Que luta para minha mãe arranjar vinte mil-réis para comprar um carro cheio de capim, e pagar um homem para colocá-lo no nosso ranchinho. O branco construía a sua casa definitivamente com telhas.

Fui ficando triste. O mundo há de ser sempre assim: Negro praqui, negro, prali. E Deus gosta mais dos brancos do que dos negros. Os brancos têm casas cobertas com telhas. Se Deus não gosta de nós, por que é que nos fez nascer?

Fui procurar a minha mãe.

— A senhora pode me dar o endereço de Deus?

Ela estava nervosa deu-me uns tapas. Fiquei horrorizada: “Será que a minha mãe não vê a luta dos negros? Só eu!” Se ela me desse o endereço de Deus, eu ia falar-lhe. Para ele dar um mundo só para os negros.

Ela explicou-me que os negros eram ignorantes. Que o homem que não sabe ler fica parado igual uma árvore num lugar.

— Quando você completar sete anos, você vai entrar na escola. Vai aprender a ler.

Que inveja que eu tinha quando via o doutor Cunha lendo um jornal. “Hei de ler o jornal se Deus quiser.” E fiquei alegre.

Minha mãe era caprichosa. Areava os bancos, areava as panelas. Tomava banhos todos os dias. Eu não gostava de tomar banho para deitar. Ela dizia:

— Se você não tomar banho, os urubus vêm te comer.

Às vezes eu dormia sem tomar banho. De manhã, quando avistava os urubus circulando nos ares, ia correndo esquentar água para lavar os meu pés.

Olhando os urubus voando gritava:

— Eu já lavei os pés senhor urubu.

E assim fui habituando-me a tomar banho.

Que pavor que eu sentia na época das festas de são Benedito com o corre-corre dos pretos. Era a única época em que eles davam lucros aos comerciantes. Não tinha um preto culto para nos falar da escravidão, para incentivar a raça. Viviam sem preocupar-se com o porvir. Qualquer anormalidade na cidade, as meretrizes procuravam interferir como se suas presenças fossem indispensáveis. Dava graças a Deus, quando terminava a festa que deixava o seu saldo trágico: várias jovens gestantes. Quando a cidade normalizava-se, o festeiro estava endividado. Alguns pretos adoeciam de tanto sambar. Que fanatismo por baile. Pensava: “Se eles tivessem o fanatismo para trabalhar, poderiam até ter casas cobertas com telhas.” Para mim as pessoas que moravam nas casas de telhas eram as importantes. Vários dias ficavam comentando as canções que eles improvisavam. O que me horrorizava era ver um preto andar cinco léguas para dançar. As pouquíssimas vezes que acompanhei a minha mãe nestas andanças, fiquei estropiada.

Quando ia aproximando a época das plantações, só se via o povo olhando para o alto e comentando:

— Será que não vai chover?

Todas as casas tinham oratório com as imagens dos santos. As mulheres lavavam as imagens suplicando:

— Estou lavando-as para que nos enviem chuvas. Será que o bom Deus vai nos castigar?

Enfeitavam e lavavam os cruzeiros. Falavam que no Estado do Ceará ficou sete anos sem chover. Que morreu muita gente. Eu pensava: “As cruzes são de pau que os homens fazem. Que poder terão elas? Será que elas atendem os pedidos?”

E eu pedi que fizesse eu virar homem. Queria plantar lavouras. Queria ser um homem forte e comprar um Ford. Queria ser igual ao José do Patrocínio, que ajudou a libertar os negros e ainda comprou um Ford. Eu havia visto o Ford no

jornal Que vontade de andar naquilo!

Eu invejava as meninas brancas que usavam vestidos de veludo, linho, organdi, e calçavam os pés com meias de seda. A seda custava dez mil-réis o metro. A mulher que vestia um vestido de seda circulava pelas ruas vaidosa, semelhante a um pavão exibindo suas penas coloridas.

Quando percebi que nem são Benedito, nem o arco-íris, nem as cruzes não faziam eu virar homem, fui me resignando e conformando: eu deveria ser sempre mulher. Mas mesmo semiconformada, eu invejava o meu irmão que era homem. E o meu irmão me invejava por eu ser mulher. Dizia que a vida das mulheres é menos sacrificada. Não necessita levantar cedo para ir trabalhar. Mulher ganha dinheiro deitada na cama. Eu ia correndo deitar na cama de minha mãe, pensando no dinheiro que ia ganhar para comprar pé-de-moleque. Depois levantava, desfazia a cama com ansiedade, procurando o dinheiro.

Quando a minha mãe via a cama desfeita, dirigia-me um olhar duro, e perguntava:

— O que está fazendo, cadela?

— Estou procurando o dinheiro, o Jerônimo disse-me que as mulheres ganham dinheiro na cama, eu deitei e vou ver quanto é que ganhei. Quero comprar doces.

Apanhava.

Ela ganhava trinta mil-réis por mês. Comprava botinas para o meu irmão. Doze mil-réis. E sandálias para mim. Sandália era o calçado dos pobres. Ficava alegre. Na época do frio eu podia calçar meias. Quando uma mulher pobre calçava meias, as vizinhas perguntavam:

— Está doente?

Só as mulheres ricas é que podiam usar meias. Era chique.

Quando sobrava comida, as meretrizes davam aos pobres, que comiam as sobras dos ricos sem averiguar se eles eram doentes ou não.

Com as dificuldades que os pais encontravam para viver, porque a pobreza

era a sua redoma funesta, alguns pais, incientes, obrigavam suas filhas a ser meretrizes. Visando enriquecer por intermédio das filhas, jovens desnutridas, que eram obrigadas a passar as noites bebendo bebidas geladas ou vagando pelas ruas procurando um admirador. Algumas ficavam infectadas, com doenças venéreas e morriam com dezoito anos. Eram flores que não encontravam vasos de cristais para exhibir os seus esplendores. Flores que não encontraram o adubo da vida, que é a felicidade.

Não me agradava aquele modo de vida dos pobres. Não podia nem classificar aquilo de vida, sofriam mais do que os animais. Que luta para conseguir dinheiro nas cidades do interior.

O que favorecia era o matadouro público, que distribuía os miúdos dos animais. Um pedaço de fígado para cada criança: se numa casa havia oito crianças, cada uma ganhava o seu pedaço. Quando o distribuidor perguntava:

— Vocês são irmãos?

Respondiam:

— Não senhor.

— Mas vocês têm o nariz chato e a mesma cor.

— E que nós somos filhos de Adão e Eva.

Distribuía as cabeças, os rins, os pés, o bucho e as línguas. Que alegria quando nós comíamos os bifés de fígado com arroz! Era um banquete. A carne de cabeça, que carne insípida! Não tem sabor, e não cozinha. Tinha até um ditado: pessoas ordinárias eram a carne de cabeça. A carne selecionada era para os ricos: quinhentos réis e oitocentos réis o quilo.

As crianças ricas quando adoeciam era tosse. As pobres eram anêmicas, raquíticas, por andarem descalças.

Minha mãe cozinhava com lenha. Nós não podíamos comprar, íamos buscá-la no mato. Reuniam-se várias mulheres: a Maria Preta, a Joaquina e Maria Triste, minha mãe e eu. Levávamos um machado. Que suplício andar no mato procurando um pau aqui, outro ali. Quando encontrávamos um pau seco, que alegria! Era como se encontrássemos um filão de ouro. Era aquela andança

dentro do mato, das sete ao meio-dia. Eu gostava de ir para comer as frutas silvestres — jatobá, pitanga, gabiroba, araticum, maracujá e marmelo-de-cachorro. Não gostava do retorno. Minha mãe me obrigava a carregar um feixe de lenha. Eu era fraca e não suportava o peso. Mas não podia reclamar. Já estava começando a compreender que para viver temos que nos submeter aos caprichos de alguém. Quando não é a mãe, é o esposo ou o patrão. Que dor horrível nas pernas! O peso me comprimia para baixo, como se quisesse introduzir minhas pernas dentro da terra. Quando chegava em casa e jogava o feixe de lenha, que alívio! Ia sentar para descansar.

Fui notando que há a possibilidade de ficarmos livres de tudo que nos fatiga ou aborrece um dia. Porque a vida é uma iguaria a que devemos adicionar uma dose de paciência. Minha mãe sorria alegre porque a lenha para nós era um dilema.

O único dia que eu detestava era o sábado, por causa da agitação. Se fosse possível acabar com o sábado! Só falavam no baile o dia todo. O meu desejo era transformar-me numa ave qualquer, mesmo-que fosse o urubu, e voar todos os sábados para fugir daquele ambiente que não me agradava em nada!

Me dá o ferro! Ah! espera um pouco!

Já estava tomando nojo até do ferro. Mas eu era criança. O baile para elas era uma obsessão. E os comentários:

— Hoje, o fulano chega!

Os homens que trabalhavam na roça passavam á noite de sábado para domingo na cidade e arranjavam mulheres para dormirem juntos. Alguns já tinham a mulher certa.

O comércio permanecia aberto domingos e feriados. Vendiam bebidas alcoólicas, e os bêbados circulavam pelas ruas praticando cenas absurdas. O bêbado não açambarcava o respeito da população.

Na cidade vivia um mulato com o nome de João Flaviano. Quando embriagado, ficava nu, e as crianças vaiando. As mulheres davam-lhe um lençol, ele embrulhava-se. Dava a impressão de ser uma figura bíblica com a túnica inconsútil.

O que me impressionava era ver os nordestinos com suas trouxas nas costas, com seu aspecto desnutrido, como se fossem habitantes de outros planetas desumanos. Sujos e rotos. Alguns tocavam violas e cantavam:

“No estado do Ceará
Sete anos não choveu
Quem era rico emigrou
Quem era pobre morreu.”

Várias pessoas paravam para ouvi-los e davam dinheiro.

“Quem era rico emigrou.
Quem era pobre morreu.”

O pobre não teve meios para deixar o estado do Ceará. E eu sou pobre! Quer dizer que quando o sofrimento bate na porta do lar pobre, ele encontra guarida. Ficava com dó daquela gente. Os homens pareciam esqueletos ambulantes. Mas estava com seis anos, o que poderia eu fazer para amparar aquele povo infausto?

Minha mãe dizia:

— Eles são baianos. São da terra do Rui Barbosa. Eles abandonam a sua terra e saem vagando pelo Brasil à procura de trabalho. Porque se eles ficarem por lá, morrem de fome. Lá não chove.

Puxa! Então a chuva faz falta mesmo!

Então é por isso que o Rui Barbosa queria preparar um Brasil para os brasileiros? O Brasil foi descoberto em 1500 e se não fosse tão espoliado, os homens do Norte não viveriam intranquilos, andando de um Estado para outro, porque o Brasil iniciou-se no Norte. O que fizeram com as riquezas do subsolo? Foram devoradas pelos abutres insaciáveis. Eram tipos egoístas que comiam a carne e deixavam os ossos para os naturais sem dentes. Tipos que se vestiam e deixavam os brasileiros nus. Então o Tiradentes percebeu, compreendeu, lutou, e morreu por nós. Eu vou pedir ao vovô para rezar um terço para o Tiradentes.

Coitado, morreu enforcado. E ele estava certo.

O meu sonho era ver um português, homem tão falado. Mas o povo dizia que eles não gostam das cidades pequenas, que eles estavam em São Paulo e no Rio de Janeiro.

As crianças que voltavam da escola falavam do Thomaz Antonio Gonzaga, que mataram. Do frei Caneca, que mataram. Se a princesa Isabel não deixasse o Brasil, também seria morta. Então o mundo é assim? Quando alguém quer ajudar os pobres, os infelizes, eles matam. O Brasil começou a fundar escolas depois que tornou-se República.

O senhor Nogueira dizia que os portugueses não construíram nem uma escola no Brasil, por isso é que o Brasil era atrasado. Que eram necessários mais quinhentos anos para dar nova face ao país, cultura e solidariedade coletivas. Incentivar no povo o amor patriótico.

Minha mãe dizia:

— Se você crescer assim, preocupada com os problemas do país, poderá perder a sua cabeça, igual ao Tiradentes.

— Ora mamãe, os meninos que já sabem ler me falaram que na nossa Bandeira está escrito *Ordem e Progresso*. E para lembrar aos brasileiros que o país tem que estar sempre em ordem.

A ordem é o povo trabalhando com honestidade, respeitando uns aos outros.

Eu sentia inveja quando via os meninos que iam e voltavam das escolas. As ruas ficavam tristes, não havia mais crianças para brincar.

Eu convidava:

— Vamos brincar?

— Não. Eu vou estudar. Quero ganhar cem nas lições.

Fui correndo pra casa.

— Mamãe! Ô mamãe! Eu quero entrar na escola porque os meninos

ganham cem mil-réis nas lições. Eu nunca vi uma nota de cem mil-réis.

Minha mãe não respondeu. Ela já havia explicado que eu deveria completar os sete anos.

Os nortistas que chegavam iam residir no Patrimônio. Quando chovia eles ficavam olhando como se fosse o espetáculo mais lindo do mundo. Naquelas trouxinhas, eles carregavam panelas e pratos. Faziam um fogão tropeiro, iam arrancar capim para recobrir sua taperas e dormiam nas redes. Até as aves têm o seu ninho, e eles... são mais infelizes do que as aves.

Aos domingos, os habitantes da cidade eram obrigados a assistir os ofícios religiosos. As religiões predominantes eram a católica e a espírita. Os católicos eram maioria. Os espíritas minoria. Havia discriminações: os pobres e os pretos assistiam à missa das seis. As madames ricas e casadas assistiam à missa das oito. E as mocinhas assistiam à missa das dez, iam com os namorados.

Os pobres ficavam perto da igreja para ver as mulheres ricas passar, usando vestidos caríssimos que eram confeccionados em São Paulo na Casa Alemã ou na madame Antonieta. Se no lavar as roupas as lavadeiras perdiam a etiqueta da peça que lavavam, pronto, eram despedidas. Uma roupa que fora confeccionada em São Paulo tinha um valor. Era o comprovante que os donos eram ricos e importantes.

As mulheres pobres invejavam os casacos de peles. Compreendo que o sonho de pobre é sonhar, apenas sonar. As ricas eram vaidosas. Olhavam os pobres como se fossem intrusos neste mundo, ou objetos incômodos e sem prestígio.

Eu ficava preocupada com a seleção de classe. Se na classe média tinha uma família, e se nesta família havia uma mocinha bonitinha, quando aparecia um médico solteiro casava-se com ela. Eu ouvia elas dizerem:

— Eu não gosto dele. Vou-me casar porque ele é doutor e poderá me dar uma vida confortável e me introduzirá na alta sociedade.

Eu ficava horrorizada, porque um homem, seja rico ou pobre, quando decide casar-se é porque está considerando a mulher. Merece ser amado. Creio que as mulheres que agem assim são as escravas das vaidades.

Muitas delas diziam:

— Eu gosto de fulano. Mas ele é pobre.

Será que a alta sociedade é tão importante assim?

Minha mãe dizia que as exigências na vida nos obrigam a não escolher os pólos. Quem nasce no pólo norte, se puder viver melhor no pólo sul, então deve viajar para os locais onde a vida seja mais amena.

MEU GENRO

Uma senhora que havia mudado para Sacramento, e que não mencionou de onde viera, foi procurar criadas e minha mãe aceitou.

Ela queria que limpassem a casa. As janelas, o soalho. Fazer doces, preparar carnes, recheá-las, encher frangos, que o seu genro ia chegar. Ela ia apresentá-lo aos figurões. Que correria! Distribuiu vários convites. Na casa, ela falava:

— O meu genro, que homem!

Queríamos ver o homem fenômeno, tão enaltecido pela sogra, coisa rara.

Minha mãe e a tia Tereza é que estavam preparando os quitutes. Antônia, mulher do pai preto é quem engomou as toalhas bordadas. A casa ficou um primor.

A patroa era delicadíssima para lidar com os domésticos. Não dava ordem com a convicção que estava pagando. Pedia com gentileza.

— Amanhã, o meu genro vai chegar. Será que a senhora poderá chegar às seis horas?

Minha mãe disse que sim.

— Ela andava de um lado para o outro, reclamando que os ponteiros dos relógios eram indolentes e não se moviam. Meu ilustre genro foi feito no céu. Não fere nossa sensibilidade. É o representante da gentileza.

Em todos os lugares onde ia passear falava unicamente no “meu genro.”

— Ele é que nos mantém. Os meus dois filhos estão estudando num colégio

interno. Ele é quem paga. Não é só o Cristo quem salva, ele também está me salvando.

No outro dia, minha mãe chegou às seis horas. Estava usando seu vestido novo e calçada com um “pé dê anjo”. Ao meio-dia, chegou o genro. Viajou no bonde do Cipó até a cidade. O motorista do Sete conduziu o genro tão esperado, ele e a esposa e os dois filhos. Quando saíram do carro, a sogra foi recebê-lo. Abraçaram-se e beijaram-se. A sogra dizia:

—Tenho a impressão que já faz um século que não o vejo! O senhor está tão bonito! Muito obrigada pelas cartas. Eu as tenho recebido de oito em oito dias. Suas cartas me tranqüilizam tanto. O senhor é o meu protetor.

Beijou os netos.

Em um minuto a notícia circulou:

— Sabe? O “meu genro” chegou!

— É?

— Mas sabe de uma coisa? O “meu genro” é preto!

— Preto? Credo!

— E será que é tão importante como se fala?

— Ela diz que ele é rico.

Os convidados não foram almoçar. Percebia-se que aquela senhora estava chorando interiormente. E os boatos prosseguiam.

— Imagine só, eu sentar na mesa com um negro.

A esposa era uma beleza branca. Cabelos pretos e olhos verdes. A sogra convidou o genro para ver a casa e o quintal com os arvoredos. E pediu para minha mãe deixar seis lugares na mesa e retirar os outros pratos para o seu genro não notar hostilidade dos donos da cidade. Dizia;

— Estes homens daqui não são dignos de pegarem nas mãos do meu genro.

Serviram o almoço. Quantas bebidas! Abriram as janelas. Que calor. Ele dizia:

— A senhora deveria ter-me dito que vinha residir nesta pocilga. Que cidade! Isto aqui é uma vila. Aqui tem mar?

— Não senhor. Quando o senhor quiser tomar banho tem que ir ao chuveiro.

— Estas cidades do interior não crescem nunca. Os habitantes destas regiões não têm visões, nem vaidades. Não gastam para o bem da comunidade. São tipos de mentalidade da era das cavernas, que guardam suas economias dentro das garrafas. Ah! Eu vou levá-la comigo. A senhora tem que morar é no Rio. Que povo seleta! Lá não há preconceito. Quem dirige isto aqui?

— É o seu Juca. O primeiro prefeito desta cidade, e veio de Araxá. Precisa conhecê-lo. E um tipo inesquecível. É doutor mas fala caipira. Imagine que quando ele visitou a capital do estado de S. Paulo, ficou deslumbrado com o progresso da cidade gigantesca. As pessoas de outros estados, quando visitavam São Paulo, iam tirar um retrato no jardim da Luz com roupas de lã e o guarda-chuva aberto para comprovarem que em São Paulo chovia todos os dias. Ou então que havia aquela garoa que deu fama à capital paulistana.

Tudo para ele era novidade, não acreditando que a cidade deslumbrante fosse obra do homem. O seu ídolo era o bonde. Que delícia viajar naquele carro elétrico que o conduzia por todos recantos. É, ele ia comprar uns bondes para levá-los para Sacramento. E o bonde levaria o povo de Sacramento até o Cipó. Era um bom negócio.

Ele passava as tardes dentro do bonde. E ficou viajando da Penha para a cidade e da cidade para a Penha. E adormeceu no trajeto.

Quando despertou e desceu do bonde, percebeu que todos lhe dirigiam o olhar. Ficou intrigado, preocupado, pensando: “Será que este povo já sabe que eu sou prefeito de Sacramento? Será que eles já sabem que eu sou fazendeiro?” Com o povo parando para ele passar, pensou: “Será que eles desejam homenagear-me? Será que perceberam que sou importante?”

Ele seguiu o caminho. Quando passou diante de uma vitrina, viu a sua imagem refletida no espelho. Compreendeu a causa dos olhares. E que enquanto

ele dormia trocaram o seu chapéu por um de pedreiro, todo sujo de cal e cimento. Ele sorriu e foi comprar outro chapéu. Ele estava usando roupa de *palm-beach*, sapatos de bico fino envernizados, relógio de ouro e distintivo de político. Entrou numa loja e comprou outro chapéu. Um chapéu naquele tempo custava quarenta mil-réis.

E tempos depois, os bondes chegaram em Sacramento. Quem teve a gentileza de pegar o chapéu do prefeito José Afonso fez um bom negócio, porque para ganhar quarenta mil-réis naquela época só mesmo um político.

— Aqui tem ginásio? — perguntou “meu genro”.

— Dizem que vão fundar um. O senhor quer visitar a cidade?

— Não. Não estou habituado a respirar pó.

Minha mãe sorria na cozinha e dizia:

— O nariz do negro é nariz importante. E nariz de galã.

— Eu vim apenas ver como é que a senhora está vivendo.

Que preto educado! Era semi-obeso. Falava do progresso nas cidades grandes. Que o povo é culto, mais generoso e não é indolente.

Sobrou muita comida, doces. Nós levamos. Três dias depois eles viajaram. Ele convidou a minha mãe:

— Vamos para o Rio de Janeiro.

Minha mãe recusou, dizendo que tinha medo de sofrer.

Não ficamos sabendo o nome daquela senhora, e nem o nome do seu genro. Eu queria ouvir o seu nome. Mas, ela dizia:

— Meu genro.

Olhava aquele preto como se estivesse olhando uma jóia. Dava a impressão que ela é quem desejava ser esposa daquele preto. O messias que salvou-a da miséria. Nunca um homem foi tão acatado por uma sogra. Era impressionante a

admiração daquela senhora.

Creio que os homens não foram cumprimentá-lo por se sentirem inferiores ao “meu genro”. A sogra não trabalhava e vivia como se fosse uma rainha. Todos os meses o genro lhe enviava cinco contos.

Fiquei pensando naquela boa mulher que foi desprezada só porque o seu genro era preto. Quer dizer que o preto fez com que ela perdesse a consideração dos brancos. Minha mãe dizia que o mundo é assim mesmo.

Fiquei furiosa:

— Ah! comigo, o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é.

Minha mãe sorria e perguntava:

— O que é que você vai-fazer do mundo?

— Não quero gente grande no mundo. São os grandes que são maus. As crianças brincam juntas, para elas não existe a cor. Não falam em guerras não fazem cadeias para prender ninguém.

Eu não gosto dos grandes. Os grandes têm coragem de enfiar uma faca no outro. Outro dia um espinho entrou no meu pé e doeu tanto! E se fosse uma faca? O tio Cirineu me ouvia e dizia:

— Esta negrinha vai longe.

A MORTE DO AVÔ

O tio Cirineu disse-me:

— Olha, Bitita, você vai casar com o meu filho Ascindínio.

Pensei: “Prefiro o Cirino.” Mas não disse nada. Não queria magoar o Ascindínio, que ficou contente dizendo:

— Você vai ser a minha mulher!

Era um preto calmo. Pensei: “Este homem calmo, tranqüilo parece água parada, não me serve. Eu quero um homem relâmpago. Estes homens que se levantam de manhã e vão sentar-se não me servem.”

O meu sonho era ver um preto rico, fazendeiro, que fosse o dono de uma gleba de terras, com roças e plantações. Ouvi dizer que na Bahia tinha pretos que eram fazendeiros, que plantavam o cacau. Como eu gostava dos pretos e tinha dó deles! Uns tão ricos, outros tão pobres. Por que é que os pobres rezavam todos os dias? Falavam: Deus... tem dó de nós. Deus... misericordioso. Quem será o Deus que é o nosso pai? Que vontade que eu tinha de ver o Deus e pedir-lhe para consertar o mundo. Os ricos não falavam em Deus. Só os pobres.

Aos domingos reuniam-se as primas que eram adultas. A Maria Sebastiana, a Ana Rosa e a minha tia Claudimira, cada uma com o seu namorado. Que luta para eles conversarem. Eram analfabetos. Falavam apenas do baile.

— E o Manoel, é bom sanfoneiro.

— E o João sabe tocar violão.

Eram filhos dos colonos e trabalhavam para os portugueses. O Brasil era a segunda edição de Portugal. Não tinha estilo próprio.

E nas fazendas não havia escolas, havia enxadas em abundância. Arrancar tocos, preparar terras para plantar. Iam embora à noite. Não tinham permissão para ficarem na cidade nos dias úteis.

O único homem que dizia: “— Eu não tenho medo dos policiais porque se eu quiser virar soldado eu viro”, era o Augusto Bicudo, pai da Dolores minha prima. Um dia ele discutiu com um policial, e o policial furou-lhe a orelha com uma bala. O Augusto Bicudo introduzia cera preta no local para ocultar que foi perfurado pela bala.

A notícia circulou, e o dono do circo foi procurá-lo.

— Você não quer trabalhar no meu circo? Agora você tem valor porque está com a orelha furada. Você trabalha com o palhaço Pouca-Roupa. Eu te transformo num grande artista. E te pago cinqüenta mil-réis por semana. Livre. E te levo para Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Recife, São Paulo e Niterói. Você pode até ficar rico. Eu posso anunciar: “Venham ver o homem que tem uma orelha que foi furada por uma bala de um policial.”

E os homens comentavam:

— O Augusto Bicudo está com uma orelha furada porque agora é moda o homem furar a orelha.

— Não. Foi um policial quem furou.

— É? Com faca?

— Não! Com uma bala.

Ele desgostou-se, foi morar na selva com os índios.

No sábado seguinte as meretrizes vestiram-se esperando os roceiros. Mas não apareceu ninguém com medo que os policiais lhes furassem as orelhas. Até os comerciantes protestaram, e o policial deixou a cidade.

A Dolores chorava dizendo:

— Que pena! Furaram a orelha do meu pai!

Nós estávamos atarefados com os preparativos para o casamento da Maria Maruca que era a filha da siá Maruca. Não tomei conhecimento do nome completo da Maria. Que mulata bonita. Boazinha.

As pessoas bonitas não deveriam morrer. A Maria amava o filho da tia Ana, o João Marcelino. Mas a tia Ana não consentiu o casamento. Era autoritária. Quem vestia calça era ela. Só faltava ter bigodes.

Os seus filhos deveriam casar-se com brancos.

Mas a sua mãe, que é a minha bisavó, era negra de cabelos lisos. Era filha de branco. Eu tenho sangue mesclado, porque a minha avó materna era mestiça.

O João Marcelino e a Maria encontravam-se nos bailes. Eram par constante. Não falavam. Apenas olhavam-se. Estavam proibidos de falar. Era a ordem da ditadora que era a única peça negativa da nossa família. A Maria, percebendo a impossibilidade de construir um lar com o João, foi olvidando-o. E iniciou um namoro com um preto bonito.

O Sebastião era de Araxá. Que olhos bonitos! E casaram-se. O João Marcelino não compareceu. Chorou lamentando que não era livre. Que era escravo dos caprichos de sua mãe. Não foi ao baile porque não podia ser o par da Maria que para ele tinha o valor de uma jóia.

Ele tocava violão e cantava despedindo-se. A Maria não emocionou-se com as canções do João. Ele cantava:

"Dizem que o amor vem da sorte

e a sorte é para quem tem.

Eu como não tenho sorte,

não quero amar mais ninguém."

Era um capítulo de sua vida que estava encerrado.

O Sebastião, esposo da Maria, trabalhava numa pedreira. Uma pedra rolou e caiu-lhe nas costas. Ficou doente vários meses. Chamaram um médico que lhe lancetou as costas e o pus jorrou: cinco litros.

Eu olhava horrorizada. A Maria chorava. Quando cessou de escorrer o pus, o Sebastião morria. Ficaram casados apenas quatro anos. Mais uma vez odiei a morte — pobre Maria!

Como sofre uma mulher bonita quando fica viúva. Mesmo no cemitério, os homens já estavam piscando os olhos para ela que chorava desesperadamente. Quando deixamos o cemitério, as mulheres foram para as suas casas. Mas os homens acompanharam a viúva até a sua casa. Diziam:

— Não chora Maria. Nós arranjamos dinheiro para você.

Outro dizia:

— Eu arranjo dinheiro para você.

E os homens ficavam rondando a nossa casa como se fossem cachorros perseguindo as cadelas. Homens que moravam nos sítios quando souberam que a Maria estava viúva vinham na cidade. A Zica, que era dona de um lupanar, foi procurá-la!

— Vai lá pra casa Maria. Você ainda é nova. E é bonita. Você vai me dar uma renda espetacular. Eu tenho casas aqui em Sacramento, Conquista e Uberaba na rua São Miguel.

A Maria não sabia defender-se, era supereducada. Dizem que a mulher é viúva só durante o dia. E a Maria ficou gestante. Bebeu muitos remédios para abortar, ficou tuberculosa. O filho era de um preto por nome José de Paula. Quando o filho nasceu, a Maria morreu.

Deixou um filho do seu esposo que ficou aos cuidados do padrinho Jerônimo Gervásio. E o negrinho não freqüentou escolas. Eu tinha um dó do negro. Era bonito. Era filho do Sebastião.

O senhor Jerônimo Gervásio vendeu a sua chácara para uns japoneses: o Napoleão e o Karachima. E mudaram-se. E eu nunca mais vi o negro.

As vezes eu pensava: “As mães deveriam morrer depois que criassem os filhos.” Eu pensava que as pessoas morriam por vontade própria. Quando eu via um homem morto, revoltava-me: “Que idiota morrer, e vai ficar debaixo da terra. Ele morreu foi de preguiça, não queria trabalhar. Será que este homem não teve

dó de deixar sua esposa, seus filhos, suas fazendas, o automóvel? Eu nunca hei de morrer, porque ouvia dizer que as pessoas que morriam não mais voltam.”

O fato que me horrorizou foi ver um soldado matar um preto. O policial deu-lhe voz de prisão; ele era da roça, saiu correndo. O policial deu-lhe um tiro. A bala penetrou dentro do ouvido. O soldado que deu-lhe o tiro sorria dizendo:

— Que pontaria que eu tenho!

Com o pé, ele movia o corpo sem vida do infausto e dizia:

— Ele deve ser baiano.

E eu fiquei pensando nos baianos que eram obrigados a deixar a Bahia porque lá não chove e serem mortos pelos policiais. Será que ele tem mãe? Quem é que vai chorar por ele? Ele não brigou, não xingou, não bebeu pinga. Não havia motivos para matá-lo. Quando o delegado chegou, olhou o morto, e mandou sepultá-lo. E tudo acabou-se.

E se o vovô rezasse um terço pedindo a Deus para chover no Norte? E Deus atende o vovô. Quando ele reza, chove e os nortistas não precisam deixar o Norte e vir para Sacramento e serem mortos sem motivo. Chorei. Ele merecia as minhas lágrimas.

O soldado que matou o nortista era branco. O delegado era branco. E eu fiquei com medo dos brancos e olhei a minha pele preta. Por que será que o branco pode matar o preto? Será que Deus deu o mundo para eles? Eu tinha excesso de imaginação, mas não chegava a nenhuma conclusão nos fatos que presenciava. Estava com seis anos. O único lugar seguro para eu guardar os fatos era dentro da minha cabeça. Minha cabeça é um cofre. Minha mentalidade aclarou-se muito mesmo.

Quando o meu avô adoeceu fiquei pensando: “E se o vovô morrer? Quem é que vai rezar para chover? Todos precisam da chuva, mas o único que reza é o vovô. Quem deve rezar para chover é o padre Pedro, porque ele também planta lavouras. Será que ele reza? E a siá Maruca vai ficar sem o vovô e terá que trabalhar. Não mais tem o vovô para comprar comida e roupas.”

Ele foi enfraquecendo-se. Os filhos que residiam nas fazendas foram para a cidade, conduzindo os seus filhos e esposas. E foi assim que eu fiquei

conhecendo todos os parentes. Os filhos do tio José Benedito eram sete. Os mais velhos não sabiam ler.

O vovô foi desenganado pelos médicos. Era infecção nos rins. O médico que tratava o vovô era o Dr. José da Cunha. Eu ficava penalizada, ouvindo aqueles gemidos. E pensava: “Meu Deus, por que é que existe doença? De onde vem? A doença será de Deus ou do diabo?” Por eu ouvir que tudo que é ruim é do diabo como odiei e xinguei o diabo! Malvado, pé redondo! Mandar doença para judiar o meu avô!

Oh! se eu soubesse onde é o inferno, eu ia lá. E pedia ao diabo para tirar a doença do vovô. A minha vista circulava pelo espaço e eu pensava: “Onde será o inferno? Se eu soubesse o local!”

Eu deixava de brincar e sentava ao lado da cama. O meu avô me olhava. Depois fechava os olhos. Eu ficava preocupada fitando o seu rosto, o seu nariz afilado. Eu queria ser bonita igual ao vovô. Que linda boca. Não tinha o nariz chato da raça negra. O vovô era descendente de africanos. Era filho da última remessa de negros que vieram num navio negreiro. Os negros cabindas, os mais inteligentes e os mais bonitos.

O rancho do vovô era coberto com sapé. Quem era ele para comprar telhas! Telhas para nós eram abstratas, víamos as telhas nas casas ricas. De cinco em cinco minutos chegava alguém que ia perguntar:

— O senhor Benedito está melhor?

— Que homem bom! Ele vai para o céu.

Elogiavam-no. Ele nunca brigou com alguém. Nunca foi preso. Não ir preso era menção honrosa. Pensava: “O vovô chegou ao mundo antes e eu vim depois. Quero ouvir o que falam dele para saber como foi que ele viveu.”

O meu tio João saía para comprar pães para o povo que ficava velando o vovô que ia morrer. Mas se ele encontrasse uma serenata saía cantando a patuscada. Era fraco de memória. Retardado. Teve meningite. Era inofensivo. Era um infeliz.

As vizinhas emprestavam as panelas maiores que possuíam, porque os filhos e os netos reuniram-se. Nós, os netos da cidade, que estávamos habituados

com o vovô, sentíamos e sofriamos vendo-o gemer. Os netos da roça olhavam-no sem emocionar-se. Um dia, o vovô desfaleceu. Os filhos e os netos choraram. Que confusão de vozes.

— Meu Deus! O papai morreu.

— Não morre vovô.

— Se o senhor morrer, nunca mais vai chover. E nós vamos viver iguais aos nordestinos, ficar andando, andando, com aquele saco nas costas.

E odiei a morte e queria dar-lhe umas cacetadas. A morte é louca! Vem buscar os homens que gostam de trabalhar, os que têm obrigações, que têm os seus filhos para criar, os meninos órfãos vão ficar aos cuidados do doutor Brand.

O doutor tem um filho moço, o Humbertinho, e ele faz coisas com as meninas. Será que os filhos do juiz não devem ter educação e podem fazer o que bem entendem? Nós que somos os pobres, o juiz quer que andemos na linha. Eu não sei que linha é esta.

Eu acho que os meninos pobres têm mais educação do que o filho do juiz. A dona Sinhá, esposa do juiz, é boazinha. Mas o doutor Brand percebeu que o seu filho persegue as mocinhas pobres. Quando elas o avistam, saem correndo. Se eu fosse homem queria dar uma surra no filho do juiz.

Os ricos criam os seus filhos assim:

— Não faça isto, Humbertinho!

— Cria modos, Humbertinho!

— Vai estudar, Humbertinho!

Mas o que faltava para o filho do doutor Brand era um cacetinho, um porretinho e um trabalhinho.

Será que a morte não percebia que ela transtornava a vida dos homens?

O vovô desmaiou dominado pela dor. Depois foi reavivando-se e nos disse:

— Eu não desmaio. É que estou morrendo, e quem está morrendo relembra o passado. Recordei que estou devendo trinta mil-réis ao senhor José Rezende. Comprei um rolo de arame e não paguei. Vocês vão pagar.

E o seu olhar circulou olhando os filhos e disse:

— Está faltando o Joaquim. Vocês podiam invocar o santo Antônio para ele aparecer.

A minha mãe foi procurar a dona Maria Treme- Treme, que dizia que tinha poderes sobrenaturais e conversava com os santos. Ela pediu uma toalha virgem, que ainda não fora usada, e uma peneira nova, e um maço de velas. Minha mãe comprou e entregou-lhe.

De dois em dois dias, o vovô desfalecia; quando despertava nos revelava algo. Dizia que era bom morrer quando são obedecidos os dez mandamentos da lei de Deus. O pior, o que Deus não perdoa, é o roubo e matar o seu semelhante. Eu era curiosa e ficava pensando: “O que será os dez mandamentos?”

Um dia ele pediu à siá Maruca para sentar-se ao seu lado e ouvi-lo. Quando ele ia falar, os vizinhos, os filhos iam ouvi-lo. A única neta que ia ouvi-lo era eu. Queria ficar perto dele porque estava despedindo-se deste mundo. Preparando a sua longa viagem. Uma viagem para a qual os homens não levam malas, suas bagagens são as belas ações que praticarem aqui neste planeta. Os que o ouviam falar, diziam:

— Este homem é um profeta.

Ele disse-lhe:

— Maruca! Você viveu na minha companhia vinte e um anos. Quando uma mulher convive com um homem sete anos, ele deve casar-se com ela. Se você não tiver nojo de casar-se com um defunto, eu peço: quer casar-se comigo?

— Oh! —exclamamos.

Ela sorriu.

— Desde que fui viver com o senhor, o meu sonho era ser sua esposa. Eu não pedi ao senhor para casar-se comigo porque ainda não está em uso a mulher

pedir o homem em casamento.

Os filhos foram procurar o padre para fazer o casamento. Que correria, que agitação! O vovô poderia morrer de um momento para outro. Siá Maruca beijava-o e acariciava suas mãos cadavéricas:

— Deus que lhe ajude. O que seria de mim se não o tivesse encontrado. Eu não tenho ninguém neste mundo, vou ficar só.

— Você fica com Deus. Nos casamentos fazem-se festas, bailes, a noiva usa o véu. Mas, o nosso é diferente. Em vez de vestido branco, você vai usar o vestido preto. Celebram-se os casamentos com festas e lua-de-mel. Mas no nosso casamento vai ter lágrimas, daqui a uns dias, eu vou morrer. Que viagem de núpcias esquisita, vou viajar sozinho para o além. Não sei se vou ser feliz! Porque o homem nasce puro, e morre impuro.

Eu pensava: “O que quer dizer puro e impuro?”

O senhor Manoel Soares disse que o vovô era analfabeto, quem estava falando por ele era o seu espírito. Resolvi perguntar o que era espírito.

— E a alma dele, todos nós temos uma alma que nos dirige.

— E a alma é boa?

— Todas as almas são boas.

— Então por que é que a alma não ensina os homens a ser bons? Eles matam uns aos outros e não têm dó.

Eu pensava no soldado Ovídio, quando matou o nortista. Eles matavam e sumiam com medo de serem vingados pelos parentes. O senhor Manoel Soares não respondeu.

Os grandes têm forças para construírem casas, cortarem as árvores, mas não têm forças para serem bons. Os grandes são uns bocós.

O que nos impressionou foi a carta que o tio Joaquim nos enviou de São Paulo. Ele estava preso há quatro anos na penitenciária.

Os meus tios eram idiotas, e o padrinho Candinho, que queria ser o mais esclarecido na família, falava:

— Quem está em São Paulo está quase no céu. Lá tem tanto serviço que se os defuntos saírem das sepulturas logo arranjam trabalho. Agora que eu já sei onde é que o mano Joaquim está trabalhando, vou escrever-lhe para ele arranjar serviço para mim, na penitenciária; depois venho buscar a família.

Nós ficamos contentes. Na carta ele dizia que estava com saudades do papai. “Mas, não posso ir vê-lo. À noite ouço uma voz chamando-me: Joaquim! Joaquim, vai ver o seu pai. A voz me chamou quatro vezes. Depois silenciou. Mas a voz fica dentro do meu cérebro, me chama sete vezes. Será que estou ficando louco? O que é que há por aí?”

O meu tio foi reconfortar o vovô:

— O senhor não precisa ficar triste, e nem preocupar-se com o mano Joaquim, porque ele está muito bem, está trabalhando na penitenciária lá em São Paulo.

O vovô disse:

— Não, meus filhos, ele não está bem. Cometeu um crime. Está preso na penitenciária. Ele era violento, e a violência nos prejudica. Coitado do meu filho!

Era a primeira vez que nós ouvíamos falar na penitenciária. Ninguém respondeu à carta.

Não agradeceram à dona Maria Treme-Treme que pediu uma toalha virgem e a peneira e nos disse:

— Daqui a sete dias vocês receberão uma carta.

Será que ela conversava com os santos? Ela comprovou o que nos disse. Não foi pernóstica. Ninguém procurou aprender com a mulher a sua arte.

Eu tinha a impressão que estava sonhando. Uma noite o vovô desfaleceu. O meu tio Antônio pegou uma vela e um crucifixo e colocou-os nas mãos dele. Eu olhava aquelas mãos, pele e ossos, cadavéricas, que outrora foram vigorosas.

Que haviam trabalhado para enriquecer os portugueses e trabalhado para criar os filhos e os netos. E olhei com simpatia aquelas mãos honestas.

O vovô abriu os olhos e nos disse:

— Todo o mal que se faz paga-se. O mal e o bem são dívidas sagradas para com Deus e recebemos tudo com juros: o bem, e o mal. E preferível perdoar do que vingar-se. Eu sou o filho mais novo de minha mãe, quando ela estava morrendo, eu coloquei-lhe uma vela e uma cruz nas mãos, e agora o Antônio faz comigo o que eu fiz com a minha mãe. E uma pena vocês não compreenderem.

Eu queria que o vovô me explicasse como é a morte.

— Todos nós somos mortais. Ninguém é dono do mundo. O mundo é um hotel onde passamos uma temporada. Tudo que nos rodeia é pó. O ferro, com o tempo, transforma-se em pó. Um móvel também será pó. Tudo é terra no mundo.

Quando o vovô silenciava ou adormecia, as crianças eram obrigadas a ir brincar longe de casa para não: despertá-lo. Os grandes não falavam.

As pessoas que iam visitar o vovô saíam comentando:

— Que homem inteligente. Se soubesse ler, seria o Sócrates africano.

— O que será Sócrates africano?

Outros comentavam:

— Foi crime não educá-lo. E este homem seria O Homem! Poderiam criar uma lei de educação geral, porque as pessoas cultas que adquirem conhecimento do seu grau intelectual têm capacidade para ver dentro de si.

Algumas palavras ficaram girando na minha mente. Foram estas: “Foi um crime não educar este homem.” O crime eu sabia o que era. Quando o soldado Ovídio matou o baianinho, ouvi várias pessoas dizer: “Foi um crime matar este homem.” Algumas palavras eu ouvia e não compreendia. Sorria e achava graça.

Alguém vendo-me sorrir e não vendo o motivo para o riso dizia:

— Ela é louca!

Havia ocasiões que eu dizia para a minha mãe:

— Mamãe, mamãe! Olha as cobras!

Ela sorria e dizia:

— Eu não vejo nada minha filha!

Eu tinha a impressão que milhares de cobras estavam enrolando-se em mim. E uma cobra enorme investia na minha direção. Eu não tinha medo! O vovô disse-me:

— São os falsos amigos que você vai encontrar na tua vida.

Não compreendia nada.

“Os grandes quando falam me deixam confusa. E a minha mãe sempre fala que eu vou crescer. Estou tão bem assim. Meu Deus! Eu tenho medo de ficar grande. Será que eu vou aprender todas estas coisas horrorosas que os grandes fazem!”

No dia 27 de agosto de 1927 o vovô faleceu. Minha mãe disse-me que eu estava com seis anos. Será que eu nasci no ano de 1921? Há os que dizem que nasci no ano de 1914.

Eu notava que os pretos não sabiam ler. Nunca vi um livro nas mãos de um negro. Os negros não serviam no exército porque não eram registrados, não eram sorteados. Eles diziam:

— E orgulho. Só os brancos que são considerados brasileiros.

Ninguém na minha família tinha registro. Não era necessário o atestado de óbito para sepultar os mortos. Voltamos a falar do meu ilustre avô.

Chorei quando ele morreu. Será que ainda vai chover? Agora ele pode conversar com Deus. Vai pedir chuvas para o Norte e os nortistas não precisam andar, andar até cansar. Apalpava o corpo gélido do vovô e pensava: “Por que será que ele esfriou? Está fazendo calor.”

O esquife do vovô era azul. Minhas tias choravam. Outros diziam:

— Ele descansou.

Às cinco horas saiu o enterro. Os homens carregavam o caixão.

Os homens diziam:

— É o nosso fim.

Siá Maruca pedia:

— Senhor Benedito, o senhor é o meu esposo, vem buscar-me! Eu gostava da vida, só porque o senhor vivia. Nem todos aprendem a viver no mundo e eu... não aprendi.

Depois do sepultamento, uns foram beber e a minha mãe chorou. Com o decorrer do tempo fui olvidando o vovô, que foi o preto mais bonito que já vi em minha vida. Que lindo nariz! A testa e a boca eram magníficas.

A ESCOLA

Minha mãe foi lavar roupa na residência do senhor José Saturnino, e a sua esposa dona Mariquinha disse para a minha mãe me pôr na escola. Minha mãe foi falar com a professora. Eu acompanhava. Quando entramos na escola, fiquei com medo. Nas paredes havia uns quadros do esqueleto humano. O salão era amplo e as classes eram nos cantos. O período matinal era destinado ao quarto ano.

O professor era o senhor Hamilton Milon, irmão do fundador do Colégio Alan Kardec. Quem fundou o colégio foi o senhor Eurípedes Barsanulfo.

O segundo período era para o primeiro, o segundo e o terceiro ano.

Quando eu olhava os quadros dos esqueletos, o meu coração acelerava-se. Amanhã, eu não volto aqui. Eu não preciso aprender a ler. É que eu estava revoltada com os colegas de classe por terem dito quando eu entrei:

— Que negrinha feia!

Ninguém quer ser feio.

— Que olhos grandes, parece sapo.

Minha mãe era pobre. Dona Maria Leite insistiu com a mamãe para enviarme à escola. Eu fui apenas para averiguar o que era escola.

A dona Maria Leite residia na Estação de Chapadão. Visitava a cidade de Sacramento duas vezes ao ano para assistir à seção espírita em comemoração à data do nascimento do senhor Eurípedes Barsanulfo. Ela dava roupas para as crianças pobres, as roupas e os livros eram novos, para estimular e nos deixar vaidosos. Se as crianças ricas iam com as roupas novas, os pobres também. E não havia complexos.

O que eu admirava é que a dona Maria Leite não auxiliava os brancos, só os pretos, e nos dizia:

— Eu sou francesa. Não tenho culpa da odisséia de vocês; mas eu sou muito rica, auxilio vocês porque tenho dó. Vamos alfabetizá-los para ver o que é que vocês nos revelam: se vão ser tipos sociáveis e tendo conhecimento poderão desviar-se da delinqüência e acatar a retidão.

Para nos envaidecer ela dizia-

— Eu gosto dos pretos. Eu queria ser preta e queria ter o nariz bem chato.

E sorria. Os negrinhos que já sabiam ler, liam para ela ouvir. Ela ouvia com profundo interesse.

Minha mãe era tímida. E dizia que os negros devem obedecer aos brancos, isto quando os brancos têm sabedoria. Por isso ela devia enviar-me à escola, para não desgostar a dona Maria Leite.

Quando entrei na escola, eu ainda mamava. Quando senti vontade de mamar, comecei a chorar.

— Eu quero ir-me embora. Eu quero mamar.

A minha saudosa professora, dona Lonita Solvina, perguntou-me:

— Então a senhora ainda mama?

— Eu gosto de mamar.

Os alunos davam gargalhadas.

— Então a senhora não tem vergonha de mamar?

— Não tenho!

— A senhora está ficando mocinha, tem que aprender a ler e escrever e não vai ter tempo disponível para mamar porque necessita preparar as lições. Eu gosto de ser obedecida. Está ouvindo-me, dona Carolina Maria de Jesus!

Fiquei furiosa e respondi com insolência:

— O meu nome é Bitita.

— O teu nome é Carolina Maria de Jesus.

Era a primeira vez que eu ouvia pronunciar o meu nome.

— Eu não quero este nome, vou trocá-lo por outro.

A professora deu-me umas reguadas nas pernas, parei de chorar. Quando cheguei na minha casa, tive nojo de mamar. E que a minha professora soube me convencer que eu devia deixar de mamar. Compreendi que eu ainda mamava porque era ingênua, e a escola esclareceu-me um pouco. Minha mãe sorria, dizendo:

— Graças a Deus! Eu lutei para desmamar esta cadela e não consegui.

Minha mãe sentiu-se beneficiada com o primeiro dia de aula.

Minha tia Claudimira dizia:

— E porque você é boba, se essa negrinha fosse minha filha!

Minha mãe sorria comentando:

— Graças a Deus! Sou livre! Agora sim eu posso passear.

Eu ouvia tudo aquilo sem compreender. Tinha a impressão de estar sonhando.

Continuei indo à escola. Porque o comparecimento era obrigatório. Mas não me interessava pelos estudos. A minha professora insistia para eu aprender a ler. Me dirigia um olhar carinhoso. Eu achava tão difícil aprender a ler.

Implorava a minha mãe para não deixar eu ir à escola.

— Eu não quero aprender a ler.

Ela ouvia-me e me dava duas chicotadas. Eu ia contra a minha vontade. Eu era preguiçosa. Quando eu faltava à aula, a professora mandava um aluno ir procurar-me em casa. Quando eu chegava à escola, a dona Lonita, dizia:

— A senhora é tão inteligente, procure aprender a ler. Esforce a sua cabeça.

A única letra que aprendi a escrever facilmente, foi o “O”, e nos meus cadernos eu escrevia só a letra “O”, e dizia:

— A rodinha é mais fácil.

Ela percebendo que eu não me interessava pelos estudos desenhou no quadro-negro um homem com um tridente nas mãos que transpassava uma criança e disse-me:

— Dona Carolina, este homem é o inspetor. A criança que não aprende a ler até ao fim do ano ele espetta no garfo. No fim do ano ele vem aqui e eu vou apresentá-la a ele e pedir-lhe que dê um jeito na senhora, porque a senhora não quer estudar. Ele há de espetá-la no garfo.

Aquele desenho impressionou-me profundamente. Eu olhava o desenho, e olhava o livro. Sonhava com o desenho e gritava:

— Mamãe! Olha o inspetor! Manda o inspetor ir-se embora,- que eu juro que hei de estudar. Eu vou aprender a ler. Não deixe ele espetar-me no garfo.

Mamãe dizia:

— Dorme, menina! Você está delirando!

Decidi estudar com assiduidade, compreendendo que devemos até agradecer quando alguém quer nos ensinar. Compreendi que estava sendo indelicada com a dona Lonita, cansando-lhe a paciência.

O desenho permaneceu no quadro, três meses. Depois percebi que já sabia ler. Que bom! Senti um grande contentamento interior. Lia os nomes das lojas! “Casa Brasileira, de Armond Goulart.” Não é só esta loja que é uma casa brasileira. Mas as casas, as árvores, os homens que aqui nascem, tudo pertence ao Brasil. Percebi que os que sabem ler têm mais possibilidades de compreensão. Se desajustarem-se na vida, poderão reajustar-se. Li: “Farmácia Modelo.” Fui correndo para casa. Entrei como os raios solares.

Mamãe assustou-se. Interrogou-me:

— O que é isto? Está ficando louca?

— Oh! Mamãe! Eu já sei ler! Como é bom saber ler!

Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito. Uma vizinha emprestou-me um livro, o romance *Escrava Isaura*. Eu, que já estava farta de ouvir falar na nefasta escravidão, decidi que deveria ler tudo que mencionasse o que foi a escravidão. Compreendi tão bem o romance que chorei com dó da escrava. Analisei o livro. Compreendi que naquela época os escravizadores eram ignorantes, porque quem é culto não escraviza, ê os que são cultos não aceitam o jugo da escravidão.

Era uma época de *tête-à-tête* porque uma pessoa culta prevê as conseqüências dos seus atos. Os brancos retirando os negros da África não previam que iam criar o racismo no mundo que é problema e dilema. Eu lia o livro, retirava a síntese. E assim foi duplicando o meu interesse pelos livros. Não mais deixei de ler.

Passei a ser uma das primeiras da classe. A aula era mista. A minha professora dizia no fim da aula;

— Eu quero falar com os meus alunos pretos, é assunto muito importante.

Os brancos saíam, e nós ficávamos. Ela dizia:

— Estou notando que os meus alunos brancos são mais estudiosos do que os meus alunos pretos. Os brancos não erram quando escrevem. Lavam as mãos quando vão pegar nos livros. Os desenhos então, que primor! eles capricham, e ganham cem todos os dias.

Agora eu compreendo o que é ganhar cem. E quando a lição é bem-feita. Quando saíamos da escola, estávamos furiosos e pensando; os brancos... não hão de saber mais do que nós!

Passados uns dias, ela pedia aos alunos brancos para ficar na aula. Dizia-lhes que os alunos pretos eram os mais esforçados, os mais estudiosos, os mais capacitados nos deveres escolares.

— Eles vão passar de ano e vocês brancos vão repetir. Vai ficar ridículo

para vocês, porque todos pensam que o branco é mais inteligente do que o preto. Estou encantada com o progresso dos meus alunos pretos.

Os alunos brancos saíam da aula revoltados.

Cada um ia comentando;

— Imagina só, o negro querer ser maior do que eu. Maioral tem que ser eu, que sou branco. Estes negros vão me pagar!

Agindo assim, ela não tinha problemas com as lições de casa.

Ela nos emprestava livros para nós lermos em casa; *História Sagrada*, *História Universal*, a *Bíblia*, e os livros iam transferindo-se de um para outro.

A FAZENDA

Um dia apareceu um homem na cidade. Disse que estava procurando uma mulher para viver com ele numa fazenda. Que não era possível para um homem viver numa roça sozinho. Perguntou se minha mãe queria viver com ele. Ela aceitou.

Ele disse que o lugar apropriado para os pobres é na roça. Que a vida do campo, além de ser mais saudável, é mais simples. A vida na cidade era difícil porque tínhamos que comprar de tudo.

Ele foi procurar um fazendeiro, que o aceitasse como colono. Íamos residir na fazenda Lajeado, nas imediações de Uberaba.

O proprietário era o senhor Olímpio Rodrigues de Araújo.

Foi com pesar que deixei a escola. Chorei porque faltavam dois anos para eu receber o meu diploma. Único meio foi resignar-me, porque a decisão paterna vence.

Minha mãe encaixotava os nossos utensílios, eu encaixotava os meus livros, a única coisa que eu venerava. Quem nos conduziu até a fazenda Lajeado foi o motorista José Fernandes. Foi a primeira vez que viajei de caminhão. Conseguia ir tão depressa!

Quando chegamos fiquei descontente, queria voltar para a cidade. Olhava aquele local, vendo apenas as árvores com suas tonalidades de verdes claros e escuros.

O senhor Olímpio Rodrigues de Araújo pagou ao motorista duzentos mil-réis. Minha mãe chorou:

— Até pagarmos esta dívida!...

O meu padrasto, senhor José Romualdo, encorajava-a:

— Deus há de nos ajudar. Neste ano vamos sofrer um pouco. Mas no outro, vai melhorar. Este ano nós vamos plantar lavouras.

Eu ficava pensando: “Será que poderemos viver no mato?” Estava com medo de passar fome. “Isto aqui, é muito triste. Não tem atração.” Minha mãe acariciou-me e disse-me:

— Eu nasci na roça. E me criei na roça. Foi o único período de minha vida que fui feliz. Ainda tenho saudades dos tempos em que fui menina. Você quando era menor não queria crescer. Eu também não queria. Ninguém quer crescer mas todos crescem.

Eu já sabia que as leis da natureza são imutáveis. Percorri os olhos ao redor. Apenas árvores e um céu azul com disco solar tépido. Minha mãe prosseguia:

— Eu comecei a sofrer depois que fui residir na cidade, foi na cidade que aprendi a gostar dos vícios, a cidade nos empolga, e nos destrói. Eu não tinha tempo de estar ao teu lado, ia trabalhar fora de casa, e você ficava vagando pelas ruas. Aqui vamos ser amigas.

Dias depois comecei apreciar a vida silenciosa do campo. O sábado era tranqüilo sem o tal de baile. A dona Maria, esposa do senhor Ilarêncio, nos dava leite e queijo. As pessoas que iam nos visitar nos davam um casal de galinhas de presente.

— E para vocês começarem.

Minha mãe deixava o leito assim que o astro-rei ia surgindo, ia preparar a nossa refeição para irmos para a lavoura. Eu permanecia no leito, ouvindo os gorjeios das aves. Com a insistência de mamãe, eu deixava o leito, ia aleluiar no regato, fitando a água que promanava do seio das pedras cor de chumbo e era sempre tépida. A brisa perpassava suavemente. Eu aspirava os perfumes que exalavam as flores silvestres.

O fazendeiro nos deu três alqueires de terra para plantarmos. Plantamos arroz, feijão, milho, cana e vassouras. Ainda sobrou terra. Como é bom ter terras para plantar! Eu já estava compreendendo o valor da terra que sabe recompensar o esforço do homem. E o ventre da terra é fecundo. A terra é feminina, é a mãe

da humanidade. Eu estava habituando-me naquele mundo verde.

Quando surgiu a colheita, fiquei admirada da prodigalidade da terra. Uma amiga que todos os meses nos oferece algo para colher. Plantamos dois sacos de arroz, colhemos trinta. Dois sacos de milho. Colhemos três carros. O meu padraço fez um paiol. Que fartura. As galinhas duplicavam, só carijó.

Se a terra não agisse assim, não incentivaria o homem ao trabalho rudimentar. Fui adquirindo o hábito de plantar, ficando semi-ambiciosa. Era a primeira a deixar o leito para ir pára a lavoura.

Nas horas vagas, eu lia Henrique Dias, Luiz Gama, o mártir da Independência, o nosso Tiradentes. Todos os brasileiros atuais, e os do porvir, devem e deverão render preito ao saudoso José Joaquim da Silva Xavier. Não foi salteador, não foi pirata, foi um dos que também sonhou em preparar um Brasil para os brasileiros. Lendo, eu ia adquirindo conhecimentos sólidos.

Começamos a criar porcos. Pretendíamos comprar uma vaca, mas era cento e vinte mil-réis. Minha mãe dizia:

— Você sonha alto demais.

Que vida gostosa! Eu ficava deslumbrada com a fartura. Verduras e frutas, para mim aquilo tudo era a terra prometida ao Moisés que eu tive a ventura de encontrar.

Aos domingos íamos passear na casa do primeiro colono, o mais rico, o senhor Florêncio. Ele tinha vinte vacas, porcos e mais terras para plantar. Era afilhado de casamento do fazendeiro. Era um homem com setenta anos e tomava a bênção ao fazendeiro para bajulá-lo:

— A bênção, padrinho Olímpio.

O senhor Olímpio Rodrigues de Araújo não respondia. Se nascia um menino, pronto, o nome era Olímpio.

Eu estava enamoradíssima da nova vida. Estava desligando-me da compra de quilos de arroz e familiarizando-me com os sacos de cem quilos e com o paiol. Todos tinham possibilidades para fazer doces. Mamãe fazia arroz-doce com leite puro. Eu comia. Ela perguntava:

— Quer mais?

Aquele quer mais, ficava eclodindo no meu cérebro. Ganhávamos o leite, o açúcar. O arroz nós plantávamos. Que tranqüilidade, não tinha a polícia nos nossos calcanhares. Que silêncio para dormir!

Plantamos vinte e dois pés de jiló. Todos os sábados a minha mãe colhia quarenta litros, eu ia vendê-los em Uberaba. Vendia o litro por trezentos réis. Ganhava trinta mil-réis, comprava vestidos e um cobertor de pura lã por doze mil-réis.

Toda semana chegava uma família estrangeira para viver no Brasil, e dizia:

— Que país! Que *buena tierra*. Que *buona terra*. Viva o Brasil dos brasileiros.

Os italianos diziam aos seus filhos:

— Daqui a três anos estaremos ricos.

E as crianças trabalhavam cantando a música de Verdi, estavam contentes porque iam ficar ricos. Até os pretos analfabetos cantavam *La donna è móbile*.

As únicas famílias negras que residiam na fazenda do senhor Olímpio Rodrigues de Araújo, eram: o senhor Romualdo e o Antônio Cavaco, que ficou viúvo. E o meu padrasto queria que eu me casasse com ele.

Quando um colono adoecia ia na fazenda pedir ao fazendeiro pára chamar um médico. Que luta! O fazendeiro dizia:

— Dá um chá de folha de laranja para ela.

— Já dei!

— Dá um chá de erva-cidreira.

— Já dei!

— Para chamar o médico aqui ele vai cobrar muito caro.

E o médico não vinha.

Quando o doente falecia, o fazendeiro dizia:

— Oh! Se eu soubesse que ela estava doente mesmo, teria chamado um médico.

Pensei que era preguiça. Quando fomos visitar a casa do fazendeiro, fiquei decepcionada. Não era como eu pensava. Não tinha móveis, apenas uns bancos rústicos, uma mesa, uns catres com colchões de palha. Pensava: “Eles são os donos desta grande área de terra, eles hão de ser felizes.” Quando vi a filha do fazendeiro, condoeu-me. Era boba, surda-muda. Jogava a comida no soalho e comia misturando com terra e fezes. Pobre sianinha... Era tão bonita! O outro filho, o Zezé, era semi-idiota. Foi internado no colégio Pedro II do Rio e não aprendeu a ler.

Era uma prole do casamento consangüíneo, casamento de primos para as riquezas ficarem na família. A fazendeira lamentava-se, eles eram infelizes. Eu pensava que só os pobres é que eram infelizes. A fazendeira, dona Maria Cândida, era magricela, como se fosse descendente de um ofídio. Era simples demais, calçava chinelas, usava saias rodadas e amplas. Eram tantos panos que deveriam pesar uns três quilos. Os paletós cheios de babados eram para avolumar o seu corpo. Quando não há possibilidades de encher o corpo com a própria carne, é enchê-lo com algodão.

Ela conversava com a minha mãe, perguntando-lhe o que ela sabia fazer. Minha mãe respondia com polidez. Minha mãe era do ventre livre e dizia que os brancos é que são os donos do mundo. Ela aprendeu a dizer aos brancos apenas:

— Sim, senhora, sim senhor.

Quando chegou a minha vez, a fazendeira examinou-me minuciosamente com o olhar. Como se eu estivesse à venda, dizendo que eu era uma negrinha esperta. Ficou com inveja de minha mãe que tinha uma filha perfeita. A inveja duplicou-se quando lhe disseram que eu sabia ler. Perguntou o meu nome. Minha mãe respondeu-lhe com a voz trêmula, porque a presença de um branco a atemorizava.

— Ela... chama Carolina Maria de Jesus.

Pedi a minha mãe para dizer-lhe que meu nome era Bitita. A fazendeira disse-me que a sua filha mais velha tinha o nome de Carolina;

— Vocês são xarás.

Minha mãe sorriu, e disse-me:

— Você tem o nome de sua avó.

Eu não gostava do meu nome, pensando que este nome ia atrapalhar a minha vida. Minha mãe já havia dito que não podemos trocar o nosso nome. É proibido.

A dona Maria Cândida pediu à minha mãe para eu ir todas as manhãs auxiliá-la na limpeza da casa. Minha mãe consentiu.

Pensei: “Que bom! Quanto será que ela vai me pagar?”

Mas, a dona Maria Cândida disse-me:

— Sabe, Carolina, você vem trabalhar para mim e quando eu for a Uberaba eu compro um vestido novo para você, vou comprar um remédio para você ficar branca e arranjar outro remédio para o seu cabelo ficar corrido. Depois vou arranjar um doutor para afilar o seu nariz.

Pensei: “Então estes homens que trabalham aqui já foram pretos, e a fazendeira fez eles ficarem brancos! E quando eu ficar com os cabelos corridos e o nariz afilado, quero ir a Sacramento para os meus parentes me verem. Será que eu vou ficar bonita?”

Seis meses fui trabalhar para a dona Maria Cândida. Despertava às cinco horas, lavava o rosto às pressas porque pretendia chegar sempre na hora certa para não magoá-la. Era a mulher mais importante para mim.

Rejubilei interiormente quando ela disse-me que ia a Uberaba. Fiquei aguardando o seu retorno com ansiedade.

Ela permaneceu dois dias fora. Quando regressou, encontrou-me de plantão à sua espera, mas fiquei decepcionada. Ela não trazia pacotes. Então ela enganou-me! Pensei nos seis meses que trabalhei para ela sem receber um tostão. Minha mãe me dizia que o protesto ainda não estava ao dispor dos pretos. Chorei.

Olhei as minhas mãos negras, acariciei o meu nariz chato e o meu cabelo pixaim e decidi ficar como nasci. Eu não pedi nada a dona Maria Cândida, ela é quem usou um ardil para me espoliar. Não poderia e não deveria xingá-la, ela era poderosa. Nós dependíamos dela para viver, nos dava a terra para plantarmos. Mas roguei-lhe tantas pragas! Compreendi que ela já estava pagando com os seus filhos idiotas. Apenas dois eram sadios, o Toninho e a Carolina; a Tuca.

No outro dia, não fui lavar a roupa e ela não me chamou. Minha mãe sorria e dizia:

— Se me fosse possível explicar tantas coisas! Mas o tempo também é um professor e te ensinará. Os que aprendem por si próprios aprendem melhor.

Trabalhamos quatro anos na fazenda. Depois o fazendeiro, nos expulsou de suas terras.

— Vão embora! Não os quero na minha fazenda. Vocês hão me dão lucro. Só me dão prejuízos, a sua lavoura é fraca.

O meu padrasto pediu:

— Se o senhor me alugar o arado para arar as terras.

— Não dou nada, vão embora. Você vai vender verduras em Uberaba, ganha muito dinheiro e não divide comigo.

Ele vendia mil sacos de café classificado, o café moca. Vendia cem porcos gordos para os frigoríficos, e nós ganhávamos trinta mil-réis com as verduras e ele queria divisão.

Nestas fazendas só o fazendeiro é quem tem o direito de ganhar dinheiro.

— Você me deve oitocentos mil-réis e não me paga. Eu não sou teu pai.

O meu padrasto criou coragem e disse-lhe:

— Eu também não queria ser teu filho. Porque os teus filhos nascem idiotas. Os animais ainda nascem com um pouquinho de inteligência, e os teus filhos?

O fazendeiro entrou, fechou a porta dizendo:

— Oh! se ainda existisse o tronco!

Fiquei pensando na dívida que ele disse que nós devíamos, se o meu padraсто nunca pediu um tostão. Eles não davam dinheiro para os colonos.

Chorei com dó de deixar a nossa casinha, as verduras, os pés de jiló. O senhor Olímpio Rodrigues de Araújo era o único homem que sabia ler. Oferecemos a um motorista nossos porcos e as aves, e ele nos levou de volta para Sacramento.

RETORNO À CIDADE

Achei horroroso ter que comprar um quilo de arroz, um quilo de feijão. Por que é que nós não podíamos ter terras para plantar, e não podíamos comprar? Na cidade era horrível a convivência com aquelas pessoas que não se respeitavam. E havia brigas todos os dias, com a interferência dos policiais que espancavam os rixentos. Aquele povo não mudava os seus hábitos, que eram trabalhar, beber e dançar. Que saudades da vida ridente do campo! Recordava quando a mamãe torrava farinha. A água acionando o monjolo. Quando fazíamos o pão, com vinte ovos para ficar macio. Tudo era preparado com leite. Tinha saudades da minha enxada. Sentia saudades dos calos nas minhas mãos. Do cavalo, o Maçarico. O amanhã não me preocupava. Não era nervosa, porque vivia com fartura em casa.

Na roça não havia distrações, mas não existia o sofrimento. Mas para que sonhar se as terras não eram nossas? O meu padraсто estava triste porque aquela agitação diária nos aborrecia. A nossa casa era um entra-e-sai. Meus primos os seus amigos e outros intrusos.

Conseguimos trabalho no sítio do japonês, o Napoleão, para carpir arroz. Eu ganhava três mil-réis, o meu padraсто cinco mil-réis. Recebíamos aos sábados. Comprávamos dez quilos de arroz e feijão. Fomos suportando aquela vida. Minha mãe lavava roupas para os ricos.

Por infelicidade minha, minhas pernas ficaram cheias de feridas. Cozinhava ervas para banhar as pernas, e as feridas não cicatrizavam. Fiquei apavorada quando terminou a colheita. Com as pernas cheias de feridas, não podia trabalhar nos serviços domésticos. E viver dependendo do meu padraсто, e de minha mãe, era uma agonia para mim.

Um dia, apareceu um preto procurando empregado para trabalhar na lavoura de café no estado de São Paulo. O senhor Romualdo aceitou. Reunimos oito pessoas porque íamos carpir café. Era necessário várias pessoas.

Embarcamos numa segunda-feira. Na estação de Restinga, uma carroça estava nos esperando. Eram onze horas quando chegamos à fazenda Santa Cruz. O proprietário era o senhor Oliveira Dias, o Loló. Dormimos no solo como animais, porque os nossos cacos estavam na estação. De manhã o meu padrasto foi retirá-los.

O administrador era um mulato, José Benedito. Deu uma casa para nós morarmos. Tinha luz elétrica só na casa do fazendeiro. Na frente de sua casa, tinha um cruzeiro iluminado com a luz elétrica. Ficava no topo da estação de Restinga, via-se o cruzeiro à noite.

Não tínhamos permissão para plantar. O fazendeiro nos dava uma ordem de cento e cinqüenta mil-réis para fazermos compras num armazém lá em Restinga. Tínhamos que andar quatro horas para ir fazer as compras, o dinheiro não dava. Comprávamos feijão, gordura, farinha e sal. Não tomávamos café por não ter açúcar. Não tinha sabão para lavar a roupa de cama. Que fraqueza!

Serviço tínhamos demais até, comida pouquíssima. No fim do ano, ele fazia um baile numa casa que eles diziam ser a fazenda velha. Comprava chope. Dava roupas velhas para os colonos. Até escovas de dentes usadas. Eu ficava olhando e pensando: “Isto é injustiça.”

O meu padrasto era triste, todos os colonos eram tristes. Depois do almoço, o Loló ia percorrer a fazenda e ver se os colonos estavam trabalhando e contava.

— Está faltando um, por que é que ele não veio trabalhar?

— Está doente.

— Aqui na minha fazenda é proibido adoecer.

Montado num cavalo preto e roendo as unhas, nos olhava reclamando que o nosso serviço não rendia. Na presença dele, nós carpíamos mais depressa. Quando ele saía, nós sentávamos porque estávamos fracos.

No quintal da fazenda tinha verduras, vacas de leite. Ele vendia para os colonos. Quando alguém ia procurá-lo para acertar as contas, ele dizia:

— Vocês estão me devendo.

Se pedíamos vale, recriminava:

— Eu só vejo vocês comer, não vejo serviço.

A Dolores, minha prima, arranjou serviço em Franca. Minhas feridas cicatrizaram, eu fui trabalhar na cidade. Empregada doméstica. E estava contente. O meu padraсто fugiu, fomos buscar a minha mãe e o Adãozinho, o filho de minha tia, que havia falecido com barriga-d'água. Foi por sofrer muito nas fazendas que escrevi uma poesia: “O colono e o fazendeiro.”

O pobre, não tendo condição de viver dentro da cidade, só poderia viver no campo para ser espoliado. E por isso que eu digo que os fornecedores de habitantes para as favelas são os ricos e os fazendeiros. Se eles consentissem que plantássemos feijão e arroz no meio do cafezal, até eu voltaria para o campo. A terra onde está plantado o café e fértil, é adubada. O feijão dá graúdo, e o arroz também.

Eu não gosto dos fazendeiros da atualidade. Gostava dos fazendeiros da década de 10 até 1930. Que incentivavam o pobre a plantar. Não expulsavam o colono de suas terras.

Atualmente eles fazem assim: dão as terras para os colonos plantarem; quando vai-se aproximando a época da colheita, o fazendeiro expulsa o colono e fica com as plantações e não paga nada para o colono.

O fazendeiro tem uma atenuante:

— As terras são minhas, eu pago imposto. Sou protegido pela lei.

E um ladrão legalizado. E o colono vem para a cidade. Aqui ele transforma-se. O homem simples não sabe mais amainar a terra. Sabe trabalhar na indústria que já está enfraquecendo. E as fazendas também.

Atualmente, há uma minoria para trabalhar na lavoura e uma maioria para consumir. Mas o povo miúdo lutou muito para ver se conseguia viver na lavoura. São incriticáveis. O país que tem mais terras no globo é o Brasil; portanto, o nosso povo já deveria estar ajustado.

DOMÉSTICA

Tudo que possuíamos deixamos na fazenda do Loló, quando fugimos. Nós entramos pobres na fazenda, e saímos mais pobres ainda. Carpimos doze mil pés de café, e colhemos também, e não recebemos nada. Que crueldade! Nos tirar da nossa casa, nos espoliar, e nos abandonar sem um tostão.

Na cidade não tínhamos onde morar. Minha mãe foi residir no quartinho da Mariinha, que estava nervosa dizendo que não podia receber o seu amante. Minha mãe me xingava como se eu fosse a culpada daquela tragédia. A única coisa que eu fazia era rogar pragas ao Loló. A única vingança ao meu dispor. Os meus livros ficaram na fazenda.

Que fome que nós passávamos! Conseguimos quinze mil-réis, e alugamos um quartinho na casa de um casal de italianos. Dois dias vivemos em paz. Mas no terceiro dia, o dinheiro do aluguel acabou-se porque o senhorio gastou no álcool. Ficou nos xingando:

— Vão embora, negros vagabundos. Desocupem o meu quarto. Eles queriam alugar o quarto novamente, para arranjar dinheiro para beber pinga. Já estavam dominados pelo álcool, e não respeitavam os trinta dias do mês.

A Dolores arranjou um namorado, foi viver com ele, levou a minha mãe, que dizia que os patrões procedem assim com os empregados.

Conseguí empregar-me com o senhor Benjamim, um sírio que tinha um empório no sítio, não sabia ler, vendia a olho, e ganhava dinheiro. A esposa também era analfabeta. Quando vendiam algo fiado, ela pegava um lápis e riscava um papel que era para os fregueses verem que ela havia anotado. Não somavam as rendas diárias, não tinham inscrição, não pagavam impostos. Eram uns lesa-pátria.

O meu serviço era cozinhar, lavar e passar. Prometeram que me pagavam quarenta mil-réis. Trabalhei dois meses. Fiquei com nojo deles quando vi eles brigarem com a afilhada Nilza e o seu esposo, um professor. O sírio não gostava do professor, dizia que ele era brasileiro e pobre. Mas é no Brasil que eles enriquecem.

Pedi a conta. Me deram cinco mil-réis, deveriam me dar oitenta. Eu tive que viajar a pé para a cidade. Roguei pragas ao sírio Benjamim, e à sua esposa dona Maria. Avarentos.

Quando cheguei na cidade, a minha mãe estava trabalhando para o irmão do senhor Higino Calleiros. Eram bons para ela. Às vezes eu ia ajudá-la na limpeza. Um dia fui limpar atrás de um armário, joguei água quente. Enchi uma lata de vinte litros só de baratas. Eles ficaram horrorizados, eu também.

Conseguimos alugar uma casa da dona Narcisa. Cinquenta mil-réis por mês.

Que tragédia que o fazendeiro Loló arranhou para nós! O que não deveriam estar sofrendo os infelizes que ficaram na sua fazenda. Se arranjávamos dinheiro para pagar o aluguel, não arranjávamos para comprar comida.

Minha mãe resolveu voltar para Sacramento, lá ela tinha o seu ranchinho. Voltamos. Ela lutava para arranjar o que comer. As minhas pernas estavam cicatrizadas.

Fui trabalhar na residência do senhor Armand Goulart. Não dei conta do serviço, saí e fiquei em casa. Era duro conseguir algum dinheiro, fui trabalhar na casa do farmacêutico Manoel Magalhães. Eles estavam alegres por estarem hospedando seu sobrinho padre Geraldo. Consideravam-se importantes por terem um padre na família. Ele chegava de Roma, ia rezar uma missa. Todos estavam convidados.

Eu não conhecia a casa. Ficava só na cozinha e no quintal. Quando houve um rebuliço lá dentro.

Eu só ouvia a palavra: “Sumiu! Sumiu! Deve ter sido ela.” Eu estava estendendo as roupas quando vi chegarem dois soldados.

— Vamos, vamos, vagabunda. Ladra! Nojenta. Leprosa.

Assustei:

— O que houve?

— Ainda pergunta, cara-de-pau! Você roubou cem mil-réis do padre Geraldo.

Eram dez horas da manhã. A notícia circulou.

— A Bitita roubou cem mil-réis do padre Geraldo Magalhães.

— Credo! Ela vai pro inferno!

Foram avisar a mamãe. E a única pessoa que esta sempre presente nas nossas alegrias ou desditas.

— Você roubou, Bitita?

— Não senhora! Eu nunca vi cem mil-réis.

O meu desejo era ver as cédulas de cem, duzentos, quinhentos, e a de um conto de réis. Eu conhecia só as notas de cinquenta, vinte, dez, cinco, dois e um mil-réis.

Fui presa por dois soldados e um sargento. Pensei: “Será que eles vão me obrigar a percorrer as ruas com as crianças gritando: A Bitita, roubou cem mil-réis. — A Bitita roubou cem mil-réis!”

Compreendi que todos os pretos deveriam esperar por isso.

Quando o soldado ia me bater o telefone tocou. O padre avisava que havia encontrado o dinheiro na carteira dos cigarros. Ele queria me pedir perdão.

A família não consentiu dizendo que o negro tem a mentalidade de animal. A prova é visível, eles só sabem dançar e beber pinga. O padre disse que ia rezar, pedir a Deus que me ajudasse na vida.

Minha mãe dizia:

— Como você é infeliz.

E que eu estava doente.

Minha tia Adriana, dizia:

— Se a Bitita sarar, ela vai ficar rica! Ela é muito inteligente. Mas ela não há de sarar.

Minha mãe dizia:

— Quando você era pequena, era tão inteligente; depois que cresceu ficou boboca.

Eu bebia chá de ervas “carolinha velame”, tudo que me ensinavam.

Chegou um senhor procurando uma criada para trabalhar na fazenda São Gabriel do doutor Wanderley Andrade, em Conquista. A lavadeira ia ganhar cinqüenta mil-réis por mês. A cozinheira setenta. Minha mãe decidiu que deveríamos ir, pagavam a viagem.

Que fazenda! Eu era louca por terras. Invejava os que tinham terras para plantar. Compreendo que os que gostam não a têm. Mas o meu sonho era: “Não hei de morrer antes de adquirir uma gleba de terras para mim. Pretendo plantar muitos arvoredos.”

A patroa era a dona Elza. Bonitinha. Me escolheu para ser a cozinheira, e minha mãe para ser a lavadeira.

Eles fabricavam manteiga. Que fartura! Leite, queijo e carne. Eu comia para renutrir-me.

A patroa ia viajar para São Paulo. Eu ia tomar conta dos seus filhos na casa de sua mãe. Íamos para uma fazenda próxima da estação de Delta. Minha mãe ia ficar tomando conta da casa do fazendeiro com a outra criada. A patroa ia comprar dois vidros de remédio para eu tomar para curar minhas pernas. Preparamo-nos para a viagem, ela foi despedindo-se dos parentes. Todos eram fazendeiros.

Paramos na fazenda do José Resende. Eu deveria lavar a roupa das crianças, contar estórias para eles, pajeá-los. Não deixar que se machucassem. Chegamos na fazenda de dona Bárbara.

O seu genro é quem tomava conta dos negócios: Nhonhô. Eles iam preparar o enxoval das meninas, a Elza e a Zenaide, que era gorduchinha, que iam estudar num colégio interno em Uberaba, colégio de freiras. Pensei: “Quando elas voltarem do colégio, estarão arrogantes, prepotentes, selecionando as pessoas para oferecer-lhes os seus sorrisos.” Elas têm possibilidades de dividir o mundo. O dinheiro coloca o pobre de um lado, e o rico do outro.

Fiquei tomando conta dos dois meninos, o Oswaldo e o Gabriel. Eu dizia para o Gabriel:

— Vou arranjar um negrinho para brincar com você. Respondia nervoso:

— Negrinho não, negrinha.

A dona Elza havia comprado uma panela de pressão. Quando fomos cozinhar o feijão, o ar não entrou num local que dava um assobio, a panela elevou-se no ar, caiu dentro do chiqueiro rodando de um lado para outro. Se encostava num porco queimava-o, o porco grunhia, e foi aquela confusão. E que eu era pernóstica, disse que sabia cozinhar com aquela panela. Era a primeira vez que via a panela. Compreendi que o pernóstico pode provocar um desastre. Que ódio que eu sentia da minha condição humilhante!

Um dia fui procurar raízes para fazer o chá. Mas havia tantas cobras que me apavorei. Dava saltos com receio de pisar nos ofídios.

O senhor Nhonhô montou no cavalo e foi ver o que havia. Não pude explicar que havia ido procurar raízes, ele repreendeu-me, voltei pra casa e fui tomar banho, estava transpirando.

A dona Bárbara criava três negrinhas órfãs, a mãe morreu, o pai deu-lhe as negrinhas que já estavam aprendendo a cozinhar, lavar e passar. Eles haviam criado uma jovem branca e surda que passava as roupas e fazia os doces. Quem cozinava era uma preta velha nortista. Chorava com dor de dente. O único dente na sua boca. Não gostava de mim, porque eu sabia ler. Quem sabe ler pode prestar e não prestar.

Na época do frio, que dó dos filhos dos colonos com aquelas roupas finas, tremendo de frio. E os filhos do patrão com as roupas de lã compradas em São Paulo. As crianças pobres eram os mais fortes, não sentiam nada.

A patroa viajou um mês, São Paulo, Rio de Janeiro, Santos e Campinas. Quando voltou, que jantar! Usava casaco de pele, chapéu e luvas. Contaram-lhe que eu era louca.

Quando voltamos para Conquista, ela despediu-me. Deu cem mil-réis como pagamento para mim e para a minha mãe. Ela falou que ia pagar setenta cruzeiros para mim. Eu teria que receber duzentos e vinte e um mil-réis. E a minha mãe cento e cinqüenta.

Nós tínhamos que ir a pé. Ela deu um cheque. Troquei na cidade, comprei um vestido para mim, outro para a minha mamãe e viajamos.

Pensei: “Eles nos exploraram mas não de gastar o que ganham com remédios.” Minha mãe dizia:

— Você sabe ler, e eles te fazem de palhaço.

Quando eu quis xingar o patrão, o senhor Wanderley de Andrade, minha mãe não consentiu, dizendo que ele poderia nos matar ou mandar os empregados nos espancar. Pensei: “Já é tempo de abandonar os fazendeiros.” Que ódio que eu tinha deles. Chegamos a Sacramento. Não tínhamos dinheiro para comprar comida. Jurei: “Prefiro pedir esmolas do que trabalhar para os fazendeiros.”

A DOENÇA

Ouvi dizer que em Uberaba tinha bons médicos. Decidi ir até lá a pé. Peguei a minha trouxa e saí. Não me despedi de ninguém.

Dormia nas estradas. Andava pelas estradas de rodagem. Que luta!

Quando cheguei a Uberaba, não conhecia ninguém. Mas recordei que conhecia uma preta que residia lá. Que inveja que eu senti quando ela recebeu-me. Estavam residindo numa casa de telhas. Só eu é que não vou ter a possibilidade de morar numa casa assim.

Ela recebeu-me friamente. Era a dona Maria Leonaldo. Um recebimento sem sorriso, sem o tão comum: “Como vai?” Ela tinha um bócio, disse-me que ia operar-se. Eu disse-lhe que havia ido a Uberaba apenas para ver se conseguia curar as minhas pernas.

Ela dizia que estavam muito bem, que as suas filhas iam aos bailes todos os sábados, que estavam bem empregadas. A sua filha Londinha estava separada do esposo, o Juca, mas como não tiveram filhos não houve alterações na vida da Londinha. À noite, as suas filhas foram chegando. Não me cumprimentaram, apenas passaram os olhos e franziram o nariz. Na casa de dona Maria Leonaldo, dormia uma senhora, uma mulher de cor parda. Era a cozinheira de uma família rica. À noite, ela trazia café, açúcar, sabão e dava para a dona Maria. Percebi que ela roubava da patroa. Era um grande sacrifício para conseguir a simpatia de dona Maria. A dona Maria disse-me que o único lugar disponível para eu dormir era no galinheiro. Para quem já havia dormido nas estradas, qualquer coisa servia.

Passei a noite no quintal, não era possível dormir com as aves. Que noite longa! Cheguei até a sentir saudades do calor do sol. As seis horas, as filhas de dona Maria saíram para o trabalho. Fiquei com inveja. As oito horas ela abriu a

porta e disse que não me queria na sua casa. Que se eu pudesse me empregar numa casa rica para ajudar no pagamento do aluguel, ela ainda tolerava.

— Mas ninguém te dá serviço. Você pode procurar o asilo são Vicente de Paula, lá no alto da Abadia, as irmãs hão de te aceitar. É um lugar para os indigentes. E melhor você ir já. As casas que têm o nome de são Vicente não podem negar hospitalidade aos que pedem.

Peguei a minha trouxa e saí. Me indicaram o asilo. Quando cheguei, fui falar com a irmã Augusta. Citei-lhe as minhas desditas. Já estava com vontade de cortar a minha vida.

— Eu sou pobre, além de pobre, doente. As doenças internas não nos impedem de trabalhar, mas as externas sim.

Já estava cansada de viver às margens da vida.

— Você deve confiar em Cristo. ·Ele está experimentando a sua calma, se você tem paciência. Para que pensar em morrer, se todos nós temos que morrer um dia.

A irmã convidou-me:

— Entra. Você é hóspede de são Vicente de Paula.

Ela tocou o sino. Apareceram as irmãs. Ela apresentou-me.

— Esta jovem é nossa hóspede. O teu nome é...

— Carolina Maria de Jesus.

— Não é só você que é de Jesus, todos nós. Ele é nosso salvador.

Ergui os olhos, e vi um crucifixo. Olhava o Cristo na cruz e pensava* “E horrível ser pobre! Como é que o Cristo teve coragem de nascer na pobreza! Ele não tinha casa. E eu também não tenho.”

Me indicaram o meu quarto. Nos quatinhos, que eram divididos, havia três camas em cada um. Eu olhava as velhinhas que já estavam despedindo-se da vida.

Às três horas fomos tomar café. Que fartura! Quantos pães!

A irmã Custódia disse-me que o médico visitava o asilo de oito em oito dias. Que eu esperasse.

Às seis horas serviram o jantar. Boa comida. E eu pensava “O povo de Uberaba é superior, não deixa os seus indigentes ao léu.” Em Sacramento não tinha nem uma Santa Casa. Em Uberaba as ruas já eram calçadas. A cidade era grande, não faltava serviço.

No outro dia pedi permissão à irmã Augusta, que era a irmã superiora, para ir fazer um exame na Santa Casa. Deixou. O médico que me examinou deu-me uns remédios “amostra grátis.” Quando tomava um remédio pensava se me fosse possível amanhecer sã.

As irmãs disseram que eu deveria lavar às roupas dos asilados.

Eu lavava a roupa das trinta pessoas que estavam asiladas. As pernas não saravam.

Cansei daquela vida pedi à irmã Augusta que queria voltar para a minha terra. Não tinha um tratamento adequado.

Ela implorou:

— Não vai! O mundo é um teatro de agruras.

Eu não podia ir ao hospital, porque devia lavar a roupa. Para ir ao hospital precisava permanecer na fila para receber as fichas.

Os asilados não deveriam trabalhar. Mas as irmãs não arranjavam lavadeiras. Elas tinham nojo de lavar as roupas dos asilados. Eu ficava indecisa. Para agradecer-me, passei a ter direito a comer comida das irmãs. Que comida! Que purê! Era quase deferência especial.

Mas eu queria curar-me. Que inveja que eu sentia da Geralda, uma pretinha que era cozinheira do asilo. Quando vagava pelas ruas só olhava as pernas das negrinhas.

As palavras da irmã Augusta ficaram girando no meu cérebro: “O mundo é

um teatro de agruras.” E as cenas são tétricas: roubos, uns matando os outros. E as brigas com as familiares. E às vezes com os vizinhos.

— Deus não quer dar-lhe saúde que é para livrá-la de mesclar-se profundamente no seio do mundo. Ainda mais vocês, que ainda não recebem instrução adequada, não sabem defender-se dos falsos prazeres da vida. A ruína moral também é prejudicial.

Eu já estava conhecendo a parte amarga da vida. Mas o meu desejo era poder dar a minha mãe o meu auxílio. Creio que é dever dos filhos auxiliar os seus pro- genitores.

A irmã deu-me uns livros para eu ler. Vida de santa Terezinha, de santo Antônio. Eu hei de lutar para curar-me, ainda hei de ver os meus parentes invejando-me.

A REVOLUÇÃO

Um dia amanheceu confuso, com as ruas cheias de soldados. Era a revolução. Eu conhecia só a revolução das formigas quando se locomovem. Mas a revolução dos homens é trágica. E uns matando os outros.

E o povo só falava no Getúlio Vargas e João Pessoa. Era a união do estado da Paraíba com o Rio Grande do Sul. Os tenentes conclamavam os homens a fardar-se. Os homens não deveriam ficar omissos na hora em que a pátria estava em litígio.

— Estas sedições ocorrem por causa dos incientes e prepotentes que querem governar a Nação. Com o Getúlio vamos ter mais trabalho. Ele é o fundador do Partido Trabalhista.

Os soldados circulavam pelas ruas, ostentando umas bandeiras verdes, amarelas e brancas, com o retrato do Getúlio no centro. Os que olhavam o retrato simpatizavam com ele e diziam:

— Agora o Brasil vai ficar aos cuidados de um Homem! Este vai dar um impulso ao país. Somos um povo sem líder. Temos que despertar. O país não pode continuar deitado eternamente em berço esplêndido. O nosso país é muito atrasado.

As mocinhas que eram empregadas domésticas não saíam das casas dos patrões. Eu estava trabalhando na casa da dona Mimi, esposa do Gaúcho. Ele estava contente porque era o seu estado que estava pondo o Brasil em ordem.

Eu andava pelas ruas. Na época eu estava usando uma pomada que tinha um cheiro horrível, e os soldados não mexiam comigo. As minhas feridas eram meu salvo-conduto. Ouvia os soldados cantar!

“Viva a nossa revolução!

O Brasil vai subir igual balão.
Com o Getúlio o Brasil vai,
com o Getúlio o Brasil não cai.
Vamos ter mais pães na mesa,
o Getúlio é amigo da pobreza.”

O dinheiro rei, o mil-réis, foi recolhido. Circulava um dinheiro chamado bônus. Os homens que fardavam recebiam uma quantidade de bônus para deixar para as famílias. Os que recebiam os bônus compravam comida para os familiares em grandes proporções. Os que estavam habituados a comprar quilos compravam sacos. Que fartura! As mulheres diziam:

— Se o Brasil fosse sempre assim, isto aqui seria um paraíso.

Uns compravam material de construção, outros roupa de cama. Vários jovens fardaram-se. Os que se imiscuíram no meio dos revoltosos viajaram assim que vestiram a farda,

Para os que tinham noção do que é observar minuciosamente, percebia-se que aquela revolução estava sendo preparada há uns três anos. Não cometiam falhas, em cada unidade tinha um caminhão conduzindo as fardamentas, botas, capotes de lã. E quanta carne!

Não havia saque. Era proibido no interior. Punidos os infratores. Os que não fardaram não recebiam os bônus.

O meu irmão não quis fardar-se, disse que tinha medo da revolução. Homens senis fardavam-se para receber os bônus. Compravam material para construir uma casinha. Diziam: “Se eu morrer, deixo essa casa para os meus filhos. Para os pobres aquela revolução era a época das vacas gordas.

O meu irmão queria ver os soldados. Resolveu vestir-se de mulher. Vestiu um vestido da minha irmã, pôs colar, pintou o rosto, amarrou um lenço na cabeça e saiu. Meia hora depois ele entrou em casa correndo. Despiu-se, lavou o rosto, pôs os seus trajes masculinos.

Uns soldados passaram e perguntaram:

— Vocês não viram uma mulata bonita?

Minha mãe respondeu:

— Eu não vi, não senhor.

Estavam procurando o meu irmão. Ele ficou bonito vestindo os trajes femininos. Os soldados retiraram-se dizendo:

— Que mulata bonita! Nunca vi coisa igual! Será que ela já é casada? Mulheres bonitas arranjam dono logo. Eu queria apenas olhar para ela porque nós não podemos molestar as mulheres. A revolução não permite e nos pune.

O meu irmão tremia. Quando os soldados retiraram-se, ele desapareceu.

O povo estava confuso. Havia votado no senhor Júlio Prestes e estava aguardando a sua posse. Naquela época havia rivalidades entre Minas e São Paulo. O povo falava que a revolução era a favor do homem do campo, que poderia deixar a vida do campo e residir nas cidades, encontrando empregos nas fábricas. O serviço nas fábricas não exigia homens especializados.

E pronto: as enxadas foram relegadas, e os arados ficaram inativos. O Brasil ia deixar de ser um país agrícola para transformar-se num país industrializado. O povo dizia que o Getúlio Vargas concedia empréstimos aos que pretendessem fundar indústrias. Era-a primeira vez na história do Brasil que um presidente incentivaria o povo, reerguendo-lhe o moral. Os pobres diziam:

— O Getúlio vai ser o nosso farol.

Quando o Brasil normalizou-se, os que haviam recebido bônus foram trocá-los nas coletorias. Entregaram os bônus e receberam o mil-réis que na época era o “vale-tudo”. Era dinheiro-valor recebido. Não era o dinheiro legal. O dinheiro-valor recebido era predominador. Quando alguém estava com cem mil-réis no bolso, ele tinha a impressão de ser um semibancheiro. Era um homem, tranqüilo porque não tinha problemas econômicos.

Os que receberam o mil-réis quando trocaram os bônus, diziam: “É, o Getúlio tem palavra mesmo! O homem não brinca em serviço. O homem é sério

mesmo.”

E agindo assim o Getúlio vai predominar. Aqueles moços pobres, que se fardaram e entraram no estado de São Paulo, não mais voltaram para os seus estados. Conseguiram emprego em São Paulo. Na correspondência com os seus familiares, eles iam convencendo os seus parentes a transferir-se para o lado de lá. E aquela carta circulava de mão em mão, nos convencendo de que o estado de São Paulo é o paraíso dos pobres. E eu pensava: “Quando eu recuperar a saúde, quero conhecer a cidade de São Paulo. Quero ver a cidade sucursal do céu.”

E os homens, quando se reuniam, falavam no Getúlio. Que era o pai dos pobres. E eu comecei a gostar do Getúlio e pensava; “Será este o político que vai preparar um Brasil para os brasileiros?” Ele havia reanimado o povo, aquele povo apático, “deixa pra amanhã”, estava sonhando, idealizando e projetando, porque podia confiar no governo que não decepcionava.

Os que faziam projetos diziam:

— Eu vou para São Paulo e vou conseguir um empréstimo com o Getúlio e abrir uma indústria com cinquenta operários, porque o Getúlio diz que se o operário tiver emprego, ele não terá tempo para transviar-se e desajustar-se. Ele só concede empréstimo com a finalidade de que o beneficiado vai ser operário. E a indústria em São Paulo é lucro imediato.

Quando os fazendeiros ficaram sozinhos, deixaram suas terras e transferiram-se para São Paulo. Os velhos diziam:

— Um dia eles hão de arrepender-se, porque a lavoura também ajuda o país. Agora que o camponês vai para a cidade, vão diminuir os braços produtivos. Vai ser uma minoria a produzir para uma maioria consumir. No fim as conseqüências serão desastrosas, porque o homem, manipula o ferro, mas não come o ferro.

Eu pensava: “Por que será que nas cidades pequenas não se sente o efeito de uma política? Se eles fazem tantos progressos nas capitais, poderiam fazer no interior, e o homem não necessitaria locomover-se de um estado para o outro.” Mas a minha cidade continuava no mesmo estilo. Eu olhava a cidade e pensava: “Pobre Sacramento, é semelhante a um bolo em que não puseram fermento, não cresce.”

O senhor Manoel Nogueira dizia:

— Agora o Brasil vai deixar de ser um país atrasado.

As revoluções sempre auxiliam o país. O povo deveria fazer uma revolta era para colocar o Rui Barbosa no Catete.

Aquelas explicações do senhor Manoel Nogueira não mais me entusiasmavam. Quando eu era menina, pensava que tudo o que ele dizia ia realizar-se. Agora já estava compreendendo que, entra governo, sai governo, o pobre continua sempre pobre. Os sonhos de melhores dias não eram para nós. Nós vivíamos como são Lourenço na grelha incandescente.

O que nos empobreceu demasiadamente foram as nossas andanças pelas fazendas. Percebi que o fazendeiro não dá dinheiro para os colonos. Para mim a escravidão havia apenas amainado um pouquinho. Era horroroso ver os colonos andarem com as roupas rasgadas, remendadas, como se fossem mendigos. Será que a revolução ia auxiliar o homem camponês? Auxílio ou agrura? Em poucos dias o povo só dizia: — “Getúlio! Getúlio!” Até as crianças. Que fé! Que confiança que o povo deposita no governo que vai tomar posse! Como se ele fosse um bálsamo para as suas dificuldades.

O meu irmão não queria fardar-se. Mas o homem que não lutasse não era homem. Lutando para o Getúlio, é como se estivesse depositando dinheiro num banco. E os juros vão ser o bem-estar do nosso povo.

Quem estava fazendo aquela revolução eram os ricos. Mas eles revoltaram-se, por quê? Quem deveria e deve revoltar-se somos nós que somos os pobres, que trabalhamos sem melhorar a nossa condição de vida, ganhamos apenas as unidades que não cobrem as nossas necessidades. Temos que ficar semi-alfabetizados porque o curso superior está ao alcance dos poderosos somente.

Diziam que nas grandes cidades é que os pobres poderiam elevar-se um pouco. A longevidade para o pobre só se consegue no estado de São Paulo, onde o pobre tem possibilidade de comer todos os dias. E o segundo estado é o Rio Grande do Sul. As grandes indústrias estão em São Paulo por causa do lucro imediato. Os homens de outros estados iam pôr suas fábricas em São Paulo. Mas o interior continuava apático.

Graças a Deus eu estava só, consegui empregar-me na casa do senhor

Manuel Soares. Que luta! Lavar, cozinhar, passar para toda a família. Trabalhava para ter onde comer.

Pensava: “Se eu tivesse terras para plantar eu seria rica.” Olhava aquelas terras ao redor da cidade, inativas, as terras eram do senhor Hermógenes, do Jerônimo Cardoso, e do João Borges. Por que não dão estas terras para os pobres plantar? Teriam fartura para eles e para os pobres. Está claro que as terras têm que ter o seu proprietário, mas poderiam arrendá-las por tempo indeterminado. O Rui Barbosa, que foi uma voz estentórea no país, falou que deveriam ser cedidas terras para os que quisessem cultivá-las e não foi atendido. O último recurso é procurar outros recantos mais promissores. E os homens vão perdendo o hábito de plantar. O japonês Napoleão havia deixado de plantar arroz, tinha que pagar os camaradas. Na Europa corria boato que o negro do Brasil, por ter sido escravo, trabalhava de graça em troca de pinga e comida.

AS LEIS DA HOSPITALIDADE

Minha mãe me deu trinta mil-réis e pensei: “Com este dinheiro eu vou até Ribeirão Preto ver se consigo internar-me. Quem sabe se desta vez, com auxílio de Deus, conseguirei sarar.

Diziam:

— Ou você não tem sorte ou te puseram feitiço.

Que vontade de rir, porque não acredito em feitiço. Não me despedi de ninguém. A passagem custava vinte mil-réis. Para vencer na vida é necessário pensar e agir. Cheguei em Ribeirão às seis da tarde. Paguei seis mil-réis para dormir e pedi ao porteiro para despertar-me às seis.

Não dormi pensando: “Será que vou ser feliz aqui nesta cidade?” Que medo que eu sentia das cidades grandes! E eu tinha dinheiro.

Levantei, peguei a minha trouxa e saí. Segui a avenida-da Saudade. Cheguei na Santa Casa e pedi uma consulta. Fizeram um curativo e disseram que eu deveria voltar depois de três dias. Era doença de ambulatório.

Ficar onde? Recordei que a tia Ana morava naquela cidade e decidi procurá-la perguntando. Consegui localizá-la. Ela residia na Vila Tibério. Quando cheguei eram seis horas da tarde. Eles estavam jantando. Parei na porta e cumprimentei-a:

— A bênção, tia Ana!

Ela não me respondeu. Mesmo sem este convite: “Vamos entrar”, eu entrei e sentei. Os meus pés estavam inchados dentro dos sapatos que os comprimiam.

Era sábado. A tia Ana disse-me:

— Você com certeza já jantou.

— Não senhora.

Ela dirigiu-me um olhar furioso. Pôs um pouquinho de feijão e arroz e foi dizendo:

— Visitas de boca não me interessam. Visitas de braços sim. Como foi que você descobriu a minha casa?

— Foi uma mulher quem me ensinou.

Minha tia Ana ficou furiosa xingando:

— Ah, mulher infame, desgraçada! Ela que vá para o inferno!

Comi e fiquei com fome. Minhas primas estavam vestindo-se. Iam fazer um baile, haviam alugado um salão. Decidiram que eu deveria ir porque não me conheciam e não podiam me deixar sozinha.

— Não sabemos se ela é ladra.

A Marcelina estava noiva de um pretinho de nome Otávio. Pensei: “A tia Ana agora já mistura-se com os negros. O seu orgulho está enfraquecendo-se.” E tive esperanças que ela me ajudasse. Que vontade de dormir!

Chegou o José Marcelino. Não me cumprimentou. Olhou-me com rancor. Pensei: “Que raça antipática!”

As pessoas que estavam presentes no baile eram selecionadas. Bem vestidas. Os homens usando ternos de casimira. Eu pensava: “Será que eles são ricos?” A meia-noite rifaram um frango assado. Que vontade que eu senti de arrancar aquele frango e sair correndo. Eu estava sentada perto da tia Ana, olhando os que dançavam e pensava: “Eles estão do outro lado do mundo. O mundo que a saúde lhes confere.” Para mim aquilo era apenas cenas. Que eu poderia olhar. Mas não poderia tomar parte. Já estava mais calma. O curativo que fizeram na Santa Casa foi produtivo porque as feridas começaram doer. Não podia gemer no baile. Quem está doente não vai ao baile.

Ao lado da tia Ana estava sentada uma senhora que ultrapassava os

cinquenta anos. Olhou-me e perguntou para a minha tia:

— Quem é ela?

A minha tia observou-me minuciosamente e disse:

— E uma mendiga que de vez em quando vem na minha casa pedir esmola.

— Coitada! Tão jovem e já incapacitada para enfrentar a vida. Como a senhora é caridosa!

E a tia Ana sorriu com os elogios da mulher.

Eu estava com sono mas não podia nem cochilar. Para finalizar o baile decidiram marcar uma quadrilha. Mas faltaram damas. Então convidaram a minha tia, a outra senhora e eu.

Que suplício quando fui levantar. As pernas estavam inchadas e pesadas como se os meus pés fossem de chumbo. O meu desejo era dizer: “Moço, eu não posso dançar. Estou doente.” Mas ele poderia dizer-me: “Lugar de doente não é num salão de baile, é num hospital.”

Aceitei o convite. Ele sorriu para mim. Eu também sorri. Já fazia tempo que eu não dançava. Não era a minha distração predileta.

Mal vestida, eu era a gata borralheira naquele núcleo. Estava pedindo a Deus para que aquela quadrilha terminasse. Eu não sabia se prestava atenção na música, na dor que eu sentia ou na marcação da quadrilha. Os que dançavam sorriam e eu com vontade de gemer. Que alívio quando a quadrilha terminou.

O povo despediu-se e nós fomos para casa. Quando chegamos, a minha tia deu-me as passadeiras para eu forrar o cimento e deitar. Quando respirava, sentia o cheiro de poeira. Não adormeci por causa da friagem. Levantei e sentei-me numa cadeira. Não sentia sono por estar com fome.

Quando o dia despontou, levantei e fui para o quintal. A tia Ana contava o dinheiro que ganhou no *buffet*. Não me ofereceram café.

O meu desgosto era tão imenso que eu não sentia fome. Às duas horas me deram um pouquinho de feijão. Eu saí, fui na casa da Bárbara, filha da tia Ana.

Queria ver o Sebastião seu esposo. Quando ela me viu fechou a porta e disse-me que ia sair.

Pensei: “Se um dia eu tiver saúde não quero contato com os meus parentes, eles estão me apresentando as suas qualidades negativas.” Os parentes deveriam e devem auxiliar uns aos outros.

Lembrei-me da irmã Augusta:

— O mundo é mesmo um teatro de agruras.

Voltei para a casa da tia Ana. Eu estava suja. Três dias sem tomar banho com um calor insuportável. Mas eles não iam deixar eu tomar banho no banheiro. Compreendi que eles me tratavam com profundo desprezo para eu deixar a casa. Saí para ver o que conseguiria naquela cidade.

Encontrei a esposa do meu padrinho: Maria Rita. Pensei pedir-lhe para ficar na sua casa, mas já estava ficando com medo da casa alheia. Ela lavava roupa para fora, roupas finas. O quintal era grande eu poderia construir um quartinho para mim. Despedi-me.

Cheguei na casa da tia Ana, falei com a Marcelina, dizendo que havia visitado a Maria Rita.

— Credo! Aquela mulher não presta! Você não deveria ter entrado lá.

A tia Ana falou:

— Por que é que você não vai pedir esmolas?

Assustei. Pedir esmolas na minha idade? Era horroroso. Pensei: “Vou tentar! E seja o que Deus quiser!” Saí andando, olhando as casas, procurando uma para pedir. Quem está doente não pensa na morte.

“Eu quero sarar para trabalhar em qualquer coisa. Hei de ter a minha casa! Deus há de me auxiliar.”

A tia Ana disse:

— Se não arranjar dinheiro, não volte.

Dinheiro: é a chave que abre os corações dos ambiciosos. “Juro que nunca hei de sacrificar ninguém para arranjar dinheiro para mim. Hei de moderar a minha ambição. Como é que podem exigir dinheiro de uma pessoa imprestável como eu.” Oh, meu Deus! Quando nascemos, choramos, e o choro é o prenúncio da auréola de infelicidade que há de cingir a nossa fronte. Todos que nascem sofrem.

Olhava aquela cidade. Tinha a impressão de estar sozinha sem Deus. Por fim me decidi. Toquei a campainha de uma casa. Apareceu uma senhora pedi:

— A senhora pode me dar um auxílio?

Ela olhou-me minuciosamente, como se eu fosse um objeto à venda ou em uma exposição.

— Você é novinha e pedindo esmola Não tem vergonha? É por isso que ninguém gosta dos negros, vocês são indolentes, imprestáveis. Vai trabalhar, nojenta.

— É que estou doente.

— Procura a Santa Casa!

— Eles não me internam. Minha doença é de ambulatório.

— Você não tem mãe, não tem parentes? Vocês, medíocres, dão graças a Deus quando aparecem estas chagas nos seus corpos, para tirarem proveito da doença pedindo esmolas. E que vocês, que são ignorantes, não sabem o valor de um corpo são, sem enfermidade.

E horrível alguém ter nojo da gente. Segui sem me despedir pensando: “Prefiro morrer de fome do que pedir esmolas. Quando será que vou sarar?” O meu sonho era ter saúde para arranjar dinheiro e competir com minhas primas. Queria transformar-me de gata borralheira em princesa. Os meus parentes me olhavam com cara de nojo e aquilo me feria profundamente. Tinha hora que eu invejava as minhas primas que podiam comprar roupas, vestidos de seda cor-de-rosa, azul, e cintos de veludo preto. Mas preto era o meu destino.

Para mim, a palavra mais bonita era a palavra saúde.

Permaneci apenas seis dias na cidade de Ribeirão Preto e comi só uma vez na casa da minha tia.

Eles não me convidavam para comer.

As pretinhas vestiam-se bem. Os homens de cor trabalhavam na Companhia Antártica. Minha condição era pungente. Não tinha casa, nem emprego e não é nada agradável viver ao relento. E tudo no mundo tem destino.

Quando o homem está vivo, tem a sua casa para abrigá-lo, e quando morre tem a campa para o seu repouso eterno. Relembrando o meu passado caótico, me vinham na mente os rostos das pessoas que havia conhecido. E sentia saudades apenas do meu avô, e de minhas madrinhas, siá Maruca e a Mariinha.

Recordei de dona Bárbara, à sogra do doutor Wanderley Andrade. O seu rosto enrugado parecia um mapa. Será que o modelo do mapa foi o rosto humano? Era amável e triste como se estivesse descontente com o mundo.

É o homem que semeia a tristeza no mundo. O meu passado voltava na minha mente como se fosse uma fita na tela. Que passado horroroso e hediondo! Se eu achasse uma carteira cheia de dinheiro, quem sabe se a minha tia sorriria para mim. O dinheiro não é santo, mas também faz milagre.

A segunda casa onde bati e pedi esmola, a dona da casa disse:

— Vai trabalhar vagabunda!

Fiquei sem ação. Eu que tenho um espírito de luta, de arrojo inabalável, que sou forte nas resoluções. Chorei.

A palavra vagabunda ficou eclodindo no meu cérebro como se fosse um tique-taque de um relógio. Minhas lágrimas estavam quentes e deslizavam pelas faces, pingando no solo. Pensei: “Eu devo morrer!” Fiquei andando até encontrar um jardim. Sentei e fiquei contemplando as nuvens, pensando na casa de mamãe tão distante. Lá, eu não era feliz, o meu irmão me xingava.

Quando o dia findou dirigi-me para a casa de minha tia.

Já haviam jantado.

Minha tia disse-me:

— Viram você sentada no jardim, e aqui em Ribeirão, as pessoas decentes não sentam nos jardins.

O meu primo, José Marcelino, olhou-me e disse:

— Isto é, as pessoas decentes, mas a Bitita não é decente.

Ele estava escovando os dentes, perguntou-me:

— Quando é que você vai embora?

Não lhe disse nada. Dizer o quê?...

Peguei a minha trouxa e saí rogando praga na tia Ana.

Procurei a estrada de rodagem pretendendo voltar para a minha terra a pé. Fui andando resignada. Era o início de minha vida e o destino estava apresentando-me as pessoas desumanas que transitam por este mundo. Os tipos que pensam que são imortais, destituídos das belas qualidades e com péssimas formações morais.

Quantos meses levaria para chegar em Sacramento? Andei o dia todo pensando: quando encontrar um lago ou um rio, vou tomar banho, cinco dias sem tomar banho! Eu tenho que ser firme nas minhas resoluções. Nunca mais hei de falar com os filhos da tia Ana. Não mais hei de considerá-los meus parentes. Se receber ofensas, hei de devolver as ofensas como troco.

Que luta! Sentia fome mas tinha medo de pedir. As seis horas cheguei em Jardinópolis. Procurei a Santa Casa, admirando.

Todas as cidades do estado de São Paulo têm uma Santa Casa, os paulistas são caprichosos. Dá a impressão que o único estado rico do país é o estado de São Paulo.

Toquei a campainha pensando: “Como será que vou ser recebida?” E o meu coração começou acelerar-se como se estivesse dançando um samba. Eu tinha a impressão que havia levado um empurrão e sendo atirada fora do mundo. Se eu não recuperar a minha saúde, terei que mendigar mesmo. Mas é tão bom viver

com o próprio esforço! Sempre existe alguém que nos dá serviço.

A porta abriu-se. Apareceu uma freira. Pensei: “Elas são educadíssimas e compreensivas, qualquer coisa consegue-se com elas. Elas, que estão fora do mundo, conhecem o mundo tão bem. E quando elas falam, temos a impressão que elas são profetisas.” Pedi:

— Será que a senhora pode fazer um curativo nas minhas pernas e arranjar um local para eu tomar um banho? Já faz cinco dias que não tomo banho. E esta zona aqui é muito quente. Eu estou fedida.

A freira sorriu e disse:

— Pode entrar. Você está certa, o corpo humano tem que ser lavado todos os dias e tem que ser alimentado. O nosso corpo é muito dispendioso para nós mesmos. De onde veio?

— De Ribeirão. Estou viajando para ver se consigo sarar estas pernas.

A irmã sorriu e disse:

— Minha filha, para curar-se é necessário o repouso. Não é andando de um lado para outro. Até na sua própria casa poderia ter-se curado. Você ia na Santa Casa apenas para fazer os curativos.

- — Na minha terra não tem Santa Casa.

Fui tomar banho. Que alívio, tomar banho no banheiro, com sabonete, água quente, e uma toalha para enxugar-me, uma camisola e um roupão. Quantas gentilezas. Eu estava habituada a lidar com as pessoas rudes como o cacto.

E a irmã tão aveludada! Pensei: “As irmãs são amáveis porque têm estudo, são do tipo cinzelado.”

Fui jantar. Comi à vontade, sem constrangimento. Senti sono, fui deitar.

Despertei às cinco horas com os gorjeios das aves e as vozes das irmãs rezando a Ave-Maria. Enquanto eu dormia, elas fizeram o curativo nas minhas pernas. Levantei e fui rezar, agradecer a Deus sua interferência benéfica. Tomei

café, e fui dormir. Que gostosura aquela cama limpinha!

As irmãs me tratavam como se eu fosse uma personalidade ilustre. Eu disse-lhes que havia percorrido várias cidades e já estava cansando. “Tenho plena convicção que não vou concretizar os meus objetivos.”

A irmã dizia que podemos falar do passado mas que o futuro é imprevisível, ele poderá nos surpreender com a fatalidade ou com a felicidade.

Na enfermaria as mulheres falavam apenas da revolução. Que foi benéfica para o povo. Que havia modificado o padrão de vida do operário. O salário era compensador. Eles tinham possibilidades de ter contas bancárias. Citavam as vantagens das leis trabalhistas. O operário pode aposentar-se na velhice e recebe o salário integral. O operário estava contente com as leis. E o Getúlio já estava sendo cognominado de o pai dos pobres.

O povo era disciplinado. Não havia conspirações porque o povo não era oprimido. Eles tinham a possibilidade de adquirir o que necessitavam sem serem oprimidos, sem sacrificarem-se. Todos vestiam-se bem. Nas ruas não se distinguia quem era o pobre quem era o rico. Os preços estavam ao alcance de todos. Que inveja que eu sentia de não poder trabalhar.

Quando eu era pequena tinha saúde, e agora que estava mocinha é que fui adoecer. Ninguém me namorava e o desprezo dos homens me mortificava. Deve ser bom beijar o rosto de um homem.

Nos dias de visitas eu ficava olhando e com inveja. Todas recebiam visitas, menos eu.

— Esta é a minha mãe.

— Esta é a minha tia.

— Esta é a minha cunhada.

— Esta é a minha filha e este é o meu esposo.

Família... coisa que não tenho. Quando uma doente recebia alta, eu chorava. E os dias foram passando.

As minhas pernas continuavam na mesma. As chagas não cicatrizavam. Resolvi deixar a Santa Casa.

As irmãs imploraram:

— Fique! Nós temos tanta comida, e não temos quem coma! Nós não temos doentes. Os que adoecem aqui preferem ir para Ribeirão Preto, ou São Paulo.

Pensei: “Se me fosse possível ir até São Paulo para consultar!... Mas não tenho recursos. E melhor eu voltar para Sacramento, e seja o que Deus quiser.” Agradei às irmãs, e segui.

Quando anoitecia, dormia nas margens da estrada. Será que a minha vida vai ser atribulada assim? Eu não quero pedir esmola. Não quero roubar. Quero ser honesta. Pensava constantemente e não encontrava solução. As pessoas que me viam andando pelas estradas ficavam olhando e comentando:

— Ela deve ser louca!

Parei para descansar e ouvi uma voz que cantava

“Eu quando bebo

às vezes estranho,

as vezes bato,

também apanho.

Eu quando bebo

fico mal-educado,

brigo com a mulher

e até com o delegado.

Eu quando bebo

fico mau e valentão,

brigo com o exército
e até com o Lampeão.
Eu quando bebo
crio chifres e até roubo.
Brigo com o mundo
e até com o diabo.”

Olhando aquele homem carpindo a terra, pensei: “Será que ele me dá serviço? Vou pedir! Já compreendi que o mundo é coletivo. É uns precisando dos outros.” Perguntei-lhe:

— Moço! o senhor precisa de empregada? Eu posso lhe auxiliar na lavoura. O senhor pode me pagar um mil-réis por dia, É que eu sou doente e ninguém me dá serviço. Eu não bebo e não roubo.

Ele parou para ouvir-me e disse que poderia dar-me trabalho. Mas a sua esposa não trabalhava na roça.

— Se você ficar sozinha comigo aqui eu tenho medo da língua do povo.

Pensei: “Língua, uma coisa tão pequena e tão temida.”

Eu não sei insistir. Decidi seguir.

Ia-me encorajando a lutar, apoiada na minha curiosidade. Queria viver para ver o que os melhores dias que virão vão proporcionar-me. Quando li a vida dos santos, notei que o mundo não foi aveludado para eles.

Às quatro horas cheguei na cidade de Sales de Oliveira. Andando pelas ruas vi um anúncio na janela de uma casa: “Precisa-se de uma empregada.” Resolvi pedir o trabalho. Expliquei para a patroa que eu podia lavar a roupa, encerar a casa, limpar os vidros, e; ela podia me pagar vinte mil-réis por mês. Ela aceitou-me. Que alegria! Eu também ia ter uma patroa. Já não era relegada.

Limpei o quartinho onde eu ia dormir com a impressão que estava no

paraíso. Dependurei os meus vestidos. Circulei o olhar no quintal. Era amplo mas não tinha um canteiro de verdura nem de flores.

Às seis horas o meu patrão chegou. Ele era motorista de praça. Jantei e fui dormir.

De manhã eu notei que havia chovido. E se eu estivesse na estrada? Quer dizer que este já foi um dos meus melhores dias. Tomei café e fui limpar o quintal. Lavei as grades de ferro, o portão e encerei o portão. Lavei as roupas. Eu precisava agradecer aquela patroa para ela não despedir-me. Aquele emprego para mim era como se fosse um reconstituente que ia revigorar a minha moral. Eu tinha a impressão que não era ninguém neste mundo. E eu pretendia ser alguém, e para ser alguém é necessário empregar o seu tempo exercendo qualquer profissão.

Com o decorrer dos dias, fiquei sabendo os nomes dos patrões. Ela, dona Maria Augusta. Ele, Arnaldo Padilha. Ela era costureira. Disse-me que trabalhava em São Paulo, na Casa Alemã. Queria voltar para São Paulo, pretendia internar as meninas e trabalhar, ela e o esposo. Mas o seu esposo não queria ir para São Paulo, adorava a vida no interior.

Disse-me que foi visitar a sua madrinha. E ela obrigou-a a casar-se. O casamento é uma redoma na vida de uma mulher. Não havia motivos para desgostos, porque o- senhor Arnaldo Padilha era educadíssimo.

Trabalhei quinze dias. Ela disse-me que havia arranjado um emprego para mim, na cidade de Orlândia.

— Você deixou a casa bem limpinha, agora eu posso cuidar de tudo sozinha.

Ela deu-me uns colares e uns brincos. Foi o primeiro colar que usei na minha vida.

Eu estava calma por fora e chorando por dentro. Se eu pudesse ficar com ela para sempre. Que mulher bonita. Parecia uma boneca. Falava, tão pouco. E sabia falar. Percebia-se que ela não foi menina vadia. Tudo que ela fazia ficava bonito. Deu-me vinte mil-réis. Que alegria! Há quanto tempo eu não via dinheiro! Fiquei nervosa. Não sabia onde guardá-lo com receio de perdê-lo.

Às onze horas chegou o automóvel que ia me levar pra Orlândia. Ia observando a estrada de rodagem. Que beleza!

Quando chegamos na casa onde eu ia trabalhar, vi duas placas no portão: Dr. J. Manso Pereira. Dra. Mietta Santiago. Pensei: “Será que eles vão aceitar-me?” Apareceu uma mulata no portão e convidou-me para entrar. Quando entrei no jardim o meu coração acelerou-se como se estivesse me advertindo de algo funesto. Procurei acalmar-me pensando: “Será que irei ser feliz aqui?” Felicidade é uma lenda que os homens criaram, ela é inexistente.

A casa era numa esquina. No terraço vi várias cadeiras e bancos onde os doentes sentavam.

— O que será que vou fazer nesta casa? Lavar, passar?

A mulata indicou-me um quartinho dizendo:

— Você vai dormir aí

Estava cheio de caixotes. Ajeitei os caixotes e coloquei o colchão. E fui tomar banho para ir falar com a patroa.

Ela perguntou o meu nome, a idade, se sabia ler e escrever, tudo o que eu sabia fazer, e deu-me papel uma caneta e o tinteiro. Escrevi: “Sei lavar roupas, passá-la, remendá-la, pregar botões, fazer bolos, sabão, doces, encher frangos, encerar casa.” Entreguei-lhe o bilhete, ela leu e elogiou a minha letra. Sorri, porque uma doutora elogiar a minha caligrafia! Quando me viu sorrir, disse:

— Que dentes níveos! Pensei: “Será que estou com alguma enfermidade nos dentes?”

Ela disse-me que eu deveria varrer o quintal. Eu era inciente e desorganizada para trabalhar. Havia fartura na casa do doutor. Ele examinou-me, e fazia curativo " nas minhas pernas. Eu auxiliava a Raimunda a cuidar da casa. Que inveja que eu sentia dela que era forte, e andava por toda a cidade.

Um dia, remexendo nos caixotes, encontrei vários livros e um *Dicionário Prosódico* de João de Deus. Era a primeira vez que via um dicionário. Quando compreendi a finalidade do dicionário, procurei a palavra níveos, e sorri satisfeita, porque tinha algo atraente: os meus dentes.

A Raimunda me falava de Belo Horizonte. Quem criou-a foi a mãe do doutor Manso. A dona Segunda elogiava o pai do doutor Manso.

Dias depois chegou o irmão do doutor Manso. Outro doutor que vinha praticar com o irmão. O doutor Olinto Manso Pereira era alto. Tinha um medo de dar receitas!

Dizia:

— Deus, fazei com que eu acerte. O meu doente não deve morrer. A morte de um doente é o comprovante da incapacidade de um médico.

A Raimunda pajeava o filho da doutora Mietta, o Baby. Ele não era batizado. Os pais decidiram esperar que ele crescesse e ele mesmo escolhesse o seu nome.

Os patrões decidiram visitar São Paulo. Eu pedi à doutora Mietta para comprar uns vestidos para mim. A Raimunda foi vestida de criada: Touquinha e avental branco. Várias pessoas comentaram que aquilo era pedantismo. Que não mais se usava aquele uniforme. Que os trajes tiveram época na monarquia.

A Raimunda estava alegre porque ia conhecer a ínclita cidade de São Paulo. Ficaram fora dez dias.

Quando regressaram, falavam do progresso na cidade industrial. Mas a doutora Mietta dizia que pretendia residir no Rio de Janeiro. Não ouvia a voz do doutor Manso. Era um homem triste. Por quê, se ele tinha saúde, profissão, uma casa, esposa e filho? Quem deveria ser triste era eu. A doutora Mietta comprou três vestidos para mim. Que tecidos bonitos indesbotáveis. A dona Maria Augusta fez os vestidos. Dez cruzeiros cada um. Eu não paguei porque ganhava vinte mil-réis. Cansei daquela vida.

Decidi seguir para Sacramento. Levei os livros velhos que estavam no quartinho para eu ler. Quando chegue na minha cidade, fui recebida com hostilidade pelos meus parentes. Eu a estava mais inteligente e observava as fisionomias rancorosas. Pensei: “Eles não sentem saudades.

Minha mãe disse-me:

— Quando você chega, eu já sei que vou ter aborrecimentos. Eu já não lhe

disse para você ficar por lá? Não é implicância, nem antipatia da minha parte, é para o seu próprio bem. é Um espetáculo duro para mim presenciar eles te judiarem.

Mas eu, que nas minhas andanças dormia debaixo das árvores, era humilhada, já estava ficando insensível. Mostrei-lhe os meus vestidos. Ela achou bonito.

— Estes tecidos são de São Paulo. Foi a minha patroa quem comprou.

— Ah... você tem patroa? Deixa de ser mentirosa. Você fala isto, que é para nós acreditarmos, nós duvidamos.

Mostrei-lhe os colares. Ela escolheu um amarelo e deixou o verde para mim.

Eu comprei uma sombrinha e percebi que as minhas primas invejavam os meus vestidos. Quando elas compravam vestidos, eu não invejava.

A CULTURA

O que eu não acatava eram as vaidades inúteis. Elas trabalhavam exclusivamente para comprar roupas. Podiam trabalhar para comprar um terreno e construir uma casinha que é a coisa mais importante na vida. Eu passava os dias lendo *Os Lusíadas* de Camões, com o auxílio do dicionário. Eu ia intelectualizando-me, compreendendo que uma pessoa ilustrada sabe suportar os amarumes da vida.

Por eu ter tomado muitos remédios, minhas pernas estavam cicatrizando. Comecei a fazer projetos. “Vou ficar boa. Hei de conhecer a cidade de São Paulo.” O povo dizia que era a cidade favo de mel. Em São Paulo tem um bairro que se chama Paraíso. E a cidade de São Paulo é um paraíso para os pobres. É o estado do Brasil que tem mais estradas de ferro.

Por intermédio dos livros, eu ia tomando conhecimento das guerras que houve no Brasil, a guerra dos Farrapos, a guerra do Paraguai. Condenava esta forma brutal e desumana que o homem encontra para solucionar os seus problemas.

— Eu sentava no sol para ler. As pessoas que passavam, olhavam o dicionário e diziam:

— Que livro grosso! Deve ser o livro de são Cipriano.

Era o único livro que os incientes sabiam que existia e existe. Começaram a propalar que eu tinha um livro de são Cipriano. E comentavam:

— Então ela está estudando para ser feiticeira, para atrapalhar a nossa vida. O feiticeiro reza, e não vem chuva; o feiticeiro reza, vem a geada.

Quando a minha mãe soube, avisou-me:

— É melhor você parar de ler estes livros, já estão falando que é livro de São Cipriano, que você é feiticeira.

Eu dei uma risada estentórea. As pessoas que ficam esclarecidas e prudentes sabem conduzir-se na vida. “Eu quero sarar para sair daqui para não mais voltar.”

Eu estava contente porque as feridas estavam cicatrizando. Queria fazer uma surpresa para a minha mãe. Estava seguindo as indicações da irmã de Jardinópolis. Se eu repousasse na minha própria casa, poderia curar-me. Na minha casa eu estava tranqüila. Não me revoltava, não sentia aquela angústia interior. Quando não lia, bordava qualquer coisa.

O meu irmão que andava girando ora aqui, ora ali, apareceu. Que dó que eu sentia daqueles jovens pobres. Não podiam ficar na cidade porque a polícia perseguia-os. Os homens pobres olhavam os policiais como os gatos olham os cães. Mas isto é inciência, porque o homem que é policial também é pobre, e sabe as dificuldades que o homem pobre encontra para viver. A colméia do pobre produz o mel amarume.

Um dia estava lendo, passaram uns rapazes, pararam e pediram para ver o meu dicionário. Entreguei o livro para eles olharem. Olharam e disserem:

Ah! é mesmo o livro de São Cipriano. Como é pesado.

Percebi que eles eram pernósticos e fiquei com dó, porque a leitura beneficia tanto o homem como a mulher. Queixei-me que o meu desejo era ter saúde para trabalhar. Que a enfermidade me transformava num farrapo humano.

Quando eles saíram foram contar para o sargento que eu o havia xingado de farrapo, dizendo que eles prendiam somente os pobres. O sargento era compadre de minha prima Leonor, e deu ordem aos soldados para irem prender-me. Eu estava em casa. Não gostava de sair porque me aborrecia com o disse-que-disse em torno do meu nome.

Já estava ciente que os ricos que nascem nas cidades pequenas podem nascer nus, mas os pobres têm que nascer vestidos de paciência para suportar as ignorâncias. Assustei quando vi os policiais. Eles pararam na minha frente e deram ordem de prisão. Não perguntei por que estava sendo presa. Apenas obedeci. Minha mãe interferiu, dizendo que eu não estava fazendo nada de

errado.

— Cala a boca! E você também está presa.

Seguimos na frente dos dois policiais.

Minha mãe chorava dizendo: “Eu te disse para não vir nesta cidade. Por que você não fica com os paulistas?”

Quando chegamos na cadeia, o povo já sabia que eu estava sendo presa. Nos introduziram numa cela. Pensei na freira que me aconselhou:

— Vai para a sua terra, e lá você repousa e sara. Você não tem temperamento para ficar reclusa.

Ficamos presas dois dias sem comer. No terceiro dia o sargento nos obrigou a carpir a frente da cadeia. O povo passava na rua sem nos ver.

Eu pensava: “Admito que se dê um castigo moral aos que erram, mas eu não errei.” No quarto dia fomos carpir até ao meio-dia. As minhas mãos doíam, as feridas por falta de remédios inflamaram novamente.

A uma hora da tarde nos recolheram e o sargento foi interrogar-me:

— Então você anda dizendo que eu sou um farrapo?

Compreendi: “Ah, foi o Li quem contou.”

— Eu disse para o Li que a enfermidade me transforma num farrapo humano. E me considero inferior aos outros. Não gosto quando me dizem: “Feridenta!” Eu não tenho culpa de estar doente. Quando eu sarar quero trabalhar.

— Você anda lendo o livro de são Cipriano. Pretende botar feitiço em quem?

— Eu não creio no feitiço e não tenho o livro de são Cipriano.

— Eu tenho.

E deu-me o livro para olhá-lo e folheá-lo. Eu gostava imensamente de

livros e peguei o livro com carinho e cuidado, como se estivesse pegando uma criança recém-nascida. Mas estava nervosa para ler.

— Dizem que a senhora sai à noite e fica vagando pela cidade.

Minha mãe disse:

— Ela não sai à noite.

— Cala a boca, vagabunda!

Voltámos para a cela.

O sargento mandou um soldado preto nos espancar. Ele nos espancava com um cacete de borracha. Minha mãe queria proteger-me, colocou o braço na minha frente recebendo as pancadas. O braço quebrou, ela desmaiou, eu fui ampará-la, o soldado continuou espancando-me. Cinco dias presas e sem comer.

Minha tia foi nos visitar e levou um virado de carne com farinha. Minhas pernas incharam. Pensei: “Estes tipos devem- ser descendentes de Nerb, que era fanático pelas cenas cruéis.” O braço de minha mãe doía. Ela chorava. Um soldado de nome Isaltino me xingava:

— Esta vagabunda vive viajando. Moça direita não viaja. Diz que vai para São Paulo'.

Eu pedi à minha tia para ir falar com o senhor Aureslino de Campos, gerente do Banco, para soltar-me. Posteriormente eu lhe pagaria. Respondeu-me que não podia, precisava pagar a carceragem, vinte mil-réis.

Minhas pernas começaram a feder. Pensei: “E se der bichos?”

O meu primo Paulo arranhou os vinte mil-réis, e me soltou. Hei de considerar o meu primo Paulo como o meu único parente.

As feridas inflamaram. A minha mãe não podia lavar roupa. Nós saíamos andando nas roças pedindo esmolas. Minha mãe com o braço quebrado e eu com as pernas enfaixadas. Ganhávamos arroz, feijão, toucinho, sabão, queijo, sobras de comidas.

Minha mãe dizia:

— Você precisa deixar esta cidade.

— Está bem — concordei.

Pensava na generosidade dos paulistas.

Os pais de família proibiram suas filhas de falar comigo. Eu ia contaminá-las com os maus exemplos.

Deixamos a cidade de Sacramento. Fomos para Franca. Que luta para eu viver em Franca. Não podia trabalhar. Minha mãe arranhou emprego na casa do senhor Ignácio Calheiros. Eu ficava vagando. Que fome que eu passava!

Às vezes eu ia no emprego de minha mãe. Limpava o quintal, visando comer qualquer coisa! Não tínhamos casa. Íamos dormir na chácara do Chicholim. Era um palhaço de circo falido e anoso. Era caridoso. Era o pai da atriz Carmem Cassnel. Que homem bom!

O COFRE

Eu era uma revoltada. Comecei a viajar, procurando tratar-me. Sarei. Que alegria! Minha mãe sorria.

Arranjei emprego. Fui trabalhar nos Três Irmãos, para a dona Clélia. Me pagaria quarenta mil-réis por mês. Que mulher fina, poderia ser uma atriz ou uma artista de cinema.

Tudo que eu fazia para ela fazia com todo capricho e carinho. Não era para bajulá-la. Era por simpatia e consideração.

Que fartura! Para mim um grão de arroz tinha o valor de uma pedra de brilhante. Eu precisava revigorar a minha alma que estava descrente de tudo.

Quando recebi os vinte e cinco mil-réis, sorri e chorei porque a outra empregada da dona Clélia voltou dizendo que gostava de trabalhar só para ela. A dona Clélia era filha de italianos, casada com o senhor Abdo, um sírio. Ele sabia falar o árabe.

Com saúde, não há falta de trabalho, e eu fui desinibindo-me. Podia calçar meias. Ninguém tinha nojo de mim. Fui-me empregar na casa do senhor Emílio Bruxelas. Ele estava casado com a dona Zizinha. Que mulher séria! Esforçava-se para viver bem com os enteados, o Sinésio, o Ibraim e os outros. Quando ela cozinhava, eu olhava para aprender porque pretendia ser a tal na cozinha.

O senhor Bruxelas comprou um cofre em São Paulo. Quando chegou o cofre, eu estava varrendo a sala. O homem que fez a entrega do cofre explicava o segredo!

— O senhor roda três vezes, zero. Roda quatro vezes dois.

Eu não estava prestando muita atenção na explicação mas os dados ficaram

gravados na minha mente.

O senhor Emílio Bruxelas pegou o papel, leu e fechou o cofre. E rodou os números novamente, o cofre abriu-se. Ele pegou os objetos de valor, papéis, escrituras e um maço de dinheiro, e colocou no cofre dizendo:

— Agora sim, estou tranqüilo, posso sair de casa sossegado. Este cofre, os ladrões não conseguirão abri-lo;

A dona Zizinha, que estava esperando o seu primeiro filho, andava pela sala e pediu-me para ir preparar o café. Após o café, o homem que entregou o cofre despediu-se. Dias depois o senhor Emílio Bruxelas perdeu o papel que continha a explicação para abrir o cofre. Ficou nervoso. O senhor Jozias de Almeida disse-lhe:

— A Carolina é muito inteligente. Se ela ouviu o segredo do cofre, deve ter decorado.

Então o senhor Emílio Bruxelas, resolveu certificar-se, e procurou-me na cozinha, e olhou-me. Aquele olhar intranqüilizou-me, eu tinha a impressão de estar diante de um raio X. Percebi que ele queria dizer-me algo.

Estava chovendo. Eu sentia frio, mas não tinha agasalhos, nem esperança de ter.

Ele perguntou-me:

— A senhora viu o cofre?

— Vi, sim senhor!

— O senhor Jozias de Almeida disse-me que a senhora é muito inteligente.

Que alegria que senti. Puxa, os brancos comentando que eu sou inteligente! Isto para mim é uma honra. Então eles falavam de mim lá fora.

Mas deveria existir uma finalidade, porque aqueles homens só falavam do preço do café, comentando a época em que o Getúlio mandou queimar o excedente, que foi prejuízo para a Nação. Que se vendessem o café por um preço inferior sempre era lucro. Queimando-o foi um prejuízo total. Muitas famílias

ficaram pobres. O senhor Emílio prosseguiu:

— A senhora ouviu o homem ler o segredo do cofre?

— Ouvi, sim senhor.

— Será que a senhora pode escrever o que foi que ouviu?

Fiquei vaidosa.

— Oh! posso sim!

Ele pegou um papel e deu-me.

Escrevi: “Roda três vezes, zero. Roda quatro vezes, dois.”

Fui escrevendo o que ouvi e entreguei-lhe. Ele foi correndo abrir o cofre. Abriu. Foi procurar-me na cozinha.

— Dona Carolina a senhora pode ir-se embora. Vai arrumar as suas roupas e sai.

Fiquei apavorada porque estava chovendo. Eu não podia perguntar-lhe por que é que estava me expulsando de sua casa, se eu lhe prestara um grande favor auxiliando-o a abrir o cofre. O meu orgulho falou mais alto. Já que ele está me expulsando, vou sair sem pedir explicação. Ele deu-me trinta mil-réis eu saí. Não tinha guarda-chuva. Dei cinco passos fiquei encharcada. Não tinha ninguém nas ruas. Eu não tinha casa. Que luta!

Quando cheguei na casa da Dolores estava molha- díssima. Não quis incomodá-la. Já estava descontente de ser classificada a inferior. Que alívio, quando o dia surgiu.

Fui enxugar as minhas roupas pensando onde conseguir outro emprego. Eram muitas pessoas que precisavam trabalhar. Eu não exigia preços. Por causa da chuva, comecei a tossir.

Fui trabalhar na casa do senhor Teófilo, me mandaram embora por causa da tosse. Eu pensava que se readquirisse a saúde, ia viver como fidalga. Enganei-me. Os dias para mim ainda eram funestos e trágicos. Os meus sonhos não se

concretizavam. Queria trabalhar para cuidar de minha mãe.

Os bons empregos já estavam ocupados por pessoas de melhor aparência. Decidi procurar trabalhos fora da cidade. Nas fazendas. Nas casas do fazendeiro.

MÉDIUM

Fui trabalhar para a dona Maria Amélia, filha do Totonho Rasa, esposa do senhor Roberto Junqueira. Que patroa educada! Eu era a pajem da Nilza. Que menina bonita. Estava doente. A dona Maria Amélia era triste. Eu pensava; “Porquê, se ela é rica?”

Voltamos para a cidade. O doutor Carlos Signareli, começou a tratar a menina. Como eu gostava da dona Maria Amélia! Pensava: “Se ela não despedir-me, hei de ficar sempre com ela.” Muito elegante no falar. Olhando-a parecia uma princesa.

A menina estava morrendo e ela também. O doutor Carlos Signareli disse que era meningite. A mãe da dona Maria Amélia despediu-me, dizendo que não gostava de mim.

Quando deixei aquela casa, rezei pedindo a Deus para auxiliar a dona Maria Amélia que tinha todas as qualidades para ser canonizada.

Consegui outro emprego numa pensão. Mas não conseguia esquecer a dona Maria Amélia Junqueira. Rezava pedindo a Deus para a menina não morrer e ela não sofrer. E eu ia à igreja Nossa Senhora da Conceição, parava diante dos altares suplicando aos santos que não permitissem que a Nilza morresse. Que saudades que eu sentia da menina!

Jurei nunca mais ser pajem porque na convivência aprendemos a amar as crianças. Mas a Nilza morreu.

Eu não tinha roupas para vestir. Escrevi um bilhete para a dona Maria Amélia, pedindo-lhe os seus vestidos usados. Ela deu-os. Escrevi o bilhete com a convicção que ela não ia negar.

Quando gosto de uma pessoa, gosto de vê-la todos os dias. Eu queria ver a

dona Maria Amélia, por sentir saudades, e não queria vê-la porque ela deveria estar muito triste com a morte da Nilza.

Que sucesso, quando vesti os vestidos que a dona Maria Amélia deu! Organdi amarelo. Cheio de babados. Pensei: “Se eu pudesse vestir sempre assim!” E fui dançar.

Era horroroso viver. Eu estava trabalhando ganhando trinta mil-réis, aparecia outra, que trabalhava melhor, e ganhava vinte mil-réis por mês. Eu já estava cansando daquela vida de andarilha. Eu tinha a impressão de ser uma moeda circulando. Que vergonha que eu sentia por não termos uma casa.

Alugamos um quarto na casa de dona Narcisa. O preço do quarto era cinqüenta mil-réis por mês. Que luta para arranjar estes cinqüenta mil-réis para pagar o primeiro mês adiantado. Não tínhamos sossego, pensando: “Será que vamos arranjar dinheiro para pagar o segundo mês? Se ninguém tinha emprego fixo.” Minha mãe me olhava e dizia:

— Eu não posso confiar em você. Já percebi que você nunca vai poder auxiliar-me.

Nós dormíamos no solo. Forrávamos o chão com jornais.

Minha mãe dizia:

— Nós viramos ciganos. É horrível estar hoje aqui, amanhã ali. Estamos imitando os artistas de circo.

Eu me sentia como se fosse um refugio. Uma moeda fraca, sem cotação. Não podíamos comprar o que comer. Quando venceu o mês, não podíamos pagar. Saímos antes que a preta nos expulsasse.

A Dolores arranjou um amigo e foi viver com ele. Levou a minha mãe. Chorei e fui embora a pé, com a trouxinha nos braços. Chegar sem dinheiro era desprestígio. Mas eu só sei conseguir dinheiro honestamente. Quando cheguei na cidade, esperei que anoitecesse para eu entrar na cidade.

Mais tarde fui procurar a Dolores, que estava doente. Dor nos olhos. Minha mãe estava magrinha, queixando-se de dor no estômago. Eu via várias pessoas irem para São Paulo e pensava: “Há de chegar a minha vez.” Já havia

completado um ano que eu estava trabalhando, e não havia ganho nem cem mil-réis. Eu invejava aquelas moças que ganhavam sessenta mil-réis por mês.

Por infelicidade minha, adoeci. Que febre que eu sentia. Estava com disenteria. Gemia dia e noite.

Deitada, no salão da chácara do Chicholim, uma noite ouvi parar um carro e perguntar.

— E aqui que tem uma mulher doente?

Responderam que sim. E ò senhor Arnulfo de Lima entrou, me olhou e disse-me:

— É você mesma.

Disse que ele estava dormindo, na sua casa, e o meu espírito foi lhe pedir um auxílio: um colchão e um médico para examinar-me. Eu ainda não tinha terminado o meu ciclo de existência e não era a hora para eu desencarnar-me. Dei-lhe o meu endereço.

Eu conhecia o senhor Arnulfo de Lima. Era o dono de um centro espírita. Ele levou um médico para examinar-me. Ele aplicou-me uma injeção. Eu estava deitada nas tábuas. Que gostosura deitar naquele colchão! Dormi.

Despertei às nove da manhã com o corpo quente, com a impressão que estava sendo assada viva. Fiquei apavorada. Enchi uma banheira com água fria, entrei. Que alívio! Que sensação agradável! Quando saí da água ela estava quente. E a doença desapareceu.

Até hoje não compreendo este mistério de ir procurar o médium Arnulfo de Lima. Ele não me conhecia. Mas rezei para ele ser feliz. Eu tinha a impressão que não estava acordada, que estava sonhando. Eu queria procurar o senhor Arnulfo de Lima mas não tinha roupa. Pensava; “Por que é que o meu espírito não procurou o doutor Tomaz Nortelino, que é espírita?” Comecei a compreender que eu recebo uma proteção, e desconheço a origem. Mas fiquei alegre. Como é bom um corpo são! Fui procurar emprego, tinha a impressão que havia tomado um reconstituente.

Era o ano de 1936. O povo dizia que estava enriquecendo com o estilo do

Getúlio governar o país. Os impostos não eram onerosos. Em todos os bares e outros estabelecimentos estava exposto o retrato do nosso proeminente chefe da Nação. Os comerciantes quando davam balanços tinham um saldo favorável. Os preços eram fixos de ano para ano. Quando o operário recebia o seu dinheiro, já era designado para isto ou para aquilo. Que povo alegre!

A PATROA

Fiquei alegre quando consegui um emprego numa fazenda. Eu não podia trabalhar na cidade por não ter roupas. Na roça, qualquer coisa serve. A vida é simples, sem burocracia. Fui trabalhar na fazenda do senhor Nhonhô Rasa. Ele era surdo. Mas muito educado com os colonos. Eu era pajem. Quanto leite,, queijo e verduras! As empregadas me criticavam dizendo:

— Você é uma idiota, deixar a cidade para vir trabalhar no mato.

Quando a patroa ia na cidade, eu ia para tomar conta das crianças. Ela ia passear, ir ao cinema para distrair-se um pouco.

Eu queria um serviço de mais movimento. E ficar sentada com uma criança nos braços o dia todo foi cansando-me. Tinha a impressão que o tempo não passava. Eu pensava: “Como será que está vivendo a minha mãe?” Cansei daquela vida estagnada. Uma vida sem um amanhã promissor. Sentia um descontentamento tremendo. Que vontade de ter uma casa, uma vida ajustada!

A patroa era ótima. Eu tinha vergonha de dizer que desejava deixar o emprego. O meu desejo era viver na cidade, ir ao cinema. Dançar, entrar no cordão de carnaval “Só para moer”. O cordão era do Benedito Musa. Mas quando eu fui pedir se me aceitava no seu cordão, ele disse-me:

— Não te aceito nem para engraxar os sapatos das minhas meninas. No meu cordão não entra mendigo. Você não tem roupa.

Ele estava certo, mas fiquei nervosa.

O meu sonho era dançar ao som do *jazz-band* Bico Doce, de Ribeirão Preto. Para mim, a minha vida era semelhante a uma pedra que eu não podia erguer. De tanto pensar fui adquirindo o hábito de não reclamar, não lamentar. Para que mortificar-me com o impossível?

O patrão era amável, brincava com os empregados. Eu achava graça quando ele dizia:

— Bom dia saca-rolha!

Que ordem naquela fazenda! Os empregados queriam deixar a fazenda, mas não tinham coragem de pedir a conta. A educação dos patrões e das crianças nos impedia.

Os empregados eram tratados como se fossem da família. O senhor Nhonhô tocava discos caipira para os colonos e dizia:

- — Não se usa mais tratar os empregados com desprezo.

Quando eu pedi a dona Fiica que queria ir embora, ela não apreciou e perguntou-me:

— O que é que está te faltando aqui? Fala o que você quer que eu soluciono.

Pensei: “Vou pedir-lhe para comprar roupas para mim. Mas se ela comprar, terei que ficar com ela. Já estou cansando de viver no campo. Se fosse para eu morar nesta fazenda para plantar, aí sim. Mas eu espero que Deus ainda vai me auxiliar, hei de ter terras para plantar. Hei de ter a vida que espero ter.”

A dona Fiica, disse-me:

— Sabe, Carolina, muitas pessoas lutaram para a libertação de vocês. Mas vocês não têm apego a nada. Parecem esquilos. Eu acho vocês, negros, um povo muito difícil. Se vocês são desorganizados, é porque vocês querem. O que é que você lucra nas suas andanças? Dá a impressão que vocês entram nas nossas casas só para investigar algo e depois partem. Eu posso morar na cidade, mas a cidade não me fascina. Eu já conheço tudo. Aqui eu posso criar os meus filhos com mais conforto, e menos despesas. Morando na cidade, eu tenho que comprar quilos, e eu não gosto.

Na cozinha eram duas cozinheiras. Que fartura!

Ela disse-me:

— Quando eu for à cidade, eu te levo e te deixo lá, você já está habituada a dormir nas casas condenadas pela prefeitura.

A nossa conversa terminou, quando ouvimos a voz do senhor Nhonhô. Fui servir o almoço.

A cozinheira queria sair e já havia completado um ano que ela dizia:

— Amanhã, eu falo que quero ir embora. Amanhã eu falo que quero ir embora.

Eu tinha a impressão que a dona Fiica havia feito um curso para ser patroa. Quando ela foi na cidade levou-me de automóvel. Disse-me:

— Eu podia deixar você vir a pé. Mas eu tenho dó. Não gosto de magoar ninguém.

Pagou-me, dividi o dinheiro com a minha mãe. Fiquei com vergonha de dar-lhe só vinte mil-réis. Eu olhava o dinheiro e pensava: “Sem este papel ninguém vive. Ele nos domina, e predomina na nossa vida! Os que têm bastante são fortes, são respeitados, são os dono do leme; quem não o tem em grandes quantidades, é João-ninguém, pé-rapado, são os desconsiderados, são os fracos.” Eu só conseguia comer quando estava empregada. Era necessário procurar um emprego para viver sempre na cidade.

SER COZINHEIRA

Tive sorte fui trabalhar numa casa rica. Que palacete suntuoso! Que vontade de residir numa casa bonita e ser dona desta casa. Era sonhar com o impossível. Eu tinha a impressão que estava sobrando neste mundo.

Minha mãe pediu-me para arranjar dinheiro que ela ia voltar para Sacramento.

— Mas você nunca mais volte para aquela cidade.

O meu objetivo era conseguir os cinqüenta mil-réis. E naquela casa eu ia ganhar sessenta por mês. Eu ia ser cozinheira. Cozinhei. O primeiro dia, o patrão reclamou. Pediu mais capricho. A comida não estava gostosa.

Fiquei apavorada. Eu que pretendia ser uma boa cozinheira.

Eu era morosa. Não conseguia lavar toda a louça e cuidar da comida. A patroa me dizia:

— Parece que você não tem prática de trabalhar. Anda depressa, porque você tem que matar um frango.

Eu não sabia matar aves. Mas mesmo assim, matei. Não consegui cortar os pedaços. A patroa reclamou. Com muita luta o jantar ficou pronto.

Eu queria sair do emprego. Percebi que não dava conta do trabalho. E não sabia cozinhar à altura. Comecei a ouvir vozes iradas:

— Ordinária.

— Cadela, nojenta!

Assustei, quando olhei o rosto da patroa.

— Prepare as suas roupas e vá embora!

Que medo que eu sentia daquela patroa! No início eu já compreendi que ela não estava satisfeita com os meus afazeres. Eu estava saindo com as minhas trouxas. Encontrei com o filho da patroa, que acabava de chegar. Ouvindo sua mãe xingar-me, disse-lhe:

— Oh! mamãe! Não é assim que se trata as domésticas. Elas também são seres humanos que merecem nossa consideração.

A mãe explicou-lhe:

— E que esta negrinha matou uma galinha e não abriu a moela.

O filho da patroa deu uma risada.

Pensei: “Ah! foi por isso, que ela despediu-me.” Os rumores circularam na cidade: uma cozinheira que não abria a moela das aves. O que me favoreceu, é que a patroa não decorou o meu nome. E eu não consegui conhecer direito os habitantes daquela casa.

Quando estava na rua fiquei indecisa. Não sabia para onde ir. Procurar os parentes, eu tinha receio. Eles me olhavam como se eu fosse a culpada de suas desditas. Fui procurar a casa da Maria Vaca-brava. Ela me acolhia porque às vezes eu dividia o meu dinheiro com ela. Em certas circunstâncias, o dinheiro suplanta os juízos. Ela era tão antipática, pernóstica, era analfabeta e queria falar o clássico. Vivia decorando as palavras difíceis. Ela era atraente por causa dos dentes que eram níveos. Quando falávamos, ela me criticava.

— Você não tem ilusão, já nasceu velha. Não tem onde morar. Anda mal vestida. Se eu pudesse, eu queria morar no Rio de Janeiro. Que cidade agradável!

Ela arranjava uns trapos e eu deitava lamentando a minha vida. Eu não tolerava aquele cheiro de cachaça e cigarros.

Despertei e saí prometendo a mim mesma que havia de ser uma boa cozinheira. Ia esforçar-me para ser disputada, e não enxotada.

Na Santa Casa estavam precisando de uma cozinheira. Que sorte! Rejubilei. Me ofereci.

A irmã aceitou, pediu referências, mas as minhas patroas eram fazendeiras. Era difícil localizá-las.

A irmã resolveu aceitar-me e disse-me: “Você prova as tuas qualidades.”

Pensei: “Será que eu tenho algumas qualidades apresentáveis?”

Era para dormir na Santa Casa. Que cama limpinha! Camisolas para eu trocar. Luz elétrica. A irmã que me auxiliava na cozinha era a irmã Irinéia, que perguntou-me:

— Quantas vezes a senhora já foi nos bailes?

Pensei! Pensei e respondi:

— Umas trinta vezes, creio eu.

— Ah! Quer dizer que a senhora gosta de dançar!

— Gostar, não gosto. Mas as minhas amigas convidavam-me com insistência. Para não desagradá-las então eu compareço. A senhora sabe que os bailes, são pessoas que os fazem nas suas casas. Quando comparece muita gente, então o baile fica animado.

Esperiei que ela fizesse outra pergunta. Como ela nada dissesse continuei o meu trabalho. Servimos o almoço. Primeiro para a enfermaria dos pobres. Depois para os doentes do pavilhão. Quando os pratos voltaram eu soube que a comida foi apreciada. Lavava a louça depressa. Conservava a cozinha bem limpinha. Não queria ser repreendida, nem despedida.

Fiquei contente quando recebi a visita da irmã superiora. Veio dizer-me que a comida estava bem-feita. Que era preciso variar. Na cozinha tinha um livro de artes culinárias, eu lia à noite. Pensava na minha vida que estava melhorando. Que ordenado! Oitenta mil-réis por mês. Era o maior ordenado da cidade. Eu dava os parabéns a mim mesma, analisando a minha ascensão. Compreendi que dependia de mim mesma lutar para vencer.

Aprendi vários pratos com a irmã Irinéia. Que fartura! Quanto leite! Com aquela alimentação reconfortante, comecei engordar. Eu tinha cuidado com o asseio corporal, porque a irmã Irinéia reclamava tudo. E eu, temendo as observações da irmã, procurava aprimorar-me. Estava na cotação que de há muito tempo eu desejava. A cotação de boa empregada.

Eu me sentia como um general que havia vencido uma batalha renhida, e agora estava recebendo as condecorações. Não mais tinha medo do mundo, e nem da vida. Compreendi que uma pessoa relaxada, desorganizada, indolente, não consegue vencer na vida. Dependia de mim, adotar as belas qualidades. E fiquei analisando os fatos. Os maus têm que desligar-se da maldade, para encaixar-se neste mundo. Os desonestos, acatar a honestidade. Porque os desonestos são os tipos que não têm consciência, visam apenas o seu bem-estar. Os fortes devem orientar e esclarecer os incientes, os ignorantes. Eu não tive ninguém para guiar-me nesta vida. O que impediu-me de cair no abismo foram as palavras do vovô:

— Vocês não devem roubar! O homem que rouba não mais tem possibilidades de reabilitar-se. Não devemos enganar os que nós depositam confiança. Quando você entrar numa casa, deixe boas impressões, para você poder voltar novamente e ser recebida com sorrisos. Os que apoderam-se dos bens alheios estão comprando suas passagens para visitar o inferno.

Eu não tenho a tendência cleptomaniaca, então eu ainda vou ser feliz. Eu não entrei no mundo pela sala de visitas. Entrei pelo quintal. Eu ia vencer porque era outra.

Deixava o leito às cinco horas, ia preparar a refeição matinal dos doentes. O trabalho era suave, não me cansava. E o ordenado me incentivava. Era como se tivesse deixado uma mansarda, para habitar uma mansão.

De manhã, as freiras iam na cozinha, me cumprimentavam:

— Bênção em Cristo, irmã.

— Para sempre seja louvado.

A freira mais amável era a irmã Maria José. Que personalidade! Tinha todas as qualidades que uma mulher sensata deve ter. Olhando-a eu pensava: “Ela podia ser uma boa esposa para alguém. Poderia ser professora, jornalista e atriz.”

O meu sonho era colocá-la num altar, e adorá-la como se fosse uma santa.

Eu cuidava da cozinha como se fosse um nicho de ouro. Quando a irmã Irinéia entrava, eu notava que ela não simpatizava comigo. Mas não me atingia a sua frieza. Eu já estava aprendendo a olhar o lado prático da vida. E aquele ordenado me dominava como se fosse um freio. Ela elogiava a minha antecessora, dizia que ela era engraçada. A minha antecessora era a esposa do Vitorio. O preto mais educado da cidade de Franca, mas estava preso porque descobriram que ele era ladrão.

A irmã Irinéia perguntou-me:

— A senhora já foi na igreja?

— Algumas vezes.

Respondi meio confusa, porque eu já sabia que posterior aos interrogatórios vinha uma observação. Eu tinha a impressão que estava num duelo, e deveria ficar em guarda. Prevenida para receber o golpe.

— Então a senhora já foi diversas vezes aos bailes e nas igrejas algumas vezes?

Silenciei.

Não me fascinava aquela palestra. Preparei o almoço.

Estava super contente porque no dia da minha folga minhas amigas me olhavam com inveja. O meu ordenado era comentado em toda a cidade.

Minha mãe sorria dizendo:

— Deus resolveu te ajudar. Creio que ele ouviu as minhas orações. As mães não gostam de ver os seus filhos sofrendo.

Quando recebi dei cinqüenta mil-réis para a minha mãe, ela voltou para Sacramento. E eu fiquei com trinta mil-réis. Tinha a impressão que estava rica.

Dei um balanço nas minhas ilusões: eu pretendia comprar um palacete, comprar roupas finíssimas, um desejo irrealizável. Eu deveria retirar da minha

mente aqueles sonhos de grandeza. Eu queria comprar roupas para competir com as minhas primas. Eu estava deprimida por ter sofrido muito. Mas agora eu deveria adotar um estilo de vida para mim. “Vou viver dentro das minhas posses sem ostentação. Compreendendo que qualquer trabalho que executamos ficará mais suave com a dedicação.” Pretendia ter uma vaidade limitada.

No intervalo, eu pedia permissão à irmã para sair, fui comprar um vestido. Que alegria interior! Pretendia ter vários vestidos.

A dona Agostinha fez o vestido. Godê. Que bom ver os nossos desejos realizados! Aquele vestido tinha o efeito de uma magia no meu subconsciente. Era semelhante a um reconstituente na minha vaidade feminina.

Interrogava a mim mesma: “Será que vou ficar bonita quando usá-lo?” Para usá-lo deveria comparecer numa festa. Ou usá-lo para passear com um namorado. Eu estava duplamente feliz. Agora sim, eu poderia comparecer nos bailes sem constrangimento.

Peguei a vassoura e saí dançando na cozinha, que era espaçosa. Eu tinha a impressão que estava usando o meu vestido. Quando rodopiei, encontrei os olhos da irmã Irinéia, fitando-me. Eram uns olhos grandes ovalados. Pretos e brilhantes, como se fossem envernizados. Parei de repente, encostei a vassoura e fui ver as panelas.

A irmã disse-me:

— Creio que a senhora deveria ser bailarina, e não cozinheira.

Esqueci o vestido, as festas e dediquei-me aos meus afazeres.

As irmãs estavam preparando-se para viajar para São Paulo, iam fazer o retiro. Eram seis irmãs, viajavam de duas a duas.

Para ser sincera, comecei sentir falta das diversões, então decidi sair. Poderia ganhar menos em outra casa, mas poderia sair aos domingos, ir ao cinema, e passear. Pedi a conta. Depois que deixei o emprego, compreendi a minha insensatez...

A Dolores, minha prima, xingou-me:

— Você é burra. Idiota. Você estava ganhando quase cem mil-réis por mês e teve coragem de sair. Temos que aprender a olhar as vantagens.

Eu estava com dinheiro, fui concretizar o meu sonho. Fui ao cinema, usando o meu vestido novo. Fui visitar a dona Clélia, ela arranhou-me um emprego na residência de sua cunhada, a dona Salima. Lavar e passar. Cuidar da casa, quando ela estava na loja. Dias depois, o seu filho José viajou para São Paulo, para estudar no colégio Sírrio-Brasileiro, na avenida Paulista.

Pensei: “É em São Paulo que os pobres vão viver, é em São Paulo que os jovens vão instruir-se para transformar-se nos bons brasileiros de amanhã.”

Não avisei aos parentes onde estava trabalhando. E não saía porque o serviço era demais. Eu era sozinha para cuidar de tudo.

Um domingo fui visitar a Dolores, ela estava doente de novo, dos seus olhos escorria um líquido cor de leite. A enfermidade estava dominando-a. Fiquei com dó.

Disse-me que havia recebido cartas de minha mãe. Que a polícia estava espancando o meu tio Antônio. Fiquei pensando na minha família, eram todos analfabetos, e não poderiam viver nas grandes cidades. E a única coisa que eu poderia fazer por eles era ter apenas dó.

Respondi a carta de minha mãe pedindo que não falasse. Os pobres têm que ser afônicos. Viver no nosso país como se fôssemos estrangeiros. A ira da lei contra nós era agra. A lei pode ser severa. Mas com uma assistência, pode ser benéfica. Prende-se uma criança mas obrigando-a a estudar. Prende-se um jovem, mas ensina-se um ofício, reajustando-o na sociedade. Se um homem é pai de uma prole numerosa, o país pode auxiliá-lo a educar os filhos — este era um dos sonhos do saudoso Rui Barbosa. Que dizia que o povo necessita de um líder ou de um rei. Que um rei medíocre obriga o povo a trabalhar para completar a sua arca. Mas um rei sábio trabalha para o bem-estar do seu povo. Que qualquer um pode governar um povo correto e elevado. Que excesso de liberdade ofusca a autoridade no lar, na escola e no trabalho. Que alguém sempre é autoridade de alguém. Que um homem é líder no seu lar com a esposa e os filhos, o patrão com os empregados. Esta é uma regra da humanidade.

Trabalhei três meses para a dona Salima, ia ganhar quarenta mil-réis por mês. Quando vencia o mês eu tinha vergonha de cobrá-la. Quando completaram-

se noventa dias, decidi cobrá-la. Ela deu-me apenas dez mil-réis. Eu disse:

— Só?

Respondeu-me:

— Se não está contente, pode deixar a minha casa.

Chorei pensando na quantidade de roupas que eu lavava e passava. Cuidar do quintal, olhar a casa quando ela estava ausente. Não roubava. Cuidava de tudo como se fosse meu. Decidi procurar outro emprego. Ou deixar o interior.

Pretendia encontrar um trabalho com melhor remuneração. Eu tinha que aprender a reagir, a exigir respeito nos contratos de trabalho. Mas não tinha casa e já estava cansando da minha vida andarilha.

A patroa era estrangeira, e eu nacional. Eu não podia competir com ela. Ela era rica, e eu pobre. Ela podia mandar prender-me. Continuei trabalhando.

A patroa sorria dizendo que havia encontrado uma idiota que trabalhava quase de graça. Depois do jantar eu saía andando pela cidade, procurando emprego. Eu estava sã. Não havia obstáculo para vedar-me.

Indicaram-me uma professora que estava procurando uma criada para vir para São Paulo. Fui procurá-la, ela aceitou-me. Que alegria! Voltei correndo, fui preparar as minhas roupas. Não avisei à patroa que ia sair, ela já havia me despedido.

Até que enfim, eu ia conhecer a ínclita cidade de São Paulo! Eu trabalhava cantando, porque todas as pessoas que vão residir na capital do estado de São Paulo rejubilam como se fossem para o céu.

No dia da viagem, não dormi para não perder o horário. O trem saía às sete horas, mas eu cheguei na estação às cinco horas. Que alegria quando embarquei!

Quando cheguei à capital, gostei da cidade porque São Paulo é o eixo do Brasil. E a espinha dorsal do nosso país. Quantos políticos! Que cidade progressista. São Paulo deve ser o figurino para que este país se transforme num bom Brasil para os brasileiros.

Rezava agradecendo a Deus e pedindo-lhe proteção. Quem sabe ia conseguir meios para comprar uma casinha e viver o resto de meus dias com tranqüilidade...

ESTA OBRA FOI IMPRESSA NA PROL EDITORA GRÁFICA LTDA., PARA
A EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A., EM SETEMBRO DE MIL
NOVECENTOS E OITENTA E SEIS.

Não encontrando este livro nas livrarias, pedir pelo Reembolso Postal à Editora
Nova Fronteira S.A. — Rua Bambina, 25 — Botafogo — CEP22251 — Rio de
Janeiro

Table of Contents

<u>1</u>	<u>INFÂNCIA</u>
<u>2</u>	<u>AS MADRINHAS</u>
<u>3</u>	<u>A FESTA</u>
<u>4</u>	<u>SER POBRE</u>
<u>5</u>	<u>UM POUCO DE HISTÓRIA</u>
<u>6</u>	<u>OS NEGROS</u>
<u>7</u>	<u>A FAMÍLIA</u>
<u>8</u>	<u>A CIDADE</u>
<u>9</u>	<u>MEU GENRO</u>
<u>10</u>	<u>A MORTE DO AVÔ</u>
<u>11</u>	<u>A ESCOLA</u>
<u>12</u>	<u>A FAZENDA</u>
<u>13</u>	<u>RETORNO À CIDADE</u>
<u>14</u>	<u>DOMÉSTICA</u>
<u>15</u>	<u>A DOENÇA</u>
<u>16</u>	<u>A REVOLUÇÃO</u>
<u>17</u>	<u>AS LEIS DA HOSPITALIDADE</u>
<u>18</u>	

A CULTURA

19

O COFRE

20

MÉDIUM

21

A PATROA

22

SER COZINHEIRA